

CANTO DOS OLHOS...

Paulo Timm

Poesia

Eternidade

A eternidade é a medida do tempo sem compasso,
O homem, a eternidade a cada passo...

ÍNDICE

I – POEMARES

II - M(u)ILONGAS

III- CARTAS SEM ENDEREÇO

IV- GÊNEROS SUTIS: TROVAS E HAY KAYS

V - PENSAMENTOS E REFLEXÕES

VI- ODES E LOUVAÇÕES

VII SONETOS

VII– POIESOFIA

IX – MEU GOIÁS

X- POEMINHAS PROVERBIAIS , OUTROS PEDAGÓGICO E
OUTROS AINDA , PRETENSIVOS

I – POEMARES

Amá-la...

Fala!

Insônia.

Extravagância

Quisesse

Rimas Nada Mais...

Que fazer?

O Sofrimento do Poeta

Sonhadores

Murmúrio do mar

A grande dor

Vão Sutil

Antídoto Poético

Versos Singelos

Elas...

Em vão

Poesia breve

Amor de Mãe

Longe de mim

A vida acaba...

Pudesse

Lá pelas tantas

De onde vim

Te quero!

Querer-te!

Mulher

7 de agosto

Sonhos

Poema Económico

Janus

Inédita Vitualha

Mitério Negro

Ordálio da madrugada, segundo o Poetinha

Oh Corazón!

Meus pedaços

Eu ,c o m o...?

Uma mulher, uma casa.

Repoema

Harley Davidson , 100 anos

É incrível ...!

Águas I

Águas II

Vai Poeta

Envelhecer

Vidas

Ligeiro Toque

AMÁ-LA , AMANDO

Amá-la,
por certo,
incerto defeito...
Fi-lo,
quando ,
imperfeito decerto,
fez-me,
deserto conceito...
Hoje,
fá-lo-ia
chorando,
tudo que, um dia,
ficando,
me fez,
se fez ,
naquele pranto...

Paulo TIMM - Torres, 2006.

Fala!

Fala minha encantadora pequena!
Arranca-me com teu canto desta masmorra
Que me exila dos mais insinuantes aromas
Que outrora me enfeitavam o destino
Fala , meu encanto!
Arrasta-me pelas veredas da tua efigie
Como se fosse um tronco desvairado pela torrente
Incapaz de um seguro porto
Fala!
Mas não me condene
Pelo torpor de tão alucinada aventura

Insônia

A noite me castiga com o fel da insônia
Mas a química seromântica que trago do teu corpo
mistura-se em odores suspirantes vencendo
A adversidade.
Embriago-me de ti
Adormeço e sonho que somos duas idéias aladas
Que só pela menção se dão de perigosas anfitriãs
De inomináveis desejos
Não será este o destino das idéias?
Acordo.
Faz sol.
Vejo tudo escuro de novo
E a rima se me escapa
Dando lugar a um decúbito compacto
Falta-me o sentido. Do mundo. Das coisas. De ti

Extravagância

(À filha do pescador)

Da mulher herdou a humanidade
De original : o pecado
Deixando ao homem o registro
Do primeiro crime praticado

Triste destino esse nosso
Repetição insensata de um vai-vém eternal
Colhendo aqui o prazer, ali o remorso
No mesmo vórtice da beleza matricial

Para uns desenhado nas estrelas
Para outros estes astros revelados
Todos servos de um desiderato alado

Eu, poeta arruinado, prefiro a extravagância
Dos avessos bradar sem mendicância:
-Abre-te filha do pescador!
Dá-me , pelo menos, uma esperança...!

➤ QUISESSE - Vespertino – Daniella Bras

- Quisesse dizer. O quê ? Não sei. Pouco importa?
- Bastava que estivesse presente
- Quisesse ir até sua casa...
- E ali encontrava a porta aberta
-
- Quisesse botar no lugar na criança que sempre fui
- Deitava no seu leito, daquele jeito...
- Quisesse lhe amar...
- Transformando este desejo indômito num silencio eterno,
- Quisesse rir, rir , rir ,
- rir de todas essas e outras voragens tantas
- Convertido o mundo numa gargalhada cósmica
- Orgia "bacchica" de abismo e desespero de loucas sideréticas
- Quisesse estar apenas brincando com as palavras
- Não fosse esta “parolacia” a própria “sfumatura della mia esistenza.”....

RIMAS, NADA MAIS

Dor
Rima com flor,
que rima com amor,
que sempre rima com muita dor,
que nunca rima com a própria flor,
que deu origem ao primeiro e grande amor...

Olhos D Agua, Go, novembro 2001 QUE FAZES?

Que fazes?
Fala-me de teus gostos,
desgostos.
Por onde andam teus passos,
Compassos,
ávidos,
travessos?
De que planeta vieste,
Por acaso me viste?
Ou só de ouvir falar me soubeste?
Eu,
poeta vagabundo e triste,
de te conhecer me fiz inda mais triste,
nesta solidão mansa do
Santo Antonio de meus aguados Olhos d
sabendo-me tão longe
de teus doces olhos
igualmente tristes.

PAULO TIMM, Olhos d Água 2002

O SOFRIMENTO DO POETA

O poeta
não sofre porque sofre
mas não poderia carregar e redistribuir a dor
sem ser dela um carregador
assumindo do mundo a dor
se deixa levar sem rancor
celebrando com solenidade este pendor
da mesma forma que um feiticeiro trabalha-a-dor...

“SONHADORES”

Sonhar
é embriagar-se
com os segredos escorregadios
da própria alma
que
sempre desmentem
a austera filosofia
da
mais lúcida mente.
Então
ela se vinga e desterra
os
que vivem a sonhar
chamando-os
pejorativamente
"sonhadores"...

O MAR

O mar,

Imenso corpo crispado

Desmancha-se na praia e pergunta à areia:

-Por que me resistes,

Como uma mulher?

Não vês que quero ir mais longe?

-Ora, responde ela, ainda que mulher eu fosse,

**estaria apenas negando-te na esperança de que me convenceses do
 contrário.**

Eu não resisto.

Eu me ofereço.

Tanto que te jogas voluptuosamente

em vagas tonitruantes de prazer.

Que acabam espumando na minhas entranhas.

E nem te dás conta que este era teu verdadeiro destino...

A GRANDE DOR

Todos têm suas dores
Sendo que a maior é sempre
Daqueles que lhe são portadores
Mas eu descobri:
Enfim minha grande dor
É não ser de nenhuma delas portador...

ELES COMEM .
EU , COMO...?

Eles comem, comem, comem...

Comem com os olhos,
Comem com as mãos,
Comem com finos talheres de prata,
Comem até com os colhões...

Comem à mesa,
Comem no chão,
Comem com as patas sobre os colchões,
Comem até em pé sobre vistosos balcões.

Comem de barriga,
Comem fogo,
Comem o que der e vier,
Comem até cadáveres dependendo das situações

Comem sílabas,
Comem palavras,
Comem artefatos mil,
Comem as pedras e até as damas e seus corações

Comem os ricos,
Comem os pobres,
Comem sem complexo os poltrões,
Comem agora até os famintos graças aos cartões.

Comem tudo,
Comem todos,
Comem-se em comum amplexo nas solidões,
Comem até isolados nas multidões

Eu, perplexo, como...?

Vão sutil

Uns, a mente aprisiona
Em sua intrincada rede de enigmas
A outros, liberta
Em sua ampla tela de paradigmas

Entre uns e outros, vacilo
Empoleiro-me na poltrona
Fazendo minhas suas pernas
Indiferentes e vigorosas

E me sinto forte
Verdadeiro suporte sobre um mundo vil
Assim, me arrisco
A descobrir-me neste vão sutil

PERDOEM OS MORALISTAS

Perdoem os moralistas,
Mas o desregramento
é fundamento
Da inflorescência da vida,
Na sua alucinada reprodução.
Farejada à distância do tempo,
Sob a abóbada da primeva aurora
É sempre sob o primado da decadência,
Às vezes até degenerescência,
De costumes, até mesmo preladadas instituições,
Que emerge a cultura imponente.
Revigorando o prazer da existência,
O gosto, o gozo, do corpo o deleite,
Reiterando a ética pela estética,
No enterro das interdições.
No aterro do moralismo.
Assim foi no Antiquidade,
Mesmo no auge da Helade efervescente,
Onde o clássico impôs seu traço,
No labirinto da perdição.
Que dizer do Renascimento?
Lucrécia aventura de um raro momento,
De muitos terrível tormento ,
Que foram buscar no escuro medievo,
Amparo para um novo sacramento.
Não foi o caso do virtuoso Pedro Aretino, aliás, “Divino”,
patrono honoris causa dos sem causa,
como poetas, jornalistas e outras figuras gardelianas
Espécie de Nelson Rodrigues cretino,
Misturado com o nativo Chateaubriand,
No manejo da epistolografia de chantagem,
Na sinistra poesia da luxuriosa sacanagem,
Na popularização da pasquinagem ,
-Que imortalizaria os festejos de São Marcos ,
Ali na Piazza Navona, na eterna Roma-,
Pela satiricagem dos foderosos reinantes.
Mais tarde no auge do iluminismo,
Na ante-véspera da Grande Revolução,
Da qual somos a última geração,
Voltaire, outro cínico,
Nem por isto menos lúcido no contexto,

Entre seus pares o melhor texto,
enalteceria o Rei Sol
-Matriz do mais absoluto dissoluto-
Atribuindo-lhe papel especial
No processo da humana emancipação
Na cidade luz da prostituição.
“A vida como ela é:”
Simples
Como uma flor silvestre,
Como qualquer cio campestre,
Como uma inscrição rupestre,
Como um caído corpo celeste suscitando desejos.
Contraditória.
Na seromântica dos seu odores,
Escorregados nos deleites de furtivos amores,
Sempre entremeados pelos sussuros dos interditores.
E bela. Indescritivelmente bela.
Tão bela a ponto de Mario Lago repetir insistentemente:
“Quero saber quem a inventou ?...”

Paulo Timm – Olhos d Agua, 18 agosto de 2002

Antídoto Poético

Na poesia nada se parece com o real

A noite ilumina,
O corpo flui,
Sussuros se solidificam,
Amores se fundem na paixão,
Revivendo em segundos a eternidade,
Como a alma de uma pétala da chuva que recolhe a unidade da solidão.

Por isto ser a poesia indispensável
Afinal descobri para quê:

O melhor antídoto
Contra as doses diárias de veneno que somos obrigados a sorver
Como:

A traição dos melhores amigos
As mentiras da mulher amada
As promessas repetidas de um mundo melhor
A maquinal repetição do cotidiano sempre gris
As reiteradas verdades dos deuses e seus comparsas do saber e do fazer
Os anúncios enganosos da sociedade mercantil
O excesso de bondade dos mártires
A maldade dos tortos
E os apelos à tomada de consciência pelos que se julgam dela senhores.

Versos singelos

Todos os caminhos, - quem não sabe-?
Levam a Roma
E quem tem boca chega lá.
Bem sei eu , que não durmo de toca,
Estradeiro de mil carinhos,
Roma está no meio do fim,
E a italiana - quem diria ? -
Afim-de-mim.
Vou-me embora para a Itália
Esperar que um dia, enfim,
Ela acabe passando por lá.

O toque do poeta

O poeta
Não é
Nem nunca foi
Nem será
Senão seus versos.
Nele se oculta
E eles o consomem
Reduzindo-o
À mais absoluta nulidade
A fim de que
Tudo o que é mais desgraçado
Ganhe inconsútil graça
E tudo o que é finito
Se immortalize
No seu mero toque

Elas...

Eu não tenho um encontro marcado com a morte
Não a conheço,
Nunca a vi de perto
Aliás nem de longe...
Nem o mereci, talvez por mera sorte.

Já com a vida encontro-me todo dia,
Faça chuva
Faça sol
Aí está ela, sempre ,
Inefável e bela como um girassol

Mas será que elas – a vida e a morte –
Se conhecem?

Em vão

Já se disse
Que a obra de Deus
Foi de todo incompleta
E
Imperfeita
Tudo de Propósito.
O homem concluiria o trabalho
Fazendo-o o criador
À sua imagem e semelhança
Para o devido obrar
Razão superior
Foi
O toque
Que lhe competia apropriar
Sob o manto do livre-arbítrio
Que deveria dosar.
Assim
Tudo fez
O homem
Para assim justificar
A própria espécie entre todas
Que como sapiens deveria preservar
Tudo em vão. Nada feito.
Parece o mundo desfeito neste simples acreditar
Sábida é a natureza
Tolo o homem
Grande o equívoco
De sapiens se apresentar
Quando nada mais é ,senáo,
Do que um coração sensível a palpitar

Poesia breve

Breve é a vida
Longo é o caminho para entendê-la
Na sua simplicidade cotidiana
Quando a todos a fala o dizer engana

Fraca é a palavra
Duro o carinho para situá-la
Como um trejeito da face
Que todos escondem ao disfarçar a lágrima

Entre a vida e a frase
A eternidade que se ajeita no instante mágico
A imensidão dos sentimentos humanos
À mercê da única possibilidade de expressá-lo: A poesia

Longe de mim...

Longe de mim
Naves cintilando em invertidos mares
Ares do firmamento
À procura de si
Na loucura p-si
De seu sideral movimento

Longe de mim
Estranhos semelhantes indo e vindo nos seus avatares
Pares do momento
Escapando do sofrimento
Da mortal solidão
Indistinta multidão

Longe de mim
Acontecimentos na borda de cinescópicas matérias
Trágicas artérias
Expondo as misérias
Da sofrida humana alma
Em seus estros de exaustão

Longe de mim
A filosofia, toda a teologia, o anoitecer, o horizonte.
Longe os segredos degradantes
Que resvalam escaldantes
Deixando na carícia estafante
O insaciável desejo de si

Longe de mim
Eu mesmo
Vastidão abissal de mim mesmo

Ermo sobretudo
Estrangeiro de tudo
Brilho efêmero das intempéries solares

Estróina indecomposto de viajares.sem começo nem fim...

A vida acaba

Para que nascemos?
Biológicamente, para morrer.
Ao nascer já sabemos
Que um dia vamos morrer.

A natureza é cruel, sem contemplações.
Para ludibriá-la lhe acrescentamos,
Inúmeras e vãs justificações.
Tudo para escapar-lhe dos poderosos grilhões.

-“Nascemos para servir ao Senhor!”
-“Nascemos para viver!”
E há até os que dizem:
-“Nascemos porque voltamos a nascer!”

E assim entre sublimações e perversidades,
Outros propõe uma estética da existencia,
Muitas vezes convertida,
Em ética de prepotência

A vida acaba de qualquer jeito , quando menos se espera.
O carro bate, cai o avião, um tranco e já era.
Lá vamos nós de roldão.
Arrastados da vida , na contramão...

A vida acaba para milhões de famintos,
Um ano antes de nascer.
Leva o acaso a inocência,
As vezes na fatalidade se perder.

Uma bala perdida, uma ferida,
Tudo pode ser razão,
Para dar cabo da vida,
Do segundo numa fração.

Ontem risco natural,
Hoje um tecnológico senão,
Assim amontoam-se ao final,
Todos os que se vão.

A vida acaba ao entardecer,
Acaba num susto, de repente acaba.
Um aqui, outro acolá. Às vezes aos montes.
Com sorte , a vida custa a acabar.

A vida acaba sem traumas,
Para os que aprendem a morrer.
Os infelizes nunca se conformam,
De um dia ter que ceder.

E assim se vai a vida,
Dia-a-dia adiando o dia,
Que deixa-se levar da vida,
Sem qualquer explicação.

Não só a vida se acaba.
Nela se acaba tudo também.
Só não acaba a saudade.
que eu trago daquele então....

PauloTimm 25 fevereiro, 2002

PUDESSE

Pudesse sair hoje à rua
Recolhendo as cores do amanhecer.
Te cobriria de ousados beijos
Até o sol morrer.

Pudesse ir à beira do abismo
Colhendo as mais belas flores deste percorrer.
Te enfeitaria com dourados seixos
Deste nobre entardecer.

Pudesse ser O Senhor do fado,
E entrelaçaria o fato
Do nosso próprio Ser.

Pudesse te convencer em ato,
E teceria em cuidadoso tato,
Os delicados fios de um comum viver.

Oh glória de poder!
Oh glória de pensar!

Pudesse eu pensar!
Como pensas que posso...

Paulo Timm - Brasília, março 2002 **Lá pelas tantas...**

Lá pelas tantas não é boa literatura.
Tampouco boa postura.
Melhor dizer,
Simplesmente:
Às seis da tarde.
Em ponto.
Ingle(z)mente.
Assim situando na fissura do tempo
O ocorrido,
Ou o por ocorrer havido,
Que do futuro tomará sua parte.
Abandonando qualquer literária compostura
Para inscrever-se como acontecimento,
Estrito e petrificado momento,
De um distraído escritor,
Lá pelas tantas ...Existido

Paulo Timm - Brasília 10 de março de 2002

DE ONDE VIM EU VOLTO

De onde vim
Não me acham graça
E até me fazem troça
Chamando-me sonhador.

Vim ,então ,para o centro do mundo
Mas só vi maior ainda desgraça,
No inferno que tudo destroça,
Que me refugiei trovador.

Indo e vindo virei vagabundo,
Cantando de praça em praça,
Sentindo de perto a coça,
Da vida de poeta sofredor.

Mas como vim ainda volto
E me enfrento com a minha raça,
Pois não há como o carinho da roça
Para pensar a minha dor...

Paulo Timm – BSB – abril/2002

LEMBRANÇAS

O que são as lembranças?
Registros da memória?
Ou seus lapsos,
Geologicamente soterrados
Nas dobras do tempo,
Abrindo-se como crateras vulcânicas,
De tempos em tempos,
Dando a entender, sem que o porquê se entenda,
Que tão importante como lembrar é esquecer..

Paulo Timm – Olhos D Agua 1º de junho de 2002

TE QUERO

Despreza-me.
Joga-me , se for o caso,
na destilação glacial do melaço lunar.
Queima-me , depois,
com o desdém da ensangüentada caliandra..
Condena-me ,finalmente,
ao tronco do suplício escaldante deste agosto.
Morto de desgosto,
Trôpego,
Infeliz,
Em silêncio,
Sussurrarei :Te quero!

Paulo Timm – Olhos d Agua, agosto 2002

QUERER-TE

Como me custa querer-te!
Como me custa!
Penso num cento,
Penso num cesto,
E já nem penso, me dispenso.

Como me custa querer-te!
Como me custa!
Sento para pensar,
Sento para passar,
E já não posso, me destroço.

Como me custa querer-te!
Como me custa!
Há muito não penso,
Há muito não posso,
E já nada faço , me desfaço.

Como me custa querer-te!
Como me custa!
Nem sei se te quero
Nem sei se te espero
O único que sei é que me desespero...

Paulo Timm - Olhos d Agua, 13 de agosto 2002

MULHER

À Mônica

Então eu lhe tomei
Das mãos
E vi que eram
De porcelana fina.
Talvez da China.
As veias traçando-se em sutil desenho.
Eu compreendi,
A origem da mulher,
Na pólen celeste do mal-me-quer..

Então eu lhe abracei
O corpo
E vi que era
Tecido com fios de prata.
Do templo poundiana de Febo, em Pátara
As curvas delineando-se em inconsútil veneno.
Aí eu entendi,
O enigma da mulher,
Na encruzilhada terrestre do bem-me-quer.

Então eu lhe pousei
os lábios
E vi que eram
do mais puro marfim.
Cheios de magia delfim.
Os encantos insinuando-se em inútil lamento.
E sucumbi,
Ao conceito de mulher,
Nos versos de Baudelaire.

Paulo Timm – Olhos d Agua – 12/13 de agosto de 2002

07 de Agosto

(Paulo Timm, Olhos d'Água, 7/ago/2002)

Na tarde quente e seca deste agosto
No desgosto das incansáveis folhas desprendidas
Procuro em vão a meada do meu verso tosco
Na macarronada servida fria das manchetes estendidas

Para algo servem os noticiários...

De repente descubro que se estivessem vivos , mesmo com seus vícios
Drummond centenário
Nelson Rodrigues, 92 anos ,legendário,
Estariam , festivos, um de cada lado , comemorando seus natalícios

Para algo servem os aniversários...

Drummond, esguio, esquivo , mineiro, à esgueira
Falaria de sua infância em Itabira em oposição à máquina do mundo
Palmilhando o passo entre o cotidiano monótono dos Raimundos
E uma eternidade metafísica sem eira nem beira.

Para que serve mesmo a poesia?

Nelson, cosmopolita assumido, sempre destemido
Faria o contraponto da especulação na ruína do baixo ventre da cidade
Profetizaria mazelas escorregadias da subjetividade
Com fê cínica no fato consumido

A vida serve para quem dela se serve.

O Grande Poeta, tímido e envergonhado de sua humana condição
Pagando em imortal melodia a penitência pelo só existir
O Grande Cronista , desavergonhado e acima daquela condição
Num só afã de mostrar simplesmente a vida como ela é no seu devir .

Ambos universais..
Senhores da nossa língua.
Da nossa alma.

Sirvam-se, por favor!

SONHOS

Quem sabe de que matéria são os sonhos feitos?
E para quê são feitos?
O detalhe do quarto onde dormimos,
Um carinho perdido no tempo,
As cidades por onde passamos,
As ruas,
Todas as gentes misturadas,
E nós ali:
As vezes criança,
Idade madura,
Cabelos brancos,
Misturados com jogos infantis repetidos,
Salas de aula,
Todas as mulheres que amamos numa só.

Sonho muito com meu pai,
Meus irmãos mais velhos,
Estamos todos juntos e já não estamos,
Súbito aparecem meus filhos...
Ontem sonhei com uma senhora branda, Dona Alice,
Mãe do Leopoldo,
Um amigo de quando tinha quinze anos.
Talvez eu sempre quisesse tê-la tido como minha mãe,
Não sei.
Quê sei?
E este eterno retorno à Escola Militar?
E esta viagem a um outro mundo?
Que quererão me dizer?
Ouço vozes ao longe,
Vejo um quarto de lua da janela do meu quarto,
E mergulho mais uma vez no meu labirinto...

Poema Econômico

Sê-lo?
Como fazê-lo?
Sem tê-lo
Como consegui-lo.

É-me,
Perdoai dizê-lo,
Mais penoso ainda ouvi-lo,
Impossível , obtê-lo.

Fiz-me,
Sem querê-lo,
Incauto no meu estilo,
Ignóbil atropelo..

Janus

Fi-lo,
-Por quê não fazê-lo?-
Porque qui-lo.
Ainda que sem podê-lo,
Mas pondo tudo em querê-lo.

Fá-lo, também
- Por que detê-lo?-
Se teu bel querer em estilo,
Mesmo que sem podê-lo,
Assim o requer e faz bem.

Querer é poder com desvelo
Poder nem sempre sequer
Janus bifronte desmazelo
Põe e dispõe quando quer
Sem saber que mais se sabe quando se quer.

Inédita Vitualha

Porque comer abre fome
Carne, carne,
carne cria e consome
E toda ela em degradação
Sempre e sempre mais comida
Uma carne de cada vez
As vezes muitas carnes , a matança,
Ordálio da civilização.
Carne assada, revirada, carne pra comilança
Na alça de um monstruoso caixão.
E às vezes carne de amor
No cerne de uma esperança
E se multiplicarão púcaros de vidas
Indo e vindo
Todas também consumidas
Inédita vitualha
Sob doestos da encarnação

Mistério negro

À Abdias do Nascimento

Meu país negro,
Tão cheio de cores,
Totalmente negro
Desde a estupidez flutuante
Sobre tenazes de ferro
Inspirando os salsos tão brancos
Das montanhas de açúcar,]
Dos fardos de algodão,
Dos punhos engomados da sociedade ser-vil

Meu país negro
Tão cheio de dores
Totalmente negro
Na insensatez hiante
Sobre espirais de fumo
Delirando ternuras brandas
No auge de abolição
No mito da integração
Nos sulcos magoados da república sutil

Meu país negro,
Tão cheio de amores.
Totalmente negro
Na tez dominante
Sobre os corpos gemidos
Inspirando suaves mentiras
Sobre a cordialidade
Sobre a maldade
Nos falsos argumentos de uma democracia senil

Meu país negro,
Sorrisos negros, negras em flor
Tão cheio deles por todas partes
Tão cheio deles por todas as artes
Cheio de negros em fétidas prisões
Cheio de negras na branca perdição
Cheio de meninos negros à espera da maldição
E só um carnaval para redimi-los.
Cumprir-los

em sua impenetrável ambição

Ordálio da madrugada, segundo o poetinha

I

Meninas sozinhas, perdidas no mundo
e dentro de si., sufocantes.
Pés de açucena,
mãos despataladas,
tudo em botão.
Aurigas imortais ,
Cariátides da noite, suplicantes,
Púcaros de bacilos
Sob templos de lues,
irisadas de vergonha.

Ah meninas!
Meninas sozinhas, perdidas no mundo
E dentro de si...
No anúncio de seringas lúgubres
Um abismo hiante:
Social?
Tropical?
Existencial e antropofágico.
Procelas devastadoras em verões sufocantes:
Suplícios, doestos,
Nas vascas de uma agonia itinerante

Meninas...! Meninas...!
Sozinhas perdidas...
Tantos cheiros, tantos...
Fragrância fria , distante
E que cores?
Lâmpadas, lâmpadas tantas...
E tão frias, de uma luz cortante.
Mas que peso! Que pressa!
Bebi de copo vazio e corpo casto
- ou seria o contrário ?-
E me sinto com gosto de lua minguante.

II

As estações chuvosas são assim.
Vê-se tudo pela janela,
As vidraças desfazendo-se em lágrimas..

Como esperas de dentista.
Sempre atento ao pior.
`As cinco da manhã , pior ainda:
A angústia se veste de branco e fica como louca,
Doidona!
Sentada, em pé; sentada.., em pé...
Trocando pernas como quem dança um tango.
Porque el tango es piernas...
Espiondo o perigo
De onde ele vem mesmo , menina?
Vai pra casa!
Ah! Se fosses a Garota de Ipanema...!
Mas minha fadiga encontra seu termo
E meu desejo de evasão se esvai , desejanste,
Acovardado pelo enlevo que lhe consome.
O que mais precisa um homem senão
Deste lirismo indizível da beleza
Cínica da madrugada?
Toda desiludida de romance... .

III

Releio Vinicius, meu grande poeta
Devorador de palavras difíceis e ternas
E sucumbo ao seu verso
Seu poema maior.
Como resistir?
Ao poeta?
Ao seu verso?
Ao poeta que vive como poeta e ainda por cima
Faz versos?
Como não lê-lo?
Como não segui-lo?
Como não plagiá-lo sem qualquer pudor?
Pelo despudor que não é, dá-se!
Como o tempo frágil
Nas mãos do filósofo que ele soube ser.

Paulo Timm- Olhos d Água, fevereiro de 2008

OH CORAZÓN!

Oh! Corazón!
Não! Não digas nada!
Supor o que dirá a tua boca velada
É ouvi-lo já.
És melhor do que tu.
Sê!

(Fernando Pessoa)

Oh ! Corazón!
Não me digas nada
Quero sabê-lo pelo silêncio que fala
Antes do que pelo grito que cala
És melhor do que todas
E assim seja!

Oh! Corazón!
Nada digas!
Não dizer é o momento perfeito
Deleite de quem ama
Tormento de quem já sabe.
Amém!

Paulo Timm- Olhos d Água, um dia qualquer, de um ano qualquer...

EU EM PEDAÇOS

Primeiro meu olhar vago
Sobre teus passos indiferentes
Calçados na rota distraída de uma cidade morta.

Depois minha curiosidade
Sobre teus olhos tristes
Curvados sobre tão delicada face

Então, o interesse...
Sobre teus segredos de mulher
Travados pelo bronze ouro-mel de tua história

Dáí meu encanto súbito pela tua alma
Alma dançarina e calma
Arranhada pelo gelo de uma certa madrugada

E chegou o dia
Para bastar-me prostrado em incontido amor por ti
Amor impossível, irrealizável, como todo bom amor.

Agora minha boca em lágrimas
Desanda sobre um corpo feito vidro arranhado
Eu e meus pedaços

E a lembrança cada vez mais distante de teus cabelos ao vento...

ELES COMEM .

UMA MULHER , UMA CASA...

Era uma vez, e será-,

Eis que tudo o que se herda se desfará (*),

Uma mulher, um amor e uma casa...

.

A mulher amava o amor , que amava a casa.

A mulher inspirava o amor,

O amor aspirava `a casa.

A mulher amava muito o amor,

Mas amava mais a casa.

Uma casa onde expirava o amor.

Sólida casa,

Insólita mulher,

Sórdida história de amor...

REPOEMA (*)

Ao amigo Paulo Wagner

Mundo mundo vasto mundo! (Drummond in Poema de sete faces)

Comunhão e distância ,(Dora Ferreira da Silva in R ude suave amigo), álcool na vida. (Manuel Bandeira, in Na Boca)

Digo-lhe : Adeus...! Ou à ilusão ? (Ferreira Gullar in Agosto 1964)

Vou-me embora pra Pasárgada? (Manuel Bandeira in Vou-me embora p´ra Pasárgada)

Onde os passos feminantes fundam o timbre, (Murilo Mendes in Grafito para Ipólita)

Onde a gaivagem se transforma em galardim, (Ivan Junqueira, in Esse punhado de ossos)

E onde a loucura dorme inteira e sem lacunas? ((Jorge de Lima in O céu jamais me dê a tentação funesta”

Afinal, um galo sozinho não tece uma manhã...! (João Cabral de Mello Neto in Tecendo a Manhã)

Não sei não! Não sei se fico ou passo. (Cecília Meirelles in Motivo)

Ou se me desfaço.

Mas se todos fazem! (Francisco Alvim in “Argumento”) Por que eu não ?

Talvez porque eles passarão. E eu, passarinho...? (Mário Quintana)

Não sei se me livro deste peso terrestre, (Drummond in Evocação Mariana)

E penetro-me do verbo em seus silêncios claros . (Jorge de Lima in citado)

Como no descomeço de tudo, antes do delírio do verbo (Manoel de Barros in Uma didática da invenção)

Antes da descoberta do perdão, que do amor foi feito. (João Carlos Taveira in Soneto do Desencanto)

Não sei não!

Não sei se me despeço destas solidões sem sentido (Augusto Méier in Minuano)

Onde a quimera dorme em penhascos,
Em lugares da Terra melhores do que o Céu, (Ovaló Bilac in Alvorada
do Amor)

E onde homens ficam maiores que o próprio Deus, (Idem)

Aprontando sobrançarias sem rastros,

Como sôbolos rios que vão, (Emílio Moura, in Cantiga do Solitário)

Num desalinho de prata sobre a Gávea dos meus dias... (Paulo Mendes Campos in
Litogravura)

Não sei não! Não sei se vou ou faço.

E grafo no tempo esta luz (aquosa) do momento (Paulo Leminski, in Sinfonia
para pressa e presságio)

Em que rosas de areia reesmagam-se sob meu passo, (Zila Mamede in Banho
Rural)

E em que línguas vermelhas lambem meu ar (Augusto dos Anjos in Versos
Íntimos)

Sugerindo poemas que escorrem como filetes de sangue das minhas gengivas, (Ana
Cristina Cesar in Olho por muito tempo o corpo de um poema)

Feridos de mortal beleza... (Mário Quintana in Um poema)

Não sei não! Não sei nada.

Sei que sou como eu sou e vivo (Torquato Neto in Cogito): São na dúvida, (Paulo
Leminski, citado)

E sofro sem queixas a vida crua, alça de tripa, (Hilda Hirst in Alcoólicas)

Anti-rosa atômica, sem rosa, (Vinícius de Moraes in Rosa de Hiroshima
extremoso nada (H.Hirst, Idem)

Cultivada em translúcida lama (Hilda Hirst in Alcoólicas)

Que separa o silêncio de quem grita do escândalo que fala...(Paulo Leminski, citado)

Que sei eu?

A quem ninguém importa,

E a quem não importam nem a paisagem (M.Bandeira in Poema do Beco) nem a lenda ao longe , (Adriano Espinola in O Jangadeiro)

E cujos doces olhos, diamante-blau, (blau= referência à Anderson Braga Horta in Fragmentos da Paixão e Pedro Kilkerry in Sobre um mar de rosas que arde)) endureceram

De tanto ver pássaros sem vôo, (Ivan Junqueira, citado)

E cujo livor ouro-verde da língua soterrou a voz do vento virgem da infância. (Augusto Méier in O Minuano)

A realidade é simples. E isto apenas. (Mario de Andrade in Soneto, dezembro 1937)

Não sei não!

Tenho tudo o que não quero, (Manuel Bandeira in Belo, belo)

Mas não tenho nada do quero. (idem)

A vida inteira que podia ter sido não foi, (Manuel Bandeira in Pneumotórax), nem será. Provei do que pintou. Adolesci...(Paulo Brito in Geração Paissandu)

Tenho braços longos para receber (Vinicius de Moraes in Poema de Natal)

Mas desconfio da mão que afaga, (Augusto dos Anjos in Versos Íntimos)

Pois no meio do caminho tem uma pedra, (Drummond in No meio do caminho)

(O beijo amigo é a véspera do escarro) (Augusto dos Anjos in Versos Íntimos)

E aí não terei como consolo sequer um lenço para o pranto e os adeuses (Cecília Meirelles in Este é o lenço)

Tenho a bolsa e a vida vazias... (Newton Rossi, in Trovas)

Não sei não!

Prefiro renovar o amor renovando o pecado (Olavo Bilac in Alvorada do Amor)

Sob o céu constelado pela chuva batida (Henriqueta Lisboa in Louvação de Daniel
Amando os dedos talhados que o procuram nas ravinas do desejo.

Decididamente, não sou piedoso. Ah!!! Se fosse...!

Nunca aos sábados. Ou qualquer outro dia.

Muito menos sou cativo ou mendigo de uma pátria. (Carlos Nejar in Luiz Vaz de Camões)

Minha pátria é minha língua, (Fernando Pessoa)

A quem amo com todo o meu amor, (cont)

Pois que é carne de som que empresta à idéia (Gilka Machado in Lépidia e Leve) minha humana condição...

Não sei não!

O único que sei

É que a festa acabou (Drummond in José)

E que (meus) ossos não choram. (Ivan Junqueira in Esse punhado de ossos)

Doem pelo só fato de estarem em pé,

Sob o sol a pino onde finjo a madrugada. (Ledo Ivo in Soneto Presunçoso)

Em plena Praça,
este antro onde a liberdade,

cria águias em seu calor. (Castro Alves in A Praça)

E onde mora o acontecimento... (Cassiano Ricardo, in A Rua)

E vou, (assim) ,

como um herói melancólico, (J. Wanderley in Esses chopes)

retórico e despido, a caminho de mim (Anderson Braga Horta, in Fragmentos da Paixão)

Paulo Timm, Olhos d 'Água, 26 de janeiro de 2003

(*) Composto com os versos de diversos clássicos da poesia em português, abaixo referidos.

INCRÍVEL...!

Exilo-me de mim mesmo

Vontade de evaporar-me .

Ir saindo devagarinho,

Mansidão morna,

No meio da cena petrificada

Com o sentimento de espanto estampado.

Saio enquanto é tempo.

Nem acredito.

Nada me pedem.

Apenas constataam o refúgio do trãnsfuga.

|O que não suportou o serve-serve dos abençoados.,

Nem a pressão dos flanelinhas e seu coro de miseráveis por todos os cantos.

Todos tratados como filhos-do-programa -que-os-pariu

Contemplados com a generosidade pública dos Governos,

Na tentativa de se legitimarem

Num tempo que se extingue.

É incrível que o Brasil ainda exista...!

Nada me exigem.

Simplesmente pego as minhas coisas e me vou,

Graças ao sagrado direito de ir-e-vir dos mais que chegam.

Apenas me imaginem meio biruta.

Seria o susto de um malbaratado acidente?

Eu ,vítima ocasional ,como outros milhares,

Da violência desmedida da velocidade vazia.

Num tempo que se foi.

É incrível que alguém agüente!

Tampouco nada me agradecem

Já não digo pelo que tenha feito,

Mas pelo que não fiz ,

Pois poderia ter jogado as bombas do Trade Center,

Poderia ter explodido mil vezes as fantasmagorias do meu tempo:

Seus shoppings artificialmente brilhantes, as longas filas de blindados, passarelas...

Poderia ter tomado à força o oráculo deste destino imutável em nome do nome.

Mas não tive tempo.

E nem me agradecem...É incrível!

Rosa do Mar, SC – verão de 2004-5

AGUAS I

Águas do nada,
 brotam do ventre da geologia.
 São águas boas de morar.

Águas do ar,
 Escorrem pelos olhos do céu.
 São águas doces de esperar.

Águas da alma,
 Rolam pela sulcos da face.
 São águas salgadas que inundam o mar.

Paulo Timm. Rosa do Mar (SC), 15.08.2003

-----R-----

AGUAS II

Águas do nada,
 brotam do ventre da geologia.
 São águas boas de morar.

Águas do ar,
 Escorrem do céu.
 São águas doces de esperar.

Águas da alma,
 Escapam pelos olhos.
 São águas salgadas que inundam o mar.

VAI POETA

Vai , poeta,
Segue em frente,
Diga a que veio!

És a última esperança do que já não existe neste mundo-de-faz-conta:
A voz do homem como o vôo solitário do condor.

Conta que Deus está morto,

Já que a ciência e a filosofia vacilam ,

E que ao destino se impõe a palavra ,

A que denota, conota , esconde e guarda,

Para explicar *urbi et orbi* que o homem é o sentido dele mesmo,

O ponto final da espécie e o começo da sua verdadeira história ,

Essencialmente espiritual,

Espiritualmente elevada,

Elevadamente natural.

Ou o fim de tudo.

Mas fá-lo com o carinho do verso,

Como só os poetas soem saber,

Para não assustar os inocentes.

Das águas mais infectadas do planeta

Faça um cálice do melhor vinho;

Das terras esterilizadas pelo pisoteio da insanidade

Refaça o vale das ilusões perdidas.

E de seus ares cortados pelo desentendimento

Arma um som de alegorias irresistíveis

Explica-lhes ,com o suavidade do teu canto,

Para amortecer a dor dos que te negam,

Que o homem nada sabe,

Não fosse o intuído,

Sendo o que sabe, a aritmética dos astros,

Que sempre esteve lá, à espera de uma teoria das contas.

E o tudo , tudo que lhe anima o movimento profano, a sua alma:

Inquieta, imoral,

Fora de qualquer cálculo, Inexpugnável,

Fugaz...

Paulo Timm, Rosa do Mar , 26dejulho de 2003.

Envelhecer...

Cheguei aos sessenta na semana passada. Num dos dias mais secos deste ano de 2004. Quente de dia, quase frio sob a noite estrelada do setembro goiano. Muitos amigos, os filhos, a mulher amada, tudo em volta fazendo-me vontades e muita folgança. Uma casa de campo com inúmeros quartos e uma mesa rústica com mais de quatro metros testemunharam o fato.

Cheguei *oficialmente* à velhice. E sinto-me curiosamente feliz. Tão feliz que me lembro das últimas palavras de Gilberto Freire no leito de morte: “Que venha a amarga morte, mas que venha docemente...”. Ninguém pode negar que a velhice é a ante-sala da morte e que ambas são trágicas. Mas é na tragédia que o homem se realiza plenamente impondo-se a si mesmo o imperativo da dúvida que o castiga. Sem ilusões simplificadoras. Assim, parodiando o ilustre brasileiro digo: “Que venha a amarga velhice, mas que venha docemente...”

Este sorver a vida até o fim tem um raro sabor, que evoca saber. Ambas palavras têm a mesma origem etimológica. Sabe-se, realmente, a vida como ela é, mesmo sem ter lido Nelson Rodrigues, ao envelhecer. Nascemos escravos de um tempo, de uma geografia, de um regaço familiar. Vítimas inevitáveis da própria língua. E, lentamente, vamos abatendo, um a um, todos os ícones que nos aprisionam a tal ponto de os recuperarmos idealmente em nossas consciências como memoráveis recordações. Oscar Wilde sabia disso quando dizia que a tragédia do homem consiste em nascer jovem de corpo e velho em espírito. Pois precisamos do tempo para aprender que a existência humana só tem sentido nela mesma e que somos nós próprios os únicos capacitados a modelar este sentido. Até os deuses vêm e se vão. As ideologias, como os furacões, aparecem e desaparecem sob os escombros dos seus estragos. Os costumes mudam. Nós mortais, paradoxalmente, ficamos. Sempre os mesmo, sempre diferentes. Nunca iguais. Cada vez mais livres.

Pois a velhice é este longo curso da existência. Uma Universidade. Sem método, ou nesta bagunça de método que é a escola da vida, como gostava de dizer o saudoso Darcy Ribeiro, que nasceu velho e nunca envelheceu. Morreu muito jovem ... É este descobrir que poderemos ser muito melhores se não insistirmos em ser tão bons, ou muito piores se não insistirmos em ser tão funestos como o terrorismo contemporâneo. A velhice é esta beleza que não se revelará mais em carne, cultivando o desejo desenfreado que engana o amor. Resta-lhe, é claro, o benefício da

ciência, para atenuar-lhe os traços da indignidade física, do cansaço dos sentidos. Mas nada há de mais ridículo do que a tentativa de idoso em enganar o tempo, na vã tentativa de enganar-se a si mesmo. Tudo fruto de uma cultura de negação do envelhecer, desprovida de ritos demarcadores das várias fases de uma vida, que acabam produzindo um tipo de escapismo inconsequente, ora nas drogas, ora no narcisismo, ora nas cirurgias plásticas sem começo nem fim. Devemos substituir o tradicional : - *Ora, Você ainda está jovem!* - quando saudamos um calouro da velhice por um afetuoso: - *Parabéns, Você está chegando ao Paraíso!* Sim, porque a velhice, assumida, bem vivida, corolário de uma vida de conquistas sobre o terrenos das necessidades humanas é um verdadeiro paraíso. É o próprio Reino da Arte de Viver, quando já não precisamos correr contra o tempo, nosso principal e mítico inimigo, emblema de todos os inimigos que até os paranóicos carregam. Nem temer a morte, amarga, inevitável, mas megera domada. É aprendendo a morrer que aprendemos a viver melhor chegando ao paraíso antes do fim. -*É no meu fim que está meu começo*”. A velhice pode ser um longo renascimento quando percebida corretamente, sem os artificios da cultura dominante que a nega constantemente nos comerciais da televisão, nos melodramas da telenovelas, no mercado das ilusões. Dentro de trinta ou quarenta anos teremos tantos velhos no Brasil, como jovens, em torno de 20% de uma população superior a 200 milhões de pessoas. Temos que nos preparar individual e socialmente para esta nova realidade emergente. E isto começa pelo entendimento da velhice, oficialmente decretada aos 60 anos, pelo oportuno ESTATUTO DO IDOSO, como um processo de duração cada vez mais longo, marcado pelo respeito simultâneo do velho, porquê não dizê-lo, assim, simplesmente-velho! - por si mesmo, e do conjunto da sociedade por este segmento.

VIDAS

Os gatos têm sete vidas.
Eu quantas mortes tive e terei?
E o que terei delas feito,
E das vidas que contemplei?

Ahh!!
Ia me esquecendo.
Para morrer basta ser mortal.
Para viver, um profissional..

Fui bom menino, não nego.
Tenho até recordação
De um mimo com que brindei
Alguém que me comoveu.

Mas profissional, nunca fui.
Não troco lâmpada queimada,
Não engulo faca afiada.
Mas sou como poucos na enxada,

Quando rumino a humana miséria.
Preço para tudo, todos com seu preço,
Etiquetados por classes de inutilidade.
-“Por quanto moça, ousaria me amar...?”

Alguém também já disse
“-Nascer é uma coisa natural”,
Eu digo :
-“Morrer é uma solenidade. Ninguém morre de morte natural”.

Sucumbo.
Aceito o preço, o ônus
“-Aqui vai o bônus!”
Tudo celebração...

Minha pele pipoca, repele
Vale menos que um couro de cobra
Meus pecados doem,
E daí?

Amanhã é domingo
Uns irão à prece, outros ao cinema, outros morrerão de fome ou desespero,
A grande massa ficará frente à televisão
E o que já era velho aparecerá como novo para aliviá-los.

Qual a novidade por mais insignificante
Que não se impõe ao mais respeitável
E honrado *já-se-foi?*
Mas o que é a novidade, senão atração por uma *nova-idade?*

Do que nunca muda, por certo,
Para ficar como sempre foi
Saciando a monotonia deste falso acerto
O universo se renovando a cada novo esqueleto..

Eis-me
Senhoras e Senhores,
Não tenho nada a dizer. Só mostrar esta
Carne de sofrimento sem queixas nem deixas.

Paulo Timm , Rosa do Mar 26 de julho, 2003

LIGEIRO TOQUE

Ajeita, meu amor,
Tua cabeça
No meu peito pagão
E escuta o mar
 Que jamais se cansa
 De triturar o chão
 que lhe barra o destino.

Inclina
 teu corpo
Sobre a minha alma com - paixão
E olha o céu
 Que jamais se cansa
 De amparar este véu
 que lhe circunda o espaço.

Pousa, amor,
Teus lábios
Sobre a minha boca- coração
E ampara-me neste labirinto
 Que jamais se cansa
 De enganar cada razão
 Que invento no meu passo.

Paulo Timm – Rosa do Mar, 26 de julho 2003

II – MILONGAS

1. It takes three to tango...
2. A tvola do Amor
3. Lembrancas de Porto Alegre
- 4.

II – MILONGAS

IT TAKES THREE TO TANGO

I

Para dançar um tango,
Seja o ancestral canyengue, a milonga, ou o espetáculo fantasia,
Seja o arrastado *pugliese*, o romântico Di Sarli,
Com forte ou fraca marcação,
Há que tomá-lo como um passo decisivo.
uma atitude, um gesto.
Sabê-lo como o quê virá a seguir
E o quê ficou para trás.
Algo único, exclusivo, eterno, um *terno*,
Como uma grande paixão, um êxtase ,sublime *momentum*,
Aquele do existir,
Entre o entardecer e a madrugada,
Só o desejo como guia
Nos circunvoluções contra os ponteiros do relógio,
Como a parar o tempo,
Como a suspender a vida sobre as pernas.
Porque o tango é pernas.
Pernas longas e entrelaçadas para chegar ao âmago das coisas
Deixando a respiração por conta dos foles...
E há o requisito da elegância.
A elegância como escolha,
Pois dançar um tango é uma escolha de vida,
de modos de andar , de vestir, de olhar com firmeza
Pois não há tango sem gravata, sem chapéu, sem aura,
Até mesmo um pouco de bravata,
Como não há tango sem saltos altos,
Com altos recortes em *pilchas* oblongas e acinturadas.
Mas , sobretudo, não há tango sem entrelinhas,
Aqueles gestos medidos pelos códigos subentendidos:
Um “cabezeio”, um pé feminino avançado na contra-dança,
E sempre levar a dama à mesa, sem nunca deixá-la ao desamparo.

II

Dançar um tango
Pode significar tudo, pode significar nada, nunca a indiferença.
Pode ser a felicidade num segundo,
A eternidade como “*recuerdo*”.
Pode ser a maldição do deserdado,
Pode-se perder a mulher amada
Por ter entrado na zona das sombras escorregadias
Da arte de pequenos grupos
Reunidos à *media luz* entre murmúrios e rolos siderais de fumaça.
A multidão reduzida à solidão de um casal
À procura de um hotel, um bordel, uma guitarra...
Será sempre uma experiência que não se aprende
Certos de que , se nos entendermos bem na pista,
Nos entenderemos também na vida .
Porque o tango é tensão, é tesão, é pretensão, com muito respeito;
O respeito aos códigos que nem se dizem, nem se escrevem,
Mas sobrevivem aos solavancos da modernidade:.
O respeito à desconhecida no meio da noite,
O respeito à explosão de sensações que seu tema evoca,
O respeito a um ritual que organiza corações e mentes de uma nação.
Sim, porque se o tango é imoral, como a humana alma,
Ele também é lei - e *maula*
Que se compõe, dispõe e se impõe...

III

E há que entendê-lo sempre como uma trindade mística
A música, a dança , a canção,
A melodia, o ritmo, a harmonia,
O homem, a mulher, o *outro- a outra*,
Porque se o tango é austero,
É também sensual e passional.
Para ele inventou Deus o espanhol como sua língua preferida
E dele fez seu melhor intérprete.
Ele é passo, espaço, compasso,
Paixão, compaixão, traição.
O tango é orquestra, é tema, é o par dançando
Como se fosse um só.
Dois seres imersos em infinitas sensações.
Porque só, em comunhão das suas artes
e de suas partes o tango existe.
Ali : local, nacional, universal
Pulsando na alma argentina como um ícone estendido no tempo.
Insinuante, loquaz, impertinente,
\Perfume de mulher, charme, encanto,
Inverno rigoroso , um navio partindo corações.
Verão auspicioso no Avellaneda.
Primaveras de sucessivas expectativas ao longo do Século XX
Porque se o tango é ousadia, malícia e coreografia,
É também esperança...

IV

Ela está nos seus silêncios cadenciados,
Como pausas da existência diante do incerto,
Pois o tango é como o vento.
Alma enregelada do Prata sibilando nas esquinas,
Uma espécie de pensamento em forma de musica.
Que vem em lufadas, *lunfardos*, dialetos,
Só compreensíveis pelos *milongueros* profissionais;
Gardel, primeiro deles, a tragédia dentro do trágico,
A morte prematura nos ares queridos de “Mi Buenos Aires”,
No llores por mi Argentina!
Todos girando em círculos galáticos,
Tão naturais quanto às vaporosas borboletas
No quintal da diletta infância.
É como estar em casa,
Pé fincado na soleira da porta,
E ao mesmo tempo estar flutuando entre as estrelas.
E se uma delas cai, imagem desfeita,
É desejo satisfeito :
Basta um ligeiro toque na cintura, joelhos de leve se tocando,
E lhe há de convir um oportuno beijo.
O par perfeito, “*las locas de Mayo* ” reconciliadas com seus filhos,
A democracia rarefeita recuperada.

Mas como se dança um tango?
Da mesma maneira como se começa a vida:
Apaixonando-se.
Começando por onde falece a razão
Para dar azo à sensibilidade humana.
E há que se desnudar o espírito,
Entregar o corpo ,
E abraçar com fervor o que nos enlaça.
Por que no tango as mulheres falam
E se talham como um “soy” , quando a palavra falha
Para dar lugar a música.
E a emoção começa a crescer pela palma das mãos apertadas,
Para escorregar pelos corpos colados, pernas enleadas,
Um fremito estreito por todo o corpo
Serpenteando-se no vai-e-vém incessante da criação.
O tango dá, o tango pede, o tango até exige
Tudo mesclado numa entrega total, voraz,
Porque o tango é devorador, violento,
Mas cultua a liberdade,
Como o pilar ético de sua estética imorredoura.
Para isso subordina-se à improvisação.]
É sempre a escolha dos movimentos, dos passos, das *paraditas*.
Para o tango não há regras, ele faz suas regras ao dançar.
Glamorosa iluminura que se imprime como peixe na pedra,
Entre os suspiros dos bandoneons
e as promessas desencontradas de amantes ardentes.

A TAVOLA DO AMOR

À Artur da Tavola, que me inspirou nesta tentativa
de *re-escritura* poética de seus Ensaios de Enigma sobre o Amor .

Vida :

pulsão , harmonia e impasse

entre sistemas internos e externos em conflito.

O eu , o outro, os outros.

O que já foi e o que virá.

Coração, mentes, corpos, todos ardentes,

Suplicantes,

Lá fora o outro,os outros

Como ordem estabelecida com sua espada cortante

Despiciente

Marcando os espaços e os tempos.

A lei dos homens impondo-se sobre a lei da natureza

Antígona em prantos.

O Amor com os olhos vazados implorando compreensão.

Só a loucura o acompanha

Na vastidão do segundo con-jugado como plenitude.

Precários amantes para tamanho amor.

suplício e enigma, .

dolorosa tarefa de entregar-se a um amor

e ter que abandonar tantos outros.

Pois que entregar-se a um amor é abandonar outros.

Tantos amores dentro de um só e tamanho amor.

Tantos pedaços opostos,

incorporando dificuldades,

vivenciando a eterna imperfeição de tudo

Quanto sofrimento...!

nessa estranha divisão da alma

A procura da nitidez,

de encaixes perfeitos,

de caminhos retos,

Quando só existem situações provisórias e incertas,

Viveres sinuosos ,

pedaços de retidão,

estranhamentos

Precários seres ardentes de desejo no leito de Procusto do Amor

o amor é total, pleno,

mas a vida de quem ama é feita de pedaços,

de renúncias ,

de arrependimentos, de impossibilidades ou carências.

Eis o ENIGMA: viver simplesmente o amor como um caudaloso rio sem causa

Mas isto exige um trabalho interior penoso

Grandeza e elevação espiritual,

Equilíbrio,

Esforço de se conhecer a si mesmo.

Identificar-se

Para poder impregnar-se profundamente do outro sem o risco de perder a identidade

Antes aprofundando-a,

Como na santidade.

Paradoxo do nossos tempos:

a vida coletiviza-se

mas o ser humano se redescobre em si mesmo

no seu inconsciente e com a própria sombra.

O mundo caminha inexoravelmente para o autismo

Limite máximo do individualismo.

Só amor o redime,

No equilíbrio da relação amorosa

Não como subjugação

Mas conjugando um novo ser

Quem ama, é amando!

Em todos os tempos e pessoas,

Com o máximo de tensão na balança do “nós”.

Eis o cônjuge.

O “tu” é a oportunidade concreta de realizar a parte “nós”

sem perda da parte “eu”.

é a possibilidade de concretizar as melhores disposições do “eu”

e as mais legítimas disposições sociais do “nós”

é a descoberta e a percepção do outro.

Para quem a gente nunca será mesmo a gente,

Mas uma sombra da gente, sempre um outro,

Daí a inutilidade de se exigir o entendimento da gente

Um é um. O outro , outro. Mesmo quando um é o outro...

Mas assim é o amor: uma aflita procura do já encontrado.

O que sempre se soube que aconteceria.

E que misteriosamente se sabe quando é...

Estar amando é viver em público ,

Entre suspiros ,

-Sua melhor leitura-

O melhor de que se é capaz.

Entre fluídos de fracasso e ódios que o advertem.

E com o amor... a paz

Um estar com alguém sem medo,

sem culpa,

sem pena,

sem maiores explicações que o feito

apenas o ficar ali. Parado.

Em paz...

A paz. Esta rainha das sensações,

Nutrida na solidão, silêncio e entrega.

A paz que não se tem quando se ama.

Se é por ela inteiramente tomado,

deusa, força absoluta, exigente e casta
elevando-nos sobre ao eu externo,
ante-sala de qualquer contato maior e transcendente.
A paz é a única medida do amor.
Por ela, ele se define e transluz.
É nos dá a trégua que nos conduz até o fim da pessoa amada rapidamente,
ultrapassando peculiaridades, maneiras de ser e comportamentos.
O começo pelo fim,
Vindo o meio sempre depois com as suas insuperáveis leis.
O amor tem que correr muito rápido, chegar ao auge para re-viver os reflexos
Quando deixa de ser muito bom para ser mútuo bom...
O itinerário de Eros à Pasárgada...

Sensualidade,
Afetividade,
Segurança,
Roteiro e fundamento do amor.
Atração fugaz confundindo-se com a necessidade
Carinho confundindo-se com carícia,
Sentimento de posse selando o novo pacto.
Num primeiro momento pré- cisamos de tudo, menos de tempo.
Ele voa com o desejo.
A voragem faz parecer amor o que é apenas troca de necessidades.
Mas quando amor existe,
Ele é aquém e além da sede de quem o procura

A necessidade também bebe na fonte do amor.

Porém não é fonte. Logo amor não é.

A necessidade de sentir amor e de sentir-se amado confunde-se com o amor
e em seu nome é muitas vezes exercida.

Mas Amor é o que , mitigado, não desaparece, aumenta.

O amor pré-existe, post-existe, sub-existe e sobre-existe às vicissitudes

Não se sabe bem quando é necessidade,

porém

quando é amor sabe-se sempre.

E ele exige algum tempo para se estabelecer.

Rumo a uma etapa mais complexa: a manutenção

Impondo novos desafios à sua verdadeira construção

A pactuação de lealdades,

O compromisso ao cumpri-las,

Um ancoradouro de almas

Fazendo do amor mais do que um mero jogo de palavras.

Quem muito fala do amor dele pouco entende

Porque ele é sobretudo gesta,

Compromisso.

Lealdade.

Renúncia.

Opção , enfim.

Cronos é antecessor de Eros

Mas mesmo vencido por este ,

o condiciona e supera num processo de mútuo devotamente e fecundação.

Quem escolhe é que ama primeiro.

O escolhido nem sempre ama

Mas em realidade ou fantasia viverá o amor como esperança

até mesmo quando tenha a funda convicção de que ele não existe.

O enigma proposto é: decidir além da carência.

Mas só decide quem não ama o Amor Total. Quem ama sabe...

Decidir é mais fácil do que saber...

É ideológico, além de psicológico. Racional

Saber é sabor. É experimento. Sensação

Nunca se deveria chegar à decisão porque razão se tem.

Até porque ter razão é um perigo:

em geral enfeia um amor,

é invocado com justiça, mas quase sempre na hora errada.

Amar bonito é saber a hora de ter razão.

E é saber ter razão.

Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto.

Mesmo nos reflexos da incompatibilidade.

As pessoas se unem por mil razões,

até por amor.

Raramente pela felicidade do par.

Mas para conjugar o verbo amar é preciso conjugar o verbo ser.

Quem é , pode ser amando.

Sem precisar do outro como identificação.

Sem subjugação ou dependências

O amor é um exercício de felicidade, não de poder.

A forma amorosa de viver o amor - principalmente o amor maduro- é uma sabedoria,
arte até,

de muito poucos e raros protagonistas:

consiste em fazer feliz a quem se ama.

É tarefa muito mais difícil que a de amar.

É maturidade no amor. Quando saber amar se aprende.

O amor maduro não é menor em intensidade.

Ele é apenas quase silencioso.

Como a inocência vestida de azul para seu baile de debutante.

Não exige presenças de enfeite: amplia-se com as ausências significantes

O amor maduro não disputa,

não cobra,

pouco pergunta,

muito menos quer saber

Teme, sim. (Mas só teme o que cansa, machuca ou desgasta)

Mas não faz do amor argumento.

Basta-se com a própria existência.

Ele não pede, tem.

Não reivindica, consegue.

Não persegue, recebe.

Não exige, dá.

Não pergunta, adivinha.

Existe para fazer feliz.

Basta-se com o todo do pouco.

Não precisa nem quer nada do muito.

É a forma sublime de ser adulto.

A inocência sem enigmas. Nem mentiras.

É a face clara e imediata do amor.

A verdadeira maturidade é inocente.

Somos no mundo do Amor como paralelas encantadas...

Caminhando junto sem jamais des-encontrar

Mas quem ama também desama. E desanima.

Incompatibilidades, problemas, o impasse.

Mas os seus problemas não são Você.

Estão com você.

O ser profundo (a individualidade) oculta-se sob a couraça do que aparenta

Numa defesa artificial edificada para enfrentar “os outros”, o “outro”.

Pessoas e seus problemas também andam juntos

Mas se encontram como se uma só fosse

Na síntese reivindicante de direitos e exigências.

Que nem sempre a pessoa amada satisfaz.

Na hora do amor o impasse:

Você é bom para mim porém não é bom para meus problemas.

Só que o amor não foi inventado para resolver problemas

Ele existe e é isto apenas. Como a realidade. Como o sonho.

E como na vida até acaba resolvendo muitos problemas

A união faz a força.

E a união no amor é esta força em movimento intenso.

Complementa necessidades aparentemente essenciais

aplaca suas dores,

mágoas,

ou carências.

Confundindo até a natureza da relação amorosa

Impedindo o verdadeiro amor de vir à tona.

Pois que o amor se sabe mais no silêncio e na dúvida do que na certeza.

É hora então pôr o amor à prova

Elevando-o à sabedoria de amar.

Sabe amar quem sabe o outro, sem deixar de ser quem é.

Saber amar é conhecer o amor como forma de arte.

É uma criação, uma visão estética do amor

Saber amar implica conhecer uma porção de coisas que o amor não sabe:

esperar, deixar fluir,

não invadir as dúvidas do outro,

nem abafar as suas angústias

Quem ama desama junto

.Quem sabe amar suporta esse desamor passageiro.

Quem ama tolera ser maltratado.

È cego e inocente.

Quem sabe amar jamais...!

O saber amar tem amor-próprio, bom senso, os olhos abertos.

Dá tempo ao tempo. Espaço ao espaço.

é capaz de maldades maiores.

Mas quando desliga é para sempre.

Cuidado com quem ama!

Mas cuidado muito maior com quem sabe amar!

Quem perde um amor perde menos do que quem perde alguém que sabe amar.

Amar quase sempre atrapalha a sabedoria do amor.

O amor não vê. Só sente.

Chega a ser uma dor que se sente sem doer.

Rói os ossos, os sentidos, os olhos de quem ama

Por isso é levado pela Loucura ao abismo do desespero.

Quem ama não desiste nunca. É possuído pelo amor

Saber amar é outra coisa.

É não depender ainda que dependendo

Não ser servil, embora servindo

Não viver agradando mesmo quando agrada

Não fazer o que o outro quer., ainda que o faça

Saber amar é ter as reações certas, de compreensão e crítica

É ser um espelho que locuta sem ferir os olhos da alma,

é ocupar todo o seu lugar com muito jeito no coração do outro.

Saber amar é até saber desistir.

Já receber o amor é como saber gastar.

Arte também. Para poucos...

Nem todos que amam, ou sabem amar, aprendem a receber o Amor.

Confundem-se nesta maranha de sentimentos

Acreditam que basta amar.

Mas amar é também, além do dar e do saber amar, que é sua maturidade,

O receber o amor.

Saber receber como arte de amar.

Aqui um grande desafio :

Como modelar este afeto oferecido

Fazendo dele o mais importante que se tem?

Bastando-se este real em vez de chorar o impossível.

Fazendo-o cada vez maior e mais satisfeito.

Só ama grande quem é grande

Só é amando quem primeiro é

Realizando-se no silêncio da solidão

Para completar-se na vastidão do amor.

Mas quando o amor se vai? Termina. Acaba-se.

Como dói!

Mas por que a dor?

O que dói num amor que termina?

Certamente não o feito.

Nesse sentido é até um alívio!

O que dói é o fracasso do que poderia ter sido

do que foi acreditado,

sonhado,

imaginado junto.

São os cacos do que, mal ou bem, foi construído em comum.

É a contemplação da morte

A morte em nós mesmos

e no outro que já não existe...

Porque nada mais existe.

Foi-se com a esperança de ter sido.

Talvez a única justificável da existência humana.

A espera do Amor...

Paulo Timm- Olhos d'Água, maio de 2008 – Neste dia faleceu Artuhur da Távola

Lembranças de Porto Alegre

“Que não seja imortal posto que é chama,
Mas que seja infinito enquanto dure...”
Vinícius de Moraes

“A máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.”
Carlos Drummond de Andrade

“A mais linda ilusão dura um segundo
E dura a vida inteira uma saudade.”
Gilberto de Almeida

“Nesta aventura do sonho exposto à correnteza
Só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram”
Cecília Meireles

“Os que deixei no caminho
Sôbolos rios que vão...
Onde é que estão?”
Emílio Moura, Cantiga do Solitário, Rev.Província São Pedro ,1947

Um tributo aos meus velhos e maravilhosos amigos
J.A. Iberto Pratini de Moraes que hoje vi ,sem reconhecer, já encanecido, na televisão,
Jorge Marino de Carvalho ,no seus 60 anos e Jorge Chagas.

Brasília , 18 de fevereiro de 2002
PAULO TIMM

Ia adiantada a década dourada dos cinquenta

Mas ainda pipocavam no meu cotidiano as escaramuças de 54.
Aquele agosto amargo de ressentimentos:
O suicídio do Pai-dos-Pobres.
-“Getúlio Morreu... ! Getúlio Morreu...!”
Retratos dele ainda por todos os lados.
Nas barbearias – Ah ! ... A da General Câmara ...! -
Meu cabelo começando a transgredir onduladamente,
à James Dean, que brilhara em “Juventude Transviada”.
O pente , companheiro inseparável da carteira,
Ambos cuidadosamente guardados no bolso de trás das calças.
Calças rigorosamente frisadas, folgadas, ternos de casemira.
Alfaiates elegantes, com sotaque italiano.
Onde estará o Silvio, o mais elegante, o mais exímio?
Será que lhe fiquei devendo alguma grana?
Sapatos rigorosamente cuidados:
Engraxate era uma profissão digna, indispensável.
Pelé brilhara , em 58, na Copa da Suécia, no meio do mandato JK .
Nós o acompanhamos, grudados num “SPICA”, radinho de pilha , amostra do milagre japonês que se anunciava.Eu, Jorge Chagas, e Arnaldo,
No stand de vendas de um prédio em construção defronte o Seigné,
Onde este já trabalhava e víamos a saída das gurias de saias plissadas
(Éramos todos duros, filhos de uma classe média vinda do interior;
Coisas da vida: doença de um irmão, uma mãe viúva, um pai meio torto,
um olhar adiante ...)
E “Pelé” virara, já naquele tempo ,alcunha dos tiziús marcados pela pobreza
Mas o Pelé da Praça Daltro Filho, junto do Cine Capitólio, seria imbatível malabarista do ofício, mestre do brilho, prestidigitador da escova.
“Pelés” engraxates por todas as praças, nos cafês , pelas artérias do Centro,
O mesmo Centro onde pontificava o Cinema Imperial, ao lado do “Ghilosso”,
Sucedendo-se em telas de cinemascopo cada vez mais impressionantes
E onde as madrugadas acalentavam a fome boêmia nos balcões do “Matheus”
O salário-mínimo pagava a dignidade dos que dele viviam.
Quantos “baurus” não o teria comprado, às vésperas das eleições de 60?
Ou quantas “ média com pão e manteiga ”, o mata-fome da época?
Herança getulista que faria a caricatura do seu opositor vitorioso em 60: Janio Quadros.

-“Mataram Getúlio! Mataram Getúlio!...”
Não fazia ainda um ano da tragédia:
...“E desta forma saio da vida para entrar na História...”
Eu ia com minha mãe no bonde “Duque” sobre o Viaduto da Borges,
A mais simpática linha jamais inventada,
junto com “Um Bonde Chamado Desejo”.
E que brindava os usuários com os campeões da gentileza no seu comando.
Ela me mostra as ruínas , à esquerda:
- “Parece que era a Farroupilha, diz .Ou um Jornal. Não sei bem...”
Ainda morávamos em Santa Maria no fatídico dia de agosto
Mês em que os ventos gelados soprados do pampa arrastam consigo,

Como uma ventania de almas escorrendo dos Andes,
os “sôbolos rios que vão...”
Como se foi meu avô Afonso , filósofo de camisola, para quem
“-A vida era um manancial inesgotável de ilusões”
E se foi , também , meu sizudo e tossilento vô Alvaro,
Um atrás do outro, a marcar-me duplamente a impressão das primeiras perdas.
Ela , minha mãe , pouco sabia de Política.
Menos de Porto Alegre, onde chegamos no início de 55.
Mas nunca perdoaria o “Velho” de ter morrido justo no dia do seu aniversário.
-“Desgraçado!”, bradava. E me mostrava os escombros ,acima do Viaduto.
O mesmo viaduto que eu mal sabia fosse atravessar tantas vezes na vida.
Onde as ruínas dos “Associados” ficariam anos a fio:
um amontoado retorcido de ferros e esperanças enterradas com Getúlio
testemunhando a dor incontida dos deserdados,
Inconformados com a brutal agressão,
Ao símbolo nacional que “ele ”se convertera .
Mas ainda não seria daquela vez...
A década chegaria impávidamente dourada até o seu último suspiro.
Os tempos comprovariam.
Quem viveu, viu.
A História registrou
A firmeza da “espada de ouro” brandindo em novembro a posse de Juscelino
Cortando com precisão as dores do momento,
Tormento de todas as cores:: saudades de Santa Maria que ficara atrás,
Misturadas com as “Dores” da Paróquia e do Colégio que me acolhiam,
Na enxaqueca da minha mãe, na brotoeja da irmã caçula que tossia.
Tudo um imenso rastro de dor...

Getúlio não morreu.
Virou mito.
Superou o tempo cronológico dos mortais para entrar na eternidade e,
Dos bustos de bronze espalhados por toda parte comanda as eleições de 55, faz seus
sucessores:
Juscelino é Presidente.,
Jango Vice.
A cautela mineira abrigando o ímpeto missionário
(Todo o cuidado era pouco numa conjuntura entupida de conspiradores)
Com as mesmas bandeiras chamuscadas pelo ódio oligarca
Que pretendia sufocar o ímpeto desenvolvimentista
Da afirmação :
Da cidade sobre o campo,
Da indústria sobre a agricultura,
Do investimento sobre as exportações ,
Do engenheiro, agora revestido de geólogo e economista ,sobre os bacharéis.
A inversão do vapor elegante pelas boléias desconfortáveis que já singravam o interior,
Pioneiras nas “baratas”, como a do Velho Chico Timm, meu primo,
Depois, aos solavancos do “Bye Bye Brasil”,
A história resgatada,
A esperança abrindo caminho., estendida sobre um novo horizonte.
A dignidade mortalmente ferida recuperada,

As trinta metas começando a ser celeremente providenciadas
A meta-síntese de sua ideologia – Brasília – começando a ser erigida
Do alto do Planalto Central, vertente de muitas águas
De onde jorraria leite e mel de uma nova civilização sonhada por Dom Bosco.
Cinquenta anos em cinco.
O gigante desperta.
O Brasil se agita:
Os “reacionários” resistem à mudança. Reagem.
Estimulam levantes militares: Aragarças ,Arapongas e outros , mais velados.
Mas 60 milhões de brasileiros, mais da metade no campo,
Aventura-se no salto da modernidade idealizada.
O Rio Grande lhe respalda,
Porto Alegre honra a tradição federalista, secular, progressista: racha o PSD,
Consagra Loureiro da Silva, Pasqualini e Fernando Ferrari no PTB,
E se prepara para fazer Prefeito um fogoso engenheiro da Pensão da Densinha

Pôrto Alegre agiganta-se. Se excita: Exulta..
Por todos os seus poros
Principalmente na sua juventude que somava o esmero dos “anchietanos”,
de formação religiosa e melhor preparo,
sob o olhar amigo do Velho Padre Walter,
com a ousadia republicana dos “julianos”,
onde proliferaria o populismo de boa vertente positivista,
inspirado naquele gigante da Primeira República que lhe legara o nome:
Julio de Castilhos.
O discurso veemente substituindo-se às letras da “Província de São Pedro”,
O Rio Grande seguindo seu curso cívico:
a rima cedendo lugar às palavras de ordem.
O pêlo duro , o filho de colonos, o recém-chegado,
todos plebeus,
impondo-se, gradualmente, nos salões da época
Massa e velocidade sociais num novo ritmo:
De “Guerra Fria”: Famílias divididas
“Átomos para a Paz”: Somos todos irmãos
Brizola Prefeito seria apenas um signo destas mudanças.
Suas palestras , mais tarde, um rito na casa da Dona Eloá, mãe do Sotero,
- Ali na Rua da Praia, defronte o Majestic , reduto do Quintana -
Embora eu as assistisse mais pelo prazer da companhia da filha Carmem,
Cujos cabelos de fogo , inteligência matreira e corpo escultural
Me empolgavam : Caí de amores.
Ahh! Rua da Praia...!,
“Que não tem praia, que não tem rio ,”
e onde as “sereias” começavam a usar apertados “slacks”
para espanto de seus escandalizados pais:
“-Isto é coisa de meretrizes “, enfatizavam, contrafeitos.
Mas já era tarde. A liberação das mulheres estava acontecendo..
Rua da Praia: um monte de gente indo e vindo, parando pro cafezinho,
aglomerando-se no canto da Praça da Alfândega

em torno das rifas de irresistíveis “rabos de peixe”
(cinematográficos carros importados que incitavam o “american way of life”)
destinadas a construir o Estádio Olímpico ou outros sonhos.
A década seguia seu destino. Usava-se smocking ,
(Ainda o guardo em algum lugar, vi-o no armário de minha mãe pouco antes de ela ir-se
)
Claro , nos grandes bailes , como o de debutantes,
Nos grandes clubes:
o do Comercio, o mais disputado
O do Leopoldina Juvenil, nem pensar, era outro mundo,
O do Petrópole e da Sogipa, aí sim, se podia ousar...
Desde que se fosse “sócio-atleta”, com a vantagem de usufruir a piscicina .
Mas eram as reuniões dançantes ,nos bairros , as mais disputadas
Coincidindo , às vezes, com um aniversário de 15 anos
Ao qual jamais se levava qualquer presente. Um Chanel nº 5? Estôjo ?
Ainda assim ,era-se bem recebido, mais ainda se bem vestido,
Quando não flagrado “penetra”.
Os primeiros olhares maliciosos, rostos colados, um aperto na cintura,
A porção do paraíso no bate-coxa de um autêntico bolero, um compassado samba
canção- “Você se lembra...?” – Lupicínio impera,
E pequenas vitrolas entoando vozes vibrantes de uma época estonteante
Como a de Cauby ,reverberando C – o – n – c – e – i – ç – aaa – uuu..!
Só superado pela eletrização provocada pelos primeiros acordes do Rock
Então chamado literalmente rock-and-roll .(Vimos ao mundo com Elvis).
E que nos transformava de pés-de-valsas consumados em malabaristas de pistas
As meninas balançando loucamente as pernas ainda pudicamente cobertas por vestidos
abaixo dos joelhos
esvoaçando-as a ponto de nos tirar o fôlego.
Então redobrávamos os esforços ,
Ficávamos mais malabaristas,
.Mais ousados.
Sem saber , ficávamos também mais republicanos,
Mais urbanos.
Mais eufóricos com a liberdade.
Animados por doses redobradas de Cuba-Libre,
às vezes intercaladas por um desajeitado conhaque ,
que só não nos levava à nocaute pelo ardor da idade
que a tudo se sobrepeõe.
Só não se sobrepondo
Às incursões clandestinas aos casarões da Sete de Setembro
Às vezes espichadas aos segredos gardelianos da Voluntários da Pátria
Na Casa dos Barbantes, ou na Velha Botafogo...
De onde sobrevinham incômodos ...

Mas não havia nenhuma maldade nisto,
nem verdadeiro pecado.
Apenas um processo de iniciação numa cultura em transição.
Começo da vida,
Os primeiros amores frustrados na embriaguês da noite espêssa

Que ainda não chegava a empedrar-se em solidão,
Nem produzir fantasmas sombrios e ameaçadores,
Nem destilar-se em sofrimento.
Qual tormento?
Só promessas, ilusões, a vida fertilizando-se a cada instante.
Não raro uma incoerência, até uma maldade
(Apesar dos esforços do Fulvio Petracco, o “geninho”, em fazer-nos escoteiros, levando-nos a descobrir o Hampel, em São Francisco de Paula)
Quando uma “revoada” de meninos juntava-se todas as tardes
No Bar “Rio de Janeiro”, os mais apumados: Camilo, Goldoni, irmãos Krieger
Os mais moleques no Bar do Seu Armando português para passar o tempo:
Brandão, Zé Nogueira, os gêmeos Seadi, o Leopoldo, o Sansão
Incomodando os transeuntes,
Dando “nó de biscoito” nos fios do bonde na subida da Duque
“Enturmando” nas meninas dos colégios: o Paula Soares, o Ernesto Dornelles.
O maior prazer nos passeios matinais de Domingo, no carro dos pais
Uns, como meu pai, compreensivos desta ansiedade, generosos,
Outros francamente permissivos,
A maioria intransigente.
O meu Velho Austin – A 40, saudade pungente
Sobre o qual me fiz destro desde os tenros 13 anos
Sem que tal se constituísse em escândalo
Nem eu em desvairado vândalo.
O Nash do Madeira (!), no alto da Bronze, que eu tanto invejava
Como pouco tempo antes embasbacava diante da vizinha genial no “Clube do Guri”, no Auditório da Farroupilha. : A notável Eliz.... No mesmo dia em que o apresentador sobressaltado dizia que os russos tinham lançado o “sputnik”.
Mas acima de tudo o flamante Bel-Air do meu verdadeiro irmão destes 57,58
O Jorge Marino, do “Vista Alegre”, na subida da Duque,
Um verdadeiro primor da tecnologia em azul e branco anunciando-se pelo tilintar de uma sininho de lambreta, então na moda.
Todos condenando-me, pela paixão pelos carros antigos: Meu Landau....!
Como se desta forma pudesse recuperar um tempo mágico,
De incontida alegria.

Chegamos a 58.

Júbilo por toda parte: Cinema Novo, Bossa Nova, Manchetes, Marta Rocha...
Mas nem tudo são flores. Há inflação. O clamor contra a seca. Denúncias.
Acometem-me as primeiras preocupações,
Ainda mais sociais do que existenciais:
Para onde vamos?
Como acelerar o progresso, administrar a pobreza,
Acabar com as filas,
As vezes do leite, às vezes da carne.
A roubalheira é mesmo assim tão grande?
A idéia de que existe uma alternativa,
Uma verdade histórica inarredável
Para onde tendem os povos começa a me dominar.
Mas ainda não tenho esta certeza.
Pai militar, família pequeno-burguesa pouco ilustrada,

Eu tinha pouco instrumental
Para situar-me neste turbilhão de acontecimentos
Que me rodeavam, tonteavam, martelavam,
Fazendo-me e a meus contemporâneos matérias primas do tempo.
Os jornais “apelam”,
Juca Chaves não perdoa,
E , acidamente, reverbera em Porto Alegre sua toada crítica
As marchinhas dos carnavais de 40 dão lugar à Nara Leão e João Gilberto
Os ânimos se acirram:
A classe média porto-alegrense se refugia no conservadorismo.
O espectro da massa suburbana avulta
Numa dimensão que me era até então estranha.
Eu,
Que vinha de Santa Maria, onde a pobreza tinha um lugar definido,
Que vivia no Alto da Bronze,
Circundado pela pobreza do Cadeião do Gasômetro, da 7 de setembro,
O Pôrto.
Onde filhos de apenados , prostitutas e algumas famílias miseráveis
Coloriam, apenas, o primado da classe média.
Eram meus amigos: “Jornaleiro”, o “Zé-da-Ilha” e outros.
Mas eu , agora, via a cidade toda.
Crescendo, pulsando... Ameaçando....
Com discursos inflamados
E expectativas crescentes. Que fazer...?

O “Julio de Castilhos” era o melhor colégio
“-É para lá que eu vou, disse a meu pai.,
Lá a gente se prepara melhor”.
Era o que se ouvia, se dizia, se acreditava.
“Você se lembra? Foi isso mesmo que se deu comigo...” E não me arrependo.
Como o Colégio, pegou fogo.
Eu me inauguraria com o novo prédio , na Azenha, em 1958.
Amplio, aberto, como se nunca fosse envelhecer
Eu fazendo-me definitivamente homem ,definitivamente público,
Graças às figuras mais fantásticas desta transição
Que me iriam ensinar as letras de um novo tempo
Regando minha sociabilidade com os temperos da percepção política:
Aqui uma mãozinha na campanha para deputado do pai do meu melhor amigo, João: o
austero Adail Moraes, para mim , então, um monumento.
Ali ,uma discussão acalorada sobre a “Revolução” comandada pelo Marco Aurélio G.,
já notório “comunista” e com quem iria reencontrar-me tantas vezes vida afora, mundo
adentro: No Chile, Em Paris...No Paraíso....?
Lembram do acampamento em solidariedade à Cuba...?
Ah ! O Trajano, O Tabajara, o velho Marcão, os nomes me escapam...
Outras vezes, uma rodada de discussões sobre o futuro de cada um de nós...
E tudo acabava em excursão.
Pois os sonhos já não cabiam nas fronteiras da cidade, cada vez menor
para todos nós,
Chegavam ao Uruguai, ali do lado, mas além da linha do horizonte...

À própria Argentinha.
Então reacendiam nossos humores mais adultos, sem temores,
Na organização de tamanhas façanhas
Na montagem de estrito planejamento de viagem
(Planejamento, aliás, era uma palavra revolucionária) :
- A cobrança de longas e penosas mensalidades para custear os passeios -
Na fruição das novidades que se sucediam na viagem
Ainda guardo algumas fotos para certificar-me de que não foram devaneios
Nos sabores das noites escondidas nas dobras de Rivera e Montevideo,
A surpresa diante do discurso de uma autoridade enaltecendo o contrabando...
Tudo seguido com atenção por um camarada de outro mundo,
Para nos aguentar nestas aventuras: Ah! O Professor Roussigno
Pudesse um dia – nem que fosse na eternidade – encontrá-lo,
Abraçá-lo, agradecer-lhe,
Por nos ter ajudado nesta vivência coletiva da liberdade...
E lá se ia a década. E com ela nossas primeiras descobertas...
Os mistérios da adolescência misturando-se com o passado e o futuro
O Ser criança e o Ser adulto.
Passar para o “científico”, ou o “classico”, os últimos anos do II ciclo,
Era ultrapassar uma fronteira tênue
Intensificando a transição., prolongando-a mais três anos
No próprio Colégio
Até chegar à Universidade.
Mas para alguns era não o fim, mas um novo caminho
Que abreviaria a própria adolescência,
Uns se iam porque precisavam trabalhar, ganhar a vida logo, ajudar em casa.
Os que já tinham 18 anos , não muitos, os mais velhos
Pensavam no concurso do Banco do Brasil, ou no Estado.
Ou iam “servir”, ser vendedor (da Olivetti.) ,ou Propagandista Médico.
E , pasmem, até começavam a casar : O “Gatão “ e a Norma....
Havia , também a carreira militar rápida,
Principalmente quando os pais indicavam os caminhos já trilhados.
Elói , Joel, e Wolmer, por exemplo, foram para a Brigada Militar.
Em três ou quatro anos seriam Oficiais.Vida feita.
Eu e alguns poucos, como o Régis, confidente de décadas, fomos para a Escola de
Cadetes, na Redenção.
Ficariamos independentes .
Adultos antes do tempo
Enquanto isto, Fidel no poder prenuncia anos de chumbo grosso ‘
Imagens chocantes: Paredón, fuzilamentos ,
Simpatia de uns, os “politizados”,
Dúvidas da maioria, menos “informados”
Eu, decididamente, indeciso...
Já se vêem na rua os primeiros Volks nacionais, Brasília apronta-se:
Naves de concreto pousando suavemente no sertão impressionam o mundo,
A natureza agredida se vingaria derrubando uma árvore: na Belém-Brasília,
Que ceifa a vida do grande pioneiro Bernardo Sayão.
Imensas represas prevêem o fim dos racionamentos de energia.
Mas também se fala em crise : –“ JK é a sétima fortuna do mundo!...”: Reação,
Reforma, Revolução ?Aturdido, curioso ,como um pinto calçado,

Aos 15 anos ,vou em busca de mim e brindo, festivo ,a entrada de 1960.

Adeus “Alto da Bronze”! Adeus “ Julinho!”

Adeus formidáveis amigos Chagas, Jorge Marino , João Alberto!

Adeus Carmem! Meu primeiro amor, minha primeira dor...!Adeus Maribel, Moema!

Inspirações dos meus melhores sonhos!

III – GÊNEROS SUTIS:TROVAS E HAY KAYS

Índice

1. Dia a dia
2. Leitura, metáfora da vida
3. Ler e escrever
4. Reflexões sobre um mesmo tema
5. Sábia mais-valia
6. Saudade
7. Do amor já se disse tudo
8. Sofri mas aprendi
9. Da paixão já se disse tudo
10. Papai Noel
11. Tipo safo
12. Eu, paradoxo
13. Olhos de ver e de não ver
14. Cuidado
15. Solitário
16. Quê de mim...?
17. Campeão
18. Lidas, nada mais...
19. Preferências
20. Clonagem

21. Relatividade
22. Caminhos
23. Dilema
24. Contrafeitos
25. Arrependimento
26. Nova dimensão
27. HAY KAYS

Dia a dia...

Um dia .Outro dia se segue
Assim se sucedendo os dias
Sucede nos consumir,
Num incansável dia-a-dia

LEITURA , METAFORA DA VIDA

Ninguém nasce sabendo.
A vida se aprende vivendo.
È vivendo que se aprende a saber,
Mas lendo encurta o sofrer.

Paulo Timm, BSB – abril de 2002

LER E ESCREVER

Ninguém nasce sabendo,
A vida se aprende vivendo.
Sabe-se aprendendo a viver
Que melhor sabe a vida quando se sabe ler,
E muito mais ainda quando se começa a escrever.

Paulo Timm – BSB – abril de 2002

REFLEXÕES EM TROVA SOBRE UM MESMO TEMA

Paulo Timm com a colaboração de Newton Rossi,
grande inspirador.-
Olhos d Água - julho 2007

I

Não há governo sem crime
Nem há vida sem pecado
Mas só quem pune ou redime
Entende deste riscado

II

Não há governo sem crime
Não há vida sem pecado
O mundo pune ou redime
Aquele que andou errado

III

Não há governo sem crime
Não há vida sem riscado
Quem protestar se redime
Mas acaba com mau olhado.

IV

Não há governo sem crime
Não há homem sem pecado
Mas paga quem é flagrado
E nem boa intenção o redime

V

Não há governo sem crime
Nem há o humano sem pecado
Nem mesmo Deus se redime
Pois é o Criador do malsinado

VI

Não há governo sem crime
Nem há ninguém sem pecados
O mundo é este grande regime
De excesso de secos e molhados

VII

Não há governo sem crime
Quem jamais cometeu um pecado?
Mas a unanimidade sempre reprime
As lágrimas do último condenado.

VIII

Não há governo sem crime
Nem homem ou mulher sem pecado
Só as crianças se excluem desse regime
Entes encantados neste mundo malvado

IX

Não há governo sem crime
Nem homem sem algum pecado
Mas ai de quem se imagine
Livre de ser flagrado

X

Não há governo sem crime
Nem o humano sem o pecado
Quem duvidar tire o time
Antes de ser flagrado

SAUDADE

Entre o que ontem fui
E o que hoje sou
Tudo mudou , tudo flui,
Mas a saudade ficou..
Ainda sobre o ser
A grande questão de “ser”
Não o divide só entre ser e não ser,
O ser, é, na verdade
Uma verdade que vem a ser...

RECONCILIAÇÃO

Casais reconciliados,
Inimigos redobrados
Jamais re-encontrados
Na dobra dos seus fados.

SÁBIA MAIS VALIA

Penso, logo desisto
Existir é preciso
Pensar não é preciso
Descartes é que nada sabia
Desta sábia mais-valia

SOFRI

Sofri, mas aprendi
Só tenho a lamentar
Nada ter a acrescentar
Neste eterno ti-ti-ti...

PAIXÃO

Da paixão já se disse tudo
Nada resta decerto por dizer
Mas nela sinto sobretudo
Um desejo ardente de viver

PAPAI NOEL

Papai Noel existe sim
Tinha morada dentro de nós
Até que enjoado deu fim
Àquela convivência atroz...

TIPO SAFO

Aquele sim era um tipo safo
Que nunca poupava um desabafo
Diante da pior patifaria dizia sem hesitar
-“Até os melhores dentre nós têm que se virar...”

EU , PARADOXO

Uns ortodoxos
Outros , heterodoxos
E eu, entre eles
Seria um paradoxo ?

OLHOS DE VER E NÃO-VER

Há olhos de ver
E os há de não ver tão bem
Outros olhos hão de ver
Também o que não faz bem

CUIDADO , MUITO CUIDADO...

No dia-a-dia nos deparamos, sempre, com inúmeros desafios. Por definição, desafio é uma tarefa a ser desempenhada para a qual nunca nos consideramos plenamente preparados. Mas é como dizia minha sábia - Vó Tit- a: “Diante dele esperemos o melhor, mas estejamos preparados para o que der e vier, inclusive o pior...” Aí reside a sabedoria. Levantar de manhã, enfrentar os primeiros problemas domésticos, agüentar calado o engarrafamento do trânsito, tomar uma bronca do chefe, resolver o pepino de um cliente e ainda atender o telefone para saber (!!!!) que o cheque do aluguel voltou sem fundos, requer muita paciência. E ainda tem um dia inteiro pela frente... Ela, a paciência, é uma virtude capital. Sim, porque assim como há os Pecados Capitais, agora acrescidos pelo Papa com o desleixo frente ao meio ambiente e à corrupção, existem as Virtudes Capitais. Virtude é aquela qualidade que define a natureza da coisa a que nos referimos. No caso do homem, virtude tem ainda um sentido moral, pois se define como aquela qualidade que faz do homem um “humano”, ou seja com forte propensão à prática do bem- e o bem do homem é sua capacidade de transcender-se para poder se immortalizar. E aí entra a paciência. O homem se transcende quando é capaz de enfrentar o desafio com serenidade e preparo no manejo das armas “cotidianas”, como o guerreiro na guerra, mas ao mesmo tempo cuida seus passos com cuidado, como diria o poeta. Viver é muito perigoso, já disse também Guimarães Rosa. Um passo em falso e a vida acaba, o amor acaba, tudo se acaba. Há que se ter, pois, paciência em cada passo, a cada obstáculo, frente a cada desafio a vencer. Pronto para o que der e vier, inclusive o fracasso. A felicidade, como afirmou recentemente o Psicanalista Conrado Calligaris, é uma ilusão efêmera, talvez um equívoco. Poderia ter dito o sucesso. É quase a mesma coisa, aliás, rara na vida de qualquer um. Convivemos, diariamente, com doses pantagruélicas de insucesso. E isso não tem importância nenhuma. O mundo continua o mesmo, inclusive para nós. Trata-se, apenas de conviver com a frustração, sem dar-lhe importância. Valorizar, talvez, mais os momentos de alegria – o sexo com o ente amado, o bate-papo com amigos do peito, as tardes com as crianças no fim-de-semana, a cerveja gelada no Gelo e Cia, o cafezinho no Bar do Lázaro, o almoço de domingo junto com a família -, e saltar adiante. Sempre com muito cuidado em cada passo. As pessoas são sensíveis, os tropeços funestos. Os resultados do percalço, oooouuuuuo fracasso. Afirmar, sim, objetivos, romper paradigmas, criticar o status quo, mas com jeito e sem excesso de argumentos. No nada, nada se cria, tudo se irradia. Muitas das verdades pelas quais estamos dispostos a morrer hoje, amanhã serão mentiras deslavadas. Está aí a Inquisição, o Socialismo Real, a virgindade das mulheres e tantas outras ilusões. E o grande desafio cotidiano não consiste em morrer simbolicamente por uma grande causa, mas em saber viver mesmo sem grandes realizações. Isto está longe da mediocridade. É a essência da sabedoria em Buda, Aristóteles, Marx e Freud. Lembremo-nos de que as ilusões são meros artificios, criados por nós para ludibriarmos a mera passagem de dias vazios de tempo chuvoso. E que elas só são mesmo boas quando consagradas pelo grupo no qual nos movemos. O brado heróico do ideal grego é coisa passada. Hoje importa construir uma razão discursiva coletiva; verdade que só é verdade HOJE porque foi assim definida pela práxis social da comunidade a que pertencemos. O resto é silêncio, já disse Shakespeare... Então:

Cuidado! Muito cuidado!

Nada compromete mais a boa razão

Do que o tropeço do desajeitado
Ou o excesso de sua argumentação.

SOLITÁRIO

As rosas precisam do sol
As mulheres de muito amor
Eu solitário girassol
Só preciso do teu calor

QUÊ DE MIM...?

Que seria de um canteiro sem flores?
Que seria das mulheres sem amor?
Que seria do amor sem seus humores?
Que seria de mim sem esta dor...?

Campeão

Um time ainda que pimpão
Para sagrar-se campeão
Tem que passar primeiro
Pelo invicto Atlético mineiro.

LIDAS , NADA MAIS...

Generais lidam com soldados
Economistas, só com dados
A vida que é lida de ninguém
Exige que com ela se lide como convém

Paulo Timm - Olhos D Agua, 23 de julho de 2002

Preferência

Uns preferem as morenas
Outros nas loiras dão fé
Eu que sou meio pequeno
Me basta nelas ter pé

CLONAGEM

Nesta questão da clonagem
Muito há o que discutir
Só não está na contagem
O número de imbecis a surgir

RELATIVIDADE

Tudo na vida é muito relativo
O justo e o injusto estão em tudo
E igualmente justificável são em tudo
Tudo é nada apesar do superlativo

CAMINHOS

Assim caminha a humanidade
Na base do vale-tudo
Os tolos não param diante de nada
Os sábios diante de tudo

DILEMA

Paciência , na vida o grande dilema
Por muitos tido como estratégia
Leva-se muito tempo para aprendê-la
E vive-se tão pouco depois de tê-la...

O PATO E O PACTO

Uns caçam e o pato assam
Já outros o pato pagam no impacto
Há ainda os que se fazem de pato
Para se safar de renegado pacto

O trovador

Poeta simples é o trovador
Pois na simplicidade dos seus versos
É capaz de transformar controversos
Na plataforma do pacificador

CONTRAFEITOS

Cada qual com seu igual, diz o ditado.
-Da mesma matéria que as estrelas somos feitos.
Será que por isto ficamos contrafeitos
Quando os buracos negros são investigados?

ARREPENDIMENTO

Se arrependimento no mundo matasse
Haveria uma crise de povoamento
Pois não há quem não se arrependa
De tanto inventado e tolo tormento

NOVA DIMENSÃO

Entre o tempo e o espaço
Descobri nova dimensão
A saudade do teu abraço
Que tocou meu coração

HAY KAYS

I

Há de ser tudo

Sem pressa nem promessa

Assim con-tudo...

II

E nos amamos...

Nossos corpos unidos

E ver-des-ramos...

III

Lua cheia no ar

Tu , toda nua em mim

Eu a suspirar...

IV

Vão-se as mãos,

Ficam os anéis.

Lua triste de prata.

V

Vão-se as mão,

Ficam os anéis.

Tudo em vão.

>

IV – REFLEXÕES

1. A Arte
2. Eternidade
3. Mente do homem
4. O que se foi
5. Convite para dançar
6. Politicagem
7. A Poesia

A ARTE

A

Arte

Não tem fim

Aliás,

Não

Tem

Começo

É

Infinita

Eterna

Indelével

Não propõe

Não se decompõe

É

A própria

Imagem

Da

Simplicidade

Sem plausível explicação

Nem cabível compreensão...

LABIRINTO

A
Mente
Do homem
É
um labirinto
sutil
azul
febril
que desmente
a
afirmação
de
que
o
caminho
mais curto
entre
um
ponto
de
chegada
e
outro
de
saída
é
uma
linha
reta.

Choro

Tudo

Na

Morte

Lembra a vida de quem se foi

Por

Isto

Choramos

O

Fim de tudo

O

Que se foi.

E avivamos com flôres sua despedida...

O toque do poeta

O poeta
Não é
Nem nunca foi
Nem será
Senão seus versos.
Nele se oculta
E eles o consomem
Reduzindo-o
À mais absoluta nulidade
A fim de que
Tudo o que é mais desgraçado
Ganhe inconsútil graça
E tudo o que é finito
Se immortalize
No seu mero toque

Convite para dançar

A
Poesia
É
Simplesmente
Um
Convite
Para
Dançar
Sobre
Uma
Fina
Camada
De
Gelo
Num
Imenso
E branco
Lago
de
Inverno

E nós?

Peixes nadam,
Aves, voam,
Ventos uivam na tempestade
Como almas castigadas por um vulcão incandescente
Enquanto os fantasmas invadem a noite.
E nós...?

Politicagem

Dedicado ao meu amigo Maurício David

Na
Natureza morta
A
Entropia
É
O
Limite
De
Sua
História.
A energia , em desordem, escapa até virar pó
No
Homem vivo
É
A
Sua
Natureza
Histórica
O
Limite
Da
Entropia.
A energia nesta ordem se expande exaltada pela poesia
Entre
Um,
E
Outro
O salto no escuro.
A possibilidade exclusiva da metáfora .
A ainda dizem que o poeta é um vagabundo...

PauloTimm –BsB 24nov2001

A
Poesia
É
Como
Um
Silencioso
baile
De
Fuidos
Etéreos
Siderais
sobre
uma
lâmina
Cristalina
Num
Lago
Gelado
Em
Noite
De

V - ODES E LOUVAÇÕES

Tributo a George Harrison

Legado Socrático

Ode aos Amigos

Hemingway Eterno

Ode a Raul Gil

Ode ao Chimarrão

Ode à Escrita

Pranto a Newton Rossi

Amor de mãe

Tributo a George Harrison

Novembro,30 -2001

Sem medo da morte um menino mágico
Se despede do mundo
que ele soube fazer mais trágico
Junto com outros meninos
Também mágicos
de um tempo também trágico.
E forte
Com êle vai mais um pedaço do curto século que já se foi
Faz tempo
Levando na sua torrente os últimos suspiros da razão cativa
De uma modernidade romântica que se deixou iludir por si mesma
Arrastando multidões:
Multidões de fãs
Multidões de adeptos
Multidões de expectadores
Multidões de acordes
Todos proclamando um grito sufocado de liberdade.

Ai que saudade !
De um tempo iluminado
quando revolucionários proclamavam
A necessidade
de
“ser duros pero sin perder la ternura”!
-E eram fortes-
Não precisavam invocar ao Criador para testemunhar sua causa.

Ai que saudade!
Quando prendíamos a respiração vislumbrando
as pernas fortes mas delicadamente brancas e maravilhosas
de la Monroe
Soprados pelas mesmas baforadas que a pílula logo liberaria
Colocando o mundo inteiro de pernas para o ar
Fazendo desconcertados governantes de todas as coisas do mundo
Senhores da ordem e da desordem reinantes
Em todos os recantos da vida
a se desconcentrarem
Ficando menos fortes

Menos autoritários
Menos tortos.

Ai que saudade!
Quando voltávamos a respirar
No anúncio do fim da crise dos mísseis em Cuba
livrando a sorte do mundo da rosa violácea,
graças à inteligência de outros mágicos
que ensinariam a ler sempre nas mensagens de morte o que interessa
quando o interesse era chegar à lua,
revelar-lhe os segredos
capazes de iluminar os lados ocultos da alma humana

Ai que saudade!
Quando estudantes do mundo inteiro proclamavam
o poder da imaginação
Acordando o mundo nos acordes gentis dos meninos mágicos
Onde uma personalidade falsamente tímida
Como toda a falsa e boa poesia
introduzia a cítara
Para lembrar lá e cá
No oriente e no ocidente
que havia
something in the way
Nos novos solos
Trilhados pelos meninos mágicos.
No ar a eternidade de um século moribundo em plena pujança.
-Meninos.
-Trágicos.
O mais menino. O mais trágico:
O som forte de Harrison.
Como uma sombra
Da luz clássica
Da sua guitarra
Instrumental,
Genial.

Adeus George! My sweet Lord!

Legado Socratico

Não sei nada.
O único que sei é que nada sei.
Mas tenho que descobrir-me,
Arrancar a verdade das profundezas da consciência,
Baixá-la dos céus à terra,
Sob o crivo erótico da razão humana,
Numa aproximação crescente da sabedoria e da verdade.
Da Virtude.
Ninguém peca porque quer,
Ninguém é louco porque quer,
Ninguém é ignorante porque quer,
Ninguém é mestre de ninguém.
Sequer é mau quem quer,
Mas são todos infelizes ,
Nas apalpadelas de uma realidade sensível,
Que ludibria ,pela retórica o imutável , universal ,
Eterno.
Já o sábio , que sabe que não sabe, pode ser feliz,
Porque tem a felicidade dentro de si mesmo,
Numa equação de bem agir e de bem viver,
Sem preocupação com os resultados da ação ,
A que chamam eupraxia .
Ouço uma voz,
e toda vez que isso acontece
ela me desvia do que estou a ponto de fazer, mas nunca me leva à ação.

Não! Não importa o que eu possuo,
Mas o que conheço de mim mesmo.
Conhecendo-me , aprendo que nada sei
E , assim,
posso chegar a saber alguma coisa.
Qualquer coisa por mim descoberta,
Numa incessante indagação,
Sobre as coisas como elas simplesmente são.
Eu mesmo conhecendo-me melhor,
conhecendo-me a mim mesmo,
Compreenderei o sou pelo que faço,
O que faço pelo que sou,
Alcançando assim a virtude e a verdadeira felicidade.
Parece que o deus me designou à cidade com a tarefa de despertar,
Persuadi-los destas coisas,
e repreender cada um de vós, por toda a parte, durante todo o dia,
Quando delas se desviam.
Por isto me acusam..
Mas não se preocupem , meus amigos,
Eu nada afirmo.
Faço apenas o que minha mãe parteira faz com as vidas humanas:

Trago à luz o espírito que lhe complementa.

Se a alguns molesta o que faço,
Não os condeno.

Mas ao acusar-me, como Meleto, eles brincam com coisas sérias,
Pois não sou eu a fazer o que faço,
Mas a fazer o que fui destinado a fazê-lo.
Onde esteja,
Onde vá,
Enquanto estiver vivo.

Não fazer nada de injusto e de ímpio, isso sim me importa acima de tudo.

Portanto, não me condenem ao exílio da pátria,,
Pois seria meu destino ir de lugar em lugar
Sempre exilado.

Não me condenem a calar-me na minha pátria..
Aí sim eu estaria contrariando a vontade do deus,
Que me designou esta tarefa .
Mas vejo que muitos gostam da minha companhia.
Me escutam e me acompanham.

Parece que eles, seus filhos, seus pais,
Também apreciam o que faço..

Não há ninguém a quem eu tenha feito concessões com desprezo da justiça
e por medo.

E se tiverem juízo

Verão que, na minha idade, aos setenta,

As coisas tendem a se resolver “naturalmente”.

Porque não adianta matar os homens pelo que fazem,

Quando o que fazem é melhor do que o que os acusam.

Nunca um homem pior poderá fazer mal a um melhor.

Mesmo matando-o.

Apresento, enfim,

um testemunho suficiente da verdade do que digo: a minha pobreza.

Fui vencido.

**Perdi por falta ,
não de raciocínios, mas de audácia
e impudência.**

E por não querer dizer-vos coisas tais que vos teriam sido gratíssimas de ouvir,
choramingando:

Lamentando-me ,

fazendo e dizendo muitas coisas indignas

que estais habituados a ouvir de outros.

Não farei isto.

Minha mulher e meus filhos não verão este espetáculo.

Vou morrer. Mas sem medo.

Talvez o difícil não seja isso: fugir da morte.

Bem mais difícil é fugir da maldade,

que corre mais veloz do que a morte,

como a insídia do povo,
da qual nem o mais sábio e virtuoso escapa.
Também a morte me leva a pensar:
Ter medo da morte significa imaginar que sabemos o que não sabemos ,
pois sobre ela ignoramos tudo,
e nem mesmo sabemos se não é um grande bem para nós.
Temer a morte não é outra coisa que parece ter sabedoria, não tendo..
É , de fato, parecer saber o que não se sabe.
Não sabendo coisas bastante do Hades,
delas não fugirei.
Mas, se acreditais, matando os homens,
iludir alguns dos vossos críticos, não pensais justo;
esse modo de vos livrardes do que falam não é ,
decerto ,
eficaz .
Nem belo.
Belíssimo e fácilimo é não contrariar os outros,
mas aplicar-se a se tornar, quanto se puder, melhor.
Em verdade este meu caso arrisca ser um bem.
Estamos longe de julgar retamente,
quando pensamos que a morte é um mal..
Não é possível haver algum mal para um homem de bem,
nem durante sua vida,
nem depois de morto...

Paulo Timm – Olhos D Agua, 26 de maio de 2002

ODE AOS AMIGOS

Aos meus poucos mas bons nos meus 60 anos ...

Tenho sido comigo e me contento,
No solipsismo escorregadio dos meus segredos.
Quem não os têm?

Virtudes e vícios altercando aos trancos
E destilando os termos da urbana-idade.

Ora uma paixão arrebatadora, uma compulsão,
Tanto capaz de fazer o amor,
quanto, num golpe, desfechá-lo;

Ora o recolhimento triste e gelado na apolínea determinação,
Imperativo de uma irisada civilização.
Qual urutau de canto triste e longo no passal da noite.

E vou tateando o mundo em andanças,
Gesticulando medidas, cordiais apreços,
Tudo o que se exige do cidadão em adereços,
Sem dar à superfície mais do que o compasso alcança.
Este grande teatro da vida, uma dança...

Tudo muito natural , como natural é tudo:
Uma rede vazia balançando ao vento,
Um sino rouco numa aldeia,
Uma magrela na passarela,
Outra feia na janela,
As mangas cheirosas na ceia de Natal,
Um galo na madrugada de um novo deus.

Todos tecendo juntos o chão que piso..
De repente, minha certeza me surpreende ao som da ancestral siringe,
E me escorrega sob procelas insondáveis..

Uma voz interior me chama a contrariar os astros.
Com eles tudo ficaria como está
Na aparência do mundo
Como princípio do fundamento,
Aos quais se colam a rede, o sino, o galo,
as aurigas imortais.

Eu não! Não quero colar em nada
Quero para mim o paradoxo da humana existência,
A explosão do corpo com sua antítese – anticorpo metafísico?-
animus erectus , anima imoral?

Quero a eternidade da ternura com a mulher amada,
Quero ser mais jovem do que meus *ante-passados*,
Na aposta de chegar outro por ter ousado não ser mais *um*
E encontrar neste caminho não uma sombra,
cúmplice eterna e vã,

Mas amigos-mesmo poucos - com os quais eu – sem dobras –
possa ser: eu mesmo .

Aqueles com os quais tendo “comido o sal necessário” e curtido a lã
Descobri a minha identidade moral

E pude desfrutar na adega do convívio o melhor vinho da minha vida.

Paulo Timm -Torres, verão de 2007

HEMINGWAY ETERNO

Em memória do Santiago.

Minha memória se foi,
Está tão vazia como a minha vida.
Sem sentido, sem nexo,
Tudo desconexo..
Tento adivinhar,
Como faz todo o ser vivo.
Finjo estar sabendo o que me ocorre em volta.
E continuo tateando,
Como tateei tudo ao meu redor durante toda a minha vida
Para assegurar-me de que vivia.
Mas está tudo gris, em preto e branco , girando.
Uma luta mortal,
Em que me vejo com os olhos arregalados,
Como o condenado
Diante do pelotão de fuzilamento,
Numa tela clássica,
Em contagem regressiva...
De repente me lembro de Antonio. Bravo!!!...
Sua coragem precisa diante da fúria taurina,
A arena delirando,
Esperando o desfecho trágico.
Antonio ferido,
Caído,
Arrebatado.
Vida e morte disputando-se.
A vida breve escorrendo em sangue pela virília.,
A longa e eterna morte na vigília.
Fria, sem cor, sem odor.
Um autor morto vende muito mais.
Um toureiro morto não vale nada..
Já me pagaram muito mais pelo fiz,
E fiz menos do que sei agora.
Mas agora já não há tempo.
Quando se escreve.
Quanto mais fundo se vai, mais sozinho se fica.
Estou só,
Sem poder voltar ao mar de minhas próprias memórias.
Esta vastidão de inspiração e perigos sem fim,
A consumir a energia dos que lhe afrontam.
Resisto.
Mas desisto.
Penso,
E já não existo...

Paulo Timm – Olhos d Agua, julho 2002

Ode a Raul Gil

Raul te deram por nome de gente
Numa leitura inteligente
De LUAR dos ancestrais.
Visível do lado oculto,
No culto de tantos vultos,
Transformados siderais.

Raul , Luar ao contrário,
De esperanças o estuário,
Revelando no planetinha aquário,
No elemental do teu natural,
Sem o que se perderia todo o cordial,
Tanto talento até então só virtual

Gil , de Brasil, te afiliou em verso
- o Universo
Dando desta forma sutil,
A geografia da fama,
A geologia da trama,
A incandescência do ardil,
No vão livre das cantorias
Onde Astro Rei te farias.

Muitas maneiras de errar
No tortuoso caminho da vida,
Uma só de em cheio acertar
|Para então se justificar
No Tribunal sem recursos ,nem controversos
Da explicação derradeira
Deste mundo sem eira nem beira
Onde só põe mesa
Quem souber bem se explicar.

Custou, mas chegaste.
Acertaste. Bem no meio.
Enchendo de pura e jovial alegria
Os sábados de todo o brasileiro.
E mais, trazendo à flor,
Na dor de tanto contraste,
A esperança de um novo cantor

Gil ,de Brasil sinônimo és.
E tudo isto, pasmem!
Neste vasto mundo de imundície,
Travestida em ignóbil tagarelíce,
E vil, de covil, invencionice,
Sob a razão da inconveniência
Roubando da meninice
Os melhores sonhos,
Os melhores anos,
Tanto melhores porque em por-menores
Entalhados,
Como incrustações rupestres,
Num tempo mítico condenado,
a se perpetuar como memória
Indelével
Por suas vidas afora.

Mas diante disto, pasmem!
Ergue-se a dignidade sem caricatura
De uma simples criatura
De gesto quase simplório
Num programa de auditório.
A proclamar a arte,
Reclamar sua parte ,
Como num aparte.
Num grito de calma,
Um delírio da alma,
Símile do que já foi e era,
Saudade de uma era,
Tanto melhor porque quimera,
Antídoto da lama,
Que se inflama,
Por toda a parte
Mas nunca aos sábados.
Na parte da tarde...

E porque hoje é sábado, Gil
Como diria o saudoso poetinha
De virtuosos dotes de beleza vária,
Dentre os quais o ter eternizado em verso
Este santo dia de pecado sem culpa,
Nem desculpa,
É também dia de Gil,
De Raul Sol brilhar,
De Gil de todo o Brasil,

Sobre a tela voltar.
Ali encontrar,
Com certeza,
Dentre as razões a mais bela,
Simples razão de viver...

ODE AO CHIMARRÃO

1. Faça da roa diária do chimarrão divino culto

À amizade dos que o rodeiam e ao mito

Que o doce amargo encerra

Na homenagem aos grandes heróis rio-grandenses:

Sepé Tiaraju, Bento e Getúlio Vargas.

2. Jamais conteste o direito do dono da casa ao preparo

E à primeira mão do verde-espero,

Nem muito menos altere,

Sob qualquer pretexto, o sentido da rodada,

Que é o mesmo da emancipação humana rumo ao ideal da liberdade

3. Nunca mexa na bomba, nem vire a cuia, nem invente moda,

Sob pena de queimar-se, deveras, a si próprio,

E com os demais na metáfora da desgraça

Vindo condenar-se na ardência da infâmia onde pairam os parias.

4. Não ouse, mesmo de passagem, indagar

Se tem (?) chimarrão, ou quanto custa.

Ele é sempre uma dádiva dos pampas pronta a servir-se.

Mas, quando em vez, lembre-se de levar ao amigo

Um pacote de erva das “buena” (!!!)

Alhures comprada como sinal de gratidão e compromisso.

5. Desconheça as advertências negativas sobre o chimarrão,

Alegações tolas de seus prejuízos à saúde

Melhor lembrar das carícias que ele já lhe deu e dará à alma

Na invernada das solidão.

6. Fique sempre atento ao ritmo da rodada,

Como quem dança um tango do outro lado da fronteira,

Evitando dormir no seu turno com a cuia entre os dedos,

Ou muito falar durante a vez,

No que se atentar a loucura ou à covardia.

7. Jamais deixe um chimarrão pela metade.

Ofensa grave.

O chimarrão se toma todo com cautela e muito gostar

Até que todos ouçam o ronco de sua finitude.

O compasso do tempo nos seus momentos.

8. Nem pense dizer que o mate é muito amargo ou por demais quente ,

Manifestando-se adepto do tererê servido com açúcar e água morna

Nas tardes ensolaradas do chaco

De um e outro lado do Paraguay.

Isto é uma afronta que o levará à exclusão da roda

E à auto compaixão que faz fraca a forte gente que se exclui.

9. Não cobice a rodada alheia.

O vento do vento vem....

A roda do muito rodar...

Ou quem sabe até do Nada,

Este lugar imaginário onde nasce e cresce o Nunca,

Mas que não aceita a inveja como mercadoria

Preferindo deixá-la nas ilhargas do capão da traição.

10. Haja para sempre o absoluto sorver verde-trago,

Tão quente quanto um cusco possa suportar,

Com a convicção manifesta

- quem sabe nu e cru como a rampa da verdade –

E qualquer outra coisas que não o só amar se desate em cada gole.

Paulo Timm – Torres, RS, 20 de setembro de 2005, 170º da Republica Riograndense.

A ESCRITA SEGUNDO SCHOPENHAUER

In Parerga und Paralipomena, 1851

“E alguém será tanto mais obscuro quanto menos valer”

Marco Fabio Quintiliano (Roma, 35-95)

“Lo fece natura, e poi ruppe lo stampo”

Ariosto

Primeiro saber como princípio e fonte
Mas saber por um ato de ligação com o incorpóreo espírito
Sem gravidade,
Sem qualquer necessidade,
Sem nenhuma leitura prévia.
Então pensar,
Pensar, pensar ...pelas próprias coisas
Até descobrir que tem sobre estas coisas algo a dizer.
E digno de ser escrito.
E só então escrever
Como quem faz uma silhueta dos pensares.
Ciente de que neste ato
a palavra quebra
e começamos a errar.
Escrever com simplicidade,
Usando palavras ordinárias que dizem o extraordinário,
Que expressam a onipresença da alma neste escrito.
Escrever com a simplicidade de uma canção de ninar.
Escrever na solidão do próprio pensar,
Que impõe a concisão como o espectro desta alma.
Sacrificando o bom para evitar o insignificante.
Escrever com a simplicidade das coisas nuas
Dispensando a procura de iguais
Que se encontram ao alcance da história e da geografia
E onde se esconde a verdade.
Escrever com a simplicidade do criador diante da vastidão à sua frente.

Paulo Timm – Olhos d'Água, março – 2007

HARLEY DAVIDSON , 100 anos .

Passa, passa ...passa o tempo devagar,

Às vezes difícil de suportar.

Mas basta uma **Harley Davidson**

P'ra tudo começar a andar..

Mesmo quando não mudam os ventos,

os ventos são feitos sem contra-tempos.

Quem nunca sonhou com esta provecta centenária?

Roliça de fazer inveja às *top models* de última geração,

Músculos à mostra, corpo quente, sem ângulos de machucar.

O perfil da natureza esculpido no seu dorso arredondado

Cada uma com sua personalidade, como se humana fosse.

A própria distinção num mundo em desencanto.

A intimidade entre o homem e máquina, fascinando-o .

Canto rouco , compassado,

Como um galope de égua selvagem no céu,

verdadeira marca registrada do seu tropel,

Sem outro sobressalto que um novo amor mundo afora,

Vida adentro, ardente desejo em qualquer posição, em qualquer direção,

Sob qualquer tempo faz-se o vento

Embalando o rocío de várias gerações libertárias,

Yeasy riders solitários,

Peregrinos de nenhuma ambição .

O frio glacial da existência compensado
pelas tatuagens,
pelas roupas de couro colante,
por óculos de babar de inveja,
pelo sentimento tribal da pertença à algo comum...
Só o vento como adversário, o tempo sem aniversário...

A estrada começa nunca termina
No seu pneumático suspirar.
A plataforma da eternidade sob seu sutil desenrolar.
Recomeçando a cada parada, ignição ligada, energia inesgotável.
Ano após ano, sem envelhecer visível,
Porque a juventude se renova quando revive o que já foi sem atrito.
Um mito que desliza?
Um nunca, nunca acabar
Num tempo que se renova a cada vento....

Este o prazer de numa Harley andar.
E sempre o vento, o vento, o vento...
Vivendo o vento,
Comendo o vento,
Respirando o vento,
Ahh!!! O vento por dentro contra o tempo...

AMOR DE MÃE

À amiga Suely Silva

A verdade,
Entre os homens, justiça chamada.
Sobre as coisas, razão coroada;
Sob o céu destino incriado.
Todas imperfeitas
Sempre refeitas
À luz
Dos séculos que se sucedem
Sucedendo depor o que lhes garantiu relativo sucesso
Contrafeitas
Tais verdades
Se inclinam hoje
À única proclamada e imortal verdade
Jamais e nunca mais contestada:
O amor de única mãe por toda a sua ninhada

PRANTO A NEWTON ROSSI

Hoje o dia amanheceu seco e quente,
Em Brasília.
Pela manhã , consegui ver uma bola encharcada de vermelho
desalinhando o horizonte,
Um lamento matinal.
E pressenti, como poucas vezes, uma atmosfera de tristeza.
Não havia engarrafamento na estrada
Não havia constrangimento no trânsito
Não havia humores a questionar.
Apenas minha mulher , perplexa, diante de um olhar
perscrutador de um motorista passante.
E me perguntei:
Que poderá acontecer neste dia que nasce,
nessa semana que parte,
neste ano que se esvai?
Trôpegos transeuntes que passam?
Mais um terrível acidente ?
E a vida acaba num segundo,
como acaba o amor,
como acaba tudo neste vida.

E vim a saber :
"Newton Rossi morreu !"
A cidade perdeu seu poeta, alma da rua,
O Newton -
das madrugadas encantadas,
No Tabu, no Roma , no programa do Romariz ,
Na "Nacional" ,
O grande poeta de Brasília
Não porque escrevesse rimas
Mas porque apaixonara-se pela poesia
e nela vivia como um residente convicto-
- se foi...

Meu companheiro de trovas, trovoadas e trombadas
Um amigo inseparável, incomparável, inesquecível,
que me deixa ainda mais só, mais triste, mais sem nada saber.
(Por que ele, todos eles, nunca eu...?)
Pois lá se vai meu amigo poeta
fazer companhia ao Wanderley, ao Miltão, ao Waldimir Diniz.
Ah! Ia me esquecendo: O Pereirinha, que ele tanto gostava...
Todos Vice-Reis de um mundo de sonhos.
Sôbolos rios que se vão
Desaguando seu talento no Oceano do Otimismo Infinito.
Eu fico.
Ainda.
Ainda não! (Um belo filme do Korosawa)

E penso no nosso último *Adeus* ,em Olhos d Agua.
Todos sabendo porquê *ali* estávamos,
a cantar o poeta que sofria .
Na alma , no corpo, o inevitável.
E fingíamos ser eterno aquele momento.
Como é efêmero o instante da ilusão,
E como ele se imprime indelével, inconsútil,
como saudade...

Paulo Timm . - 27 de agosto de 2007

VI SONETOS

NAVE LUMINÁRIA

Tu me viste, eu te vi naquele instante,
Que de tão mágico em promessa fez-se,
Promessa de te fazer uma constante,
A eternidade esculpida em copiosa prece.

Te fizeste, pois, dos meus olhos a menina,
A menina dos meus olhos de desgosto triste,
Foste a preciosa gota do cristal de mina,
Que se fez em cores no meu gosto em riste.

Hoje morro em memórias, revivo histórias,
Faço-me descontente neste vão contentamento.
As penas choro só, só choro glórias,

Que apenas *despiden* la nave luminária,
Dando à face os sulcos, à pena fundamento,
Lágrimas em fio vertidas por estas saudosas árias...

Paulo Timm, Olhos d'Água, 11 de dezembro de 2002

Soneto Para Amar Camões *

Possível se me faz todo o impossível,
Quero e aborreço alegre e me entristeço,
Queria visto ser , ser invisível,
(Mas) só alcanço menos no que mais mereço

Se de todo , contudo , está o Fado,
Que é tanto mais o amor depois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos *dado*,
A mágoa choro só, só choro os danos *mais*.

Que erradas contas faz a fantasia!
A cada qual de si dão desenganos.
Por quê de minha vida se injuria?

Qual destas sirva a mim dirão os danos?
Se a ela só por prêmio pretendia.
Para uma vida tão larga em poucos anos...

Paulo Timm , Olhos d 'Agua,3 de novembro de 2002

* Composto com versos de Luiz de Camões em SONETOS PARA AMAR O AMOR.

Pílulas Camonianas

Amor é dor que desatina sem doer,
É um contentamento descontente.
Amor é um cuidar que se ganha em se perder,
É um não contentar-se de *tão* contente.

Amor, que em sonhos vãos do pensamento,
Vem não sei como , e dói não sei por quê?
É o gosto de um suave pensamento,
É um mal que mata e não se vê,

Que amor com seus contrários se acrescenta
Na esperança de algum contentamento,
Dando canto à voz, à alma ao pranto,

Pois sobre cousas vãs faz fundamento
Quando na cousa amada se apresenta
Tal modo nunca visto de tormento.

CAMONIANAS 3

De tudo se descuida o meu cuidado
E busco em luzente Olimpo obscuridade
Trago sempre no mais danoso , mais cuidado
Um sempre ter com quem nos mata lealdade...

Vivo em lembranças , morro de esquecido
Te vejo e vi, me vês agora e viste,
Nestes (...) olhos claros escondido
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste.

Estranho mal! Estranha desventura!
Se de todo contudo está o fado
N'os dias ajudados da ventura

Paga o zelo maior de seu cuidado
Em toda condição em todo estado
Ou gostos que eu tiver, enquanto dura

Paulo Timm – Olhos d 'Água, 03 de novembro de 2003

VII - POIESOFIA LOGOPÉICA

1. Lições Poético-Filosóficos
2. O Olhar
3. Aporia
4. O sujeito
5. O discurso epifânico segundo Alberoni
6. Plotino
7. Promesse de Bonheur
8. Beau Geste
9. Kant por Deleuze
10. Heidegger contra Kant
11. Tempos Pós Modernos
12. Nossos Tempos, segundo Baudrillard
13. A Tragédia do Cânone Republicano

LIÇÕES POÉTICO FILOSÓFICAS

A Filosofia,

amiga do saber,
numa disputa pactuada pela verdade,
os rivais confraternizam
na ágora da razão ,

É prima da Poesia,

Ambas plasmadas na consubstanciação

Da substância,
Do objeto,
Em projeto cevado na helênica pedra,

Ambas suplicantes,

Ambas contorcendo-se na rebeldia com os significantes,

A Poesia

Contra a palavra instituída,

destituída de vida,
de sentimento:
a pura idéia .

É a metáfora impondo-se como uma nova linguagem,
sintaxe do absurdo estético...

A Filosofia ,

Contra os conceitos articulados à racionalização da ordem ,

destituída de bom senso, mera desordem,
destituída de “vir-a-ser” :
totalitarismo do real.

É uma nova razão que se expressa como possibilidade,
sintaxe da esperança.

Ambas tratando de dar ao mundo,

Com seus recursos linguísticos e sintáticos,

Um sentido ao próprio mundo,

radicalmente crítico ,
criticamente cósmico,
cosmicamente humano...

A poesia invocando a Filosofia

Para propor ao (viv)ente,

uma essência como “ser” ,

Uma essência

pulsante,
pensante,
sentinte;

Plena de significações poiéticas,

heterogêneas,
conflitivas,
inseparavelmente unidas,
irremediavelmente divididas.

Uma essência definida como indefinida,

como uma eterna dúvida ambulante,
peregrina de suas origens e destinos desconcertantes,
ontologicamente condenada à liberdade,

Uma essência conquistada pelo exercício de auto-reflexão

alimentado por um imaginário incognoscível,
no qual nem sua própria onipotência escapa,
menos ainda seus contrários.,

Uma essência conduzida pela descoberta da consciência,

e dos fatores que o condicionam
como vítima de razões externas e internas que desconhece ,

superiores à ela própria,
e como tal reprodutoras de um livre arbítrio enclausurado,
encerrado em si mesmo,
como descentramento :
alienação, loucura de si mesmo...

O ser poieticamente invocado,
metafisicamente justificado,
transitando para a corporificação social da imanência,
Inaugurando a cidadania,
na generalização da igualdade de todos perante a lei,
A lei impondo-se gradualmente como razão consensual
na praça do Direito.
A tribo, a comunidade , a polis inaugurando o Estado,
recorrendo à força para impor-se
Mas condicionada ao espírito de justiça para legitimar-se.

A Filosofia mais uma vez chamada a pensar este momento crucial:
Não como mera reflexão,
mas auto-reflexão crítica;
Não como contemplação,
mas como “problematização” do visível;
Não como “sistema de comunicação”
mas como produtora de conceitos poiéticamente evocados.

A “amiga do saber” substituindo o “sábio” que tudo sabe por revelação,
o secularismo impondo-se ao milenarismo,
a “essência “ ao “fundamento”,
Oscilando entre a pretensão enciclopédica clássica ,
quando se perde em elucubrações, e
A vulgarização mercadológica contemporânea,,
quando chafurda na lama comercial,
reduzindo as categorias em produtos empoleirados nas prateleiras,
e os acontecimentos às feiras e exposições;
A Filosofia constituindo-se como sublime sintaxe do espírito criador,
na produção de conhecimentos,
por puros conceitos,
sem os quais
nada é jamais conhecido,
Verdadeiramente.

E , assim, de sujeito universal de direitos,
Ao cerne do próprio sujeito descoberto pelo pensamento
nas fronteiras internas do próprio ser.
Sempre no rumo do inalcançável projeto de autonomia humana...
De emancipação da alma de seus algozes...
Do (viv)ente que é ao mesmo tempo,
uma herança da espécie,
simples elo de uma poeira genética estelar,
um produto do imaginário da cultura que o cerca
no tempo e no espaço.,
uma singularidade na apreensão subjetiva deste complexo,
na arena de liberdades vigiadas que o aprisionam,
Nasce um sujeito do século que se inaugura,
responsável pela preservação da espécie que lhe convém,
pela cultura humana que acumulou e retransmitirá,
pelo alargamento das liberdades que anseia,
Valendo-se, para tanto, neste projeto,
da Poesia ,
capaz de dar um sentido estético para a existência

e da Filosofia,
 nela inspirada,
de forma que esta existência seja:
 irremediavelmente crítica,
 irremediavelmente única,
 irremediavelmente bela...

Paulo Timm, Olhos d'Água, 30 de novembro de 2002.

O Olhar

Se olhares, mesmo que seja num piscar de olhos,

Veja!

Afinal, “só se vê aquilo que se olha”. (*)

Se vires,

Repare bem !(**)

Até sentir como se estivesse sendo visto.

E registre na memória este instante sublime..

Pois “o expectado passa através daquilo em que prestamos atenção
no que lembramos”(***)

Fazendo do olhar a medida do seu tempo :

único,

pleno de significações,

mortalmente exclusivo...

Então,

volte a olhar tudo de novo,

Como se uma nova luz houvesse pousado sobre os mesmos objetos,

Pois a luz é o veículo do conhecimento absoluto, (****)

Único a afetar em nada a vontade,

Nem ser por ela afetado:

O momento de conexão íntima entre idéia e o sujeito puro do conhecimento.

Olhe incessantemente,

Sem se cansar ,

Nem pensar que já sabe do olhado e visto,

O reparado.

Verá coisas aparentemente inéditas,

Até insólitas,

Que repararão o primeiro olhar,

o segundo olhar,

todos os olhares do mundo,

Abrindo-se em arco para um novo registro,

Reparador de todas os olhares

anteriores.e posteriores.

Aí entenderá que a vida é bela ,

Mesmo sem grandes realizações,

Nos elementos da sua própria beleza...

Paulo Timm – Olhos d 'Água, 7 de novembro 2002

(*) Citação de M.Merleau Ponty , em “O Olhos e o Espírito, Ed.Abril,1975

(**) Observação de José Saramago em entrevista à Rede Globo, 1998.

(***) Heidegger, (XXVIII,1-6) – Citado por Cornelius Castoriadis, in “O mundo fragmentado” – Ed. Paz e Terra.

(****)Esta e três observações a seguir extraídas de “ O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO , de Arthur Schopenhauer.

APORIA

Ao “ primo” Ricardo, em homenagem à *Ética e Alteridade*

Póros:

Caminho,

Passagem,

Via de comunicação,

Trazendo a pele à flor,

A enfermidade à dor,

A paixão ao amor.

Porízo:

Abrindo caminho

Até o fim do caminho,

Ponto de chegada,

Possibilidade da conclusão

A dificuldade superada

O anátema transposto

Pelo exercício do pensamento:

Dedução.

Indução,

Cogito, ergo summmm...!!!

Mas quando não existe saída?

Quando não existe travessia?

Quando nada existe depois?

Apenas a vertigem.

A impossibilidade de dar conta e razão.

Eis a **aporia...**

Paulo Timm – Olhos d’Água, 15 de novembro de 2002

O SUJEITO

O sujeito morreu?
Como? Se nunca partiu..
Mas que sujeito?
O ser humano,
Mero ser,
Vivente,
Pensante,
Sentinte,
Inconsciente de si mesmo,
Ou consciente de uma razão que vacila
Nas suas múltiplas singularidades,
Na sua singular universalidade.
Em instâncias que se contrapõe permanentemente,
Assemelhando,
Diferenciando,
Distinguindo
O ser vivente,
Geneticamente determinado,
Do ser social,
Antropologicamente localizado,
Do ser psíquico,
Simbolicamente soberano.

Que esteve sempre presente como questão e projeto
Desde o primeiro olhar atento
Dos ancestrais.
Haverá nele uma unidade?
Além de sua identidade corporal
E de sua história?
Além do seu próprio psiquismo?
Certamente.
Mas ela está por ser feita.
O sujeito não é uma fatalidade da condição humana,
Mas seu advir,
Quando se manifesta como fonte indeterminável de sentido,
Como capacidade (virtual)
De reflexão (que não se confunde com o assalto ao poder pelo pensamento)
De (re)ação (que não se confunde com o voluntarismo, mas com a vontade)
Como criação histórica de si para si mesmo.
Que se espanta não por que aprende,
Mas porque nunca aprende suficientemente.
E que vê onde nada existe,
Vendo primordialmente na linguagem sua superioridade e seu flagelo,
E que deseja e se satisfaz não pelo órgão mas pela representação do desejado.
Porque o humano é fantasmagoria,
Pura imaginação não funcional
Que pode colocar qualquer coisa em qualquer lugar,
Inclusive seu próprio pensamento

Num processo mais além da auto-referência.
Agindo-se como atividade agente...,
Objeto da capacidade deliberado do próprio pensamento,
Do próprio agir,
Da própria vontade
Além do cálculo lógico da herança do código,
Além da socialização das imagens e valores fundados na linguagem,
Além de si mesmo.
É necessário poder imaginar outra coisa fora daquilo que é para poder querer;
E é necessário querer outra coisa fora daquilo que é para liberar a imaginação.
E se não podemos imaginar outra coisa senão aquilo que é,
Toda “decisão” reduz a uma escolha marcada entre possíveis dados
Dados estabelecidos
Pelo código do vivente,
Pela lei instituída pelo homem
Pela história de si mesmo.
Então emergirá o sujeito como o sujeito autônomo,
Auto-nomos,
O que se regula a si mesmo
O que é verdadeiramente livre.
Não porque seja dotado naturalmente de livre arbítrio,
Mas porque é capaz de fazê-lo
Por um ato de rebeldia como nobreza maior de sua razão escravizada,
Na forma de uma vontade de potência,
Que é a existência de uma quantidade de energia livre
Ou de uma capacidade de mutação importante de energia coordenada à reflexividade.
O sujeito como o núcleo duro do ser, metafisicamente definido
Como núcleo duro do cidadão, que é mero ser socialmente determinado
Como núcleo duro do próprio sujeito em sua história.
O sujeito como essência virtual da condição humana,
Ser alguém e não todos,
Senhor de si com *vir-a-ser*
Investido das suas possibilidades
Afirmção triunfante da sublimação,
Raiz e condição não interrompida da vida histórica
Povoada de martírios...

Paulo Timm – Olhos d 'Água, novembro de 2002

O PERCURSO EPIFÂNICO DO EROTISMO SEGUNDO ALBERONI (*)

Um homem,
Uma mulher.
O homem , a mulher: a busca incessante do amor.
Um percurso epifânico de prazer,
Ludibriado
Pelos labirintos do erotismo de cada um..
Estranhos um do outro,
Estranhos um ao outro.
Estranha espécie humana esta,
Que se satisfaz mais pelo poder de representação que faz,
Do que pelo próprio órgão que goza.
Sobrepondo ao corpo o espírito,
E ao espírito a Lei.
Estranha espécie que distingue as aproximações ,
Ora como meras amizades,
Ora como paixões eróticas incontroláveis,
Ora como enamoramento,
Ora como escravização moral,
Ora como amizades eróticas que se enredam em romances.
Razão sem qualquer razão,
Até quando se odeia é porque já se ama..
Estranha espécie que faz do amor uma ansiosa espera,
Do erotismo uma tensão sob o signo da diferença ,
Entre pedaços de morte num coração que pulsa,
E pulsões de vida que se insinuam na carne fria;
Entre o artifício da sedução,
E a espontaneidade do amor;
Entre a promiscuidade orgiaca,
E o casal monogâmico.

Estranha espécie que tanto separa para só unir os polos de seu gênero.

Ele,
Poderoso,
Mas inseguro do seu poder de sedução,
Inebriado pela beleza que tanto teme,
Fala.
Sempre atento a outras belezas tantas,
Na expectativa frenética do instante mágico
Que se eterniza,

Rumando sempre à miragem do arbítrio absoluto
Onde impere seu prazer ardente,
Suspendendo o tempo num instante recriado
Ela,
Ruminando uma esperança de eternizar este instante como memória,
A brutalidade daquele corpo viril domesticada,
Seus humores sob controle.

Surpresas de um,
Reveladas em modos encobertos pela penumbra feminina.
Estupor sutil dela,
Diante da metamorfose saboreada.
Fúidos secretos segregados.
O sexo como possibilidade de algo mais para ambos.

O corpo dela como fim para o homem,
Sem outra ética que seu próprio prazer,
Para a mulher o homem o próprio fim.
Numa espécie da estética da própria existência.

Para êle o circuito espiralado do confronto
Para ela o êxtase continuado na recorrência,
Os dois identificando-se nesta dialética do desejo
Redescobrimo a arte erótica como sublime expansão de si mesmo,
Já não apenas como possibilidade
Agora fatalidade
De um destino de união irrecorrível,
Pois o amor acaba desarmando ,
A luta do homem
 Consigo mesmo,
Na culpa pela descontinuidade recorrente da disponibilidade erótica,
 Ciclotímico fulgor;
A luta da mulher:
 Consigo mesmo
Na obstinada obsessão pela constância da presença e sua lembrança,
 Persistente langor.

No conflito entre os dois,
Cujas implicações carregam ,
“Que amor com seus contrários se acrescenta” **
O direito a ter o eterno agora mesmo.

Já não existem feridas de amor,
Apenas sofrimentos de abstinência.

Num mistério de ganhos e perdas sem fim
O Reino de encantamento recíproco indescritível.

Paulo Timm- Olhos d 'Água, 31 de outubro de

2002

* Referência ao livro de Francisco Alberoni – “O Erotismo”

* Luiz de Camões em Sonetos para Amar o Amor

PLOTINO

Paulo Timm – Olhos d'Água, 28 de agosto 2002

O Belo,
Criado e incriado espetáculo,,
Comovente mistério,,
Enigmática e rígida esfinge ,
 à espera de significação,
Nos remete aos ancestrais rupestres,
E encontra na Grécia inexplicável vértice:
Aristóteles o pioneiro,
Contemporâneo da tragédia,
Vê no mito convertido em desejo de i-mitação,
 fabulado nos recursos do reconhecimento e da peripécia,
 o começo da grandeza poética..
Mas foi Plotino, depois dele,
A descobrir a alma da beleza
Na natureza ideal da própria alma
E não na proporção ideal das formas nas quais se apresenta:
“A formosura corpórea brota da comunicação de um exemplar ideal vindo dos deuses
A alma,
Por gozar da natureza da qual goza,
E por estar em continuidade com a essência dos seres ,
 Ihe é superior,
Regozija ,
 ao contemplar seres do seu mesmo gênero,
Ou que são vestígios de seu mesmo gênero.
 ante ele (incorpóreo ser),
Em êxtase de entusiasmo.
Assim,
O verdadeiro e único desgraçado,
É aquele que não descobre o belo,
Pois que é necessário que o olho se faça semelhante e parecido com o objeto visto ,
 para poder contemplá-lo.
Mas (aquele) que vê as belezas corporais,
Não se tem de correr até elas,
 e sim saber que são imagens, vestígios, sombras...
É necessário fugir em direção a essa beleza da qual elas são imagens.
Numa expressão de conjunto,
 o primeiro é o belo,
Porém se se quer dividir os inteligíveis, ter-se-á de distinguir
 o Belo,
Que é o lugar das idéias,
 do Bem ,
que está além do belo e que é sua fonte e seu princípio”.

PROMESSE DE BONHEUR

-Ou a Arte segundo Adorno na Teoria da Estética-

Paulo Timm, Olhos d Agua 06 setembro 2002

A arte,
Medida do abismo entre a práxis e a felicidade,
Flexão deste próprio abismo na sua expressão
que contempla a tensão
entre o interesse e sua recusa.
Só é autônoma quando se desembaraça do gosto da fruição.
Já não mais a arte pela arte,
desde a *Ars Poetica* de Horácio,
imune ao desejo.
Mas o desinteresse reproduzido de modo imanente e modificado no interesse.
O eterno e insaciável desejo
De conter o momento negado do momento de que se desvia.
Antítese do não-eu.

Daí o equívoco Kantiano,
Reduzido a um hedonismo castrado do prazer sem prazer
A parcela de autonomia da arte dissipando-se nos mundos inteligíveis.
Também o equívoco de Freud,
Reduzindo a arte à imanência psíquica
Num idealismo ainda mais ideal

Ambos orientando-se entre uma avaliação negativa ou positiva da faculdade de desejar
Encontrando na arte apenas uma relação com aquele que contempla ou a produz.
No puro subjetivismo.

Kant por causa de um conceito de liberdade
Que pune com a heteronomia o que nem sempre é próprio do sujeito.
Culpa da doutrina da Razão Prática.
Freud por causa da insistência na projeção do inconsciente
Que condena a obra de arte à decifração no contexto da sublimação.
Culpa da “materialidade” pulsional.
Com o mérito para Kant por realçar a diferença entre

A arte
E a faculdade de desejar.
Portanto entre a arte e a realidade empírica.,
Mercê de sua preferência pela intuição sensível.
E mérito para Freud por realçar

A arte
Como um produto social concreto.
Com as articulações de uma mediação não menos concreta
Entre a estrutura das obras e a estrutura social.

Ambos incapazes de percebê-la na sua objetividade própria,
Na sua idéia de verdade.

Pois que a arte é a antítese social da sociedade,
Não podendo nem devendo deduzir-se desta.
A obra aparenta-se com o mundo mediante o princípio que a ele contrapõe
E pelo qual o espírito modelou o próprio mundo.

Cada obra de arte é um instante,
um equilíbrio (frágil),
Uma pausa momentânea do processo,
Tal como ele se manifesta ao olhar atento.
Só quando se sente ao mesmo tempo
O Outro da arte,
Como um dos primeiros estratos da experiência é que esta pode sublimar-se,
E resolver a implicação na matéria
Sem que o ser-para-si da arte se transforme em alguma coisa diferente.
A arte é para si,
E não o é.
Subtrai-se-lhe a sua autonomia, mas não o que lhe é heterogêneo.
Refratada,
a obra de arte comunica-se com o mundo exterior
através da não comunicação.
São os antagonismos não resolvidos desta realidade exterior que a ela retornam
Como os problemas imanentes da sua forma.
É isto,
E não a trama dos acontecimentos objetivos,
Que define a relação da arte à sociedade.

“As relações de tensão nas obras de arte cristalizam-se
unicamente nestas,
e através da sua emancipação a respeito da fachada fática do exterior atingem
a essência real...
A liberdade das obras de arte,
Cujas autoconsciência é celebrada e sem a qual elas não existiriam,
É a mentira da sua própria razão.
As obras são vivas enquanto falam
de uma maneira que é recusada aos objetos naturais
e aos sujeitos que as produzem.
Falam em virtude da comunicação nelas de todo o particular.
em contraste com a dispersão do simples ente,
com as determinações categorialmente impressas na empiria,
encerrando na sua própria substância um ente empírico,
só sendo interpretável pela lei do seu desenvolvimento,
jamais por invariantes.
Porque a arte se especifica,
justamente,
Ao separar-se daquilo que tomou forma
Remete o seu conceito para aquilo que ela não contém:
Seu ter-estado-em devir,
pleno de desejo...”

BELO GESTO OU IT TAKES TWO TO TANGO

No princípio era o magma indiferenciado
Na crueldade sintática dos miasmas cósmicos.
De onde emerge a carne
Desafiando o tempo,
Desafiando a astrologia,
Desafiando a própria genealogia,
Por pura vingança a seus algozes,
Tudo , como tudo o mais, muito natural,
Que se não fosse pelo sagrado caráter,
Banal pareceria.
Carne cria a carne. Humana carne.
E na flexão criadora do gesto o Verbo.
Flexão repetida e repetitiva como o sonho mítico.
Músculos retesados pelo fino córtex.
Não mais o gesto físico
Do movimento das coisas,
Das coisas em movimento da poeira sideral.
Mas o humano gesto denso de significações
Precursor da própria fala.
As emoções pulsando,
O olhar primordial ativo selecionando, multiplicando,
Advertindo o perigo, definindo o amigo,
O ouvido atento ressoando, reverberando,
Concelebrando o vivido.
Os primeiros murmúrios dolorosamente pronunciando-se como um lamento,
Na cerimônia de articulação com o gesto,
Ambos em alquimia de ancestral mistério,
Flexionados na milenar musculação
Do concurso civilizatório.
Para expressar a complexidade de emoções incontidas no invólucro corporal.
O corpo dizendo a si mesmo sua necessidade
De dizer
Flexionando até o limite de falar
A fala dizendo a si mesmo sua necessidade
De dizer o que o corpo diz
Anatomizando a liberdade de se corporificar como signo do in-significante.
Do que não que cabe na estrutura dos signos.
Ambos signos.
Signos em diferenciação como uma nova e gloriosa galáxia
brilhando em nova sintaxe.
O corpo reduzido ao silogismo disjuntivo.
A letra convertida em óvulo em diferenciação ,como um corpo,
sob o acicate da flexão reflexiva e mediadora de uma alma que fala
e que abriga no corpo seu silêncio,
que por sua vez, abriga e protege a fala, por ela falando em gesto.
**“O corpo é linguagem porque é essencialmente flexão.
Mas se o corpo é flexão, a linguagem também .**

E é necessária uma reflexão das palavras,
uma reflexão nas palavras,
para que surja,
enfim,
um caráter flexivo da língua,
liberto de tudo que o envolve, de tudo que o esconde. ..
Se a linguagem imita os corpos, isso não é devido às onomatopéias mas à flexão.
E se os corpos imitam (agora) a linguagem,
não é pelos órgãos, mas pelas flexões....
Se os gestos falam é porque, antes de mais, as palavras mimam os gestos...”
E ambos se con-sagram no conluio do mais puro espírito tentando dizer o indizível.
O sutil enclausurado que não será jamais condensado nem dito.
Nem em gestos.
Nem na fala...
O homo (nunca) sapiens
Il particolare suo.
E no sarà mia la colpa si così é....
Só porque it takes two to tango...!

Paulo Timm – Olhos d'Água 17 de agosto de 2002

KANT POR DELEUZE

Inspirado no artigo de Giles Deleuze “ Sobre quatro fórmulas que poderiam resumir a filosofia kantiana

O desafio:

A filosofia pela poesia:

Uma razão que se expressa,

Pela mais pura expressão da desrazão.

Shakespeare, Rimbaud e Kafka.

As questões: o tempo, o ser, a ética, a liberdade..

Kant, vórtice da tradição grega,

Fonte do iluminismo,

Arauto do novo labirinto :

Uma linha reta, indivisível, incessante...

Da “Crítica da Razão Pura” à “Crítica da Faculdade de Julgar”

Através do calvário pensante..

Primeiro ,

A inversão do significado do tempo

Como medida de todas as coisas,

Expurgado desta virtude

Na palavra prenunciadora de Hamlet:

“Time is out of joint”

Agora já não é o tempo a subordinar-se ao movimento que mede.

Agora é o movimento a subordinar-se ao tempo que o condiciona.

A forma,

Renegando a eternidade do que não é eterno,

Afirmando-se como forma imutável da mudança e do movimento.

O tempo só se temporaliza num tempo, entendido como existência histórica do

Homem.

Depois,

É o momento da deposição do Eu.

Se é verdade que “Penso” é uma determinação,

A este título implica uma existência indeterminada.

Como bem o adverte o verso de Rimbaud:

“Je est un autre”

Agora é a “modulação” de um EU passivo pela ação do tempo,

Agora o tempo passa pelo interior do sujeito para nele distinguir o Eu cindido e o <Eu>.

<Eu>mesmo,

Definindo-me na vertigem do fio do tempo como um outro que o afeta.

Representando para si , como forma determinável, a determinação de um outro .

Sou, porém, um , porque o <Eu> ao operar uma síntese afeta necessariamente esta a forma do tempo.

Então,

A eterna luta entre o Bem e do Mal

Subvertida pela lógica da Lei,

Que tanto angustiou o personagem de Kafka:

- “ *O bem é o que diz a Lei* ”.

Agora é o império da Lei como pura forma sem objeto nem sensível inteligência.
Agora todos os conceitos morais , pura forma da universalidade, têm origem à priori na razão.

A vontade,

Expressando a necessidade da razão para derivar as ações da Lei,

Impondo a exigência de princípios para agir segundo a representação desta Lei.

A representação de um princípio objetivo enquanto obrigante para uma vontade
é o mandamento da razão e sua fórmula o imperativo.

Finalmente,

A fundação do romantismo .

No exercício da plenitude de todas as faculdades humanas em intricada
interconectibilidade.

Como na fórmula de Rimbaud:

- “*Um desregramento de todos os sentidos*”

Agora já não é o sensível como qualidade referida a um objeto no espaço e no tempo.

Agora o tempo deixa de ser uma lógica do sensível ou mesmo um novo *logos* para
chegar à sua fonte.

O Belo,

Valendo por si mesmo e desdobrando-se num pathos alheio a toda a lógica,

Alcançando o tempo no seu brotar, na origem do seu fio e da sua vertigem.

Uma faculdade leva outra ao limite, ambos ultrapassados, numa luta terrível entre a
imaginação e a razão, entre o entendimento e o sentido íntimo na produção de
seus limites: o Sublime e o Gênio

.....*Paulo Timm – Olhos d Agua, 15 de agosto de 2002*

Heidegger contra Kant

(*Em homenagem à turma de 1955 do Colégio das Dores.*)

Um abandonar-se às coisas,
com serenidade.
Resguardar, em vez de fabricar,
e pôr-se no caminho por onde advém
o que salva.
Simplesmente não-ser,
não-agir,
a nova ética da finitude.
O ser lançado: Lançado para a morte.
Ser-o-aí : o espaço de manifestação do ente,
carecente de razão suficiente,
sine ratione,
outra,
- que o fundamento finito da finitude.
E como lançado, como liberdade encarnada,
este ser-o-aí como fundamento do ente.
A legitimação legítima.
A transcendência de si mesmo como ser-no-mundo,
transcendência da transcendência.
Ser-o-aí,
ser-no-mundo,
ser-para-a-morte,
o ser-para-o-nada.
A morte, fatalidade desrealizadora em nosso poder.
O tao da liberdade, o tao do desenraizamento total.
Primeiro a diferença ontológica, existencial.
O Ser e o Tempo.
Com o tempo, outra diferença,
mais radical,
o fim do principio de fundamento:
a diferença entre o ser, ele mesmo,
pensado como presença doada
e o ente que se apresenta como dádiva.
uma dobra do ser.
Cum Deus calculat, fit mundus.
A era da técnica .
O ser como jazimento unificador do ente
retrai-se a favor do que foi gestado como causa,
como princípio,
como explicação explicitada.
E no retraimento do ser,
na transcendência do ente que deixa jazer:
O ser-abismo...
O tempo-espaço e o ser, ele mesmo
uma acontecência,
uma integração,

uma apropriação.
e daí seu destinamento - fundamento ele mesmo-,
 infundado,
 a desenhar as faces de todas as coisas presentes.

É assim que o pensamento do ser tardio
vai se transmutando em pensamento ,
inteiração do tempo-espço e do ser.
A apropriação como dádiva do ser.
Então o fim da plenitude infinita do ser.
Parmênides sangrando.
Kant na sombra da grande árvore...
O ser agora é uma dádiva insolúvel
O fim da verdade originária.
Trata-se apenas de habitar a terra sob o céu:
 A ética do morar,
capaz de edificar sobre o chão batido do jazimento unificador.

"É somente o ser que concede os favores ao salutar
e impulsiona a fúria para a perdição" (H)

Paulo Timm - Torres, 2007 - verão

Tempos Pos Modernos

Inspirado na obra de Elizabeth Rudinesco ,psicanalista francesa.

Em lugar do sujeito,
A lógica narcísica.
Depois a história do sujeito inencontrável.
Depois a nostalgia do sujeito perdido.
A depressão,
Contorcendo-se impotente frente ao biopoder injetável.

Em lugar do desejo,
A ciclópica compulsão.
Depois a história do desejo corrompido.
Depois a nostalgia do brinquedo extraviado.
O mercado,
Plasmando-se como duto inflexível de fluxos manipulados.

Em lugar do amor ,
O prazer alucinante.
Depois a história do amor-perfeito.
Depois a nostalgia do amor desfeito.
O sexo,
Impondo-se como fatalidade despótica sobre corpos suplicantes.

Em lugar do nexos ,
A racionalização resiliente.
Depois a história do discurso sem sentido.
Depois a nostalgia do conteúdo perdido.
A razão cativa,
Ludibriando as mais ingênuas manifestações do humano amplexo.

Em lugar da energia,
A velocidade vazia.
Depois a história da energia devorada.
Depois a nostalgia do azul devastado.
A entropia insinuante,
Sobrepondo-se como uma sombra num planeta outrora ensolarado.

Em lugar da história,
O fim da história.
Depois do fim da história o nada.
Depois a dor nostálgica da pristina flor.
A saudade espiralada
Calando violácea sobre o verso triste do trovador.

NOSSOS TEMPOS SEGUNDO BAUDRILLARD

“Que vertigem é essa que pressiona pela racionalização incondicional da idéia (...) suicidando-a.” Baudrillard in Power Inferno, Ed. Sulina 2003- P.Alegre.

Era uma vez
um Grande Império do Ocidente
herdeiro de clássicas virtudes
cevadas na união indissolúvel
da Razão com a Liberdade.
Neste império selou-se a iluminação
de um novo pensar, sem o apoio das estrelas,
de um falar, sem fronteiras de sangue,
de um agir, com a esperança no só indivíduo.
Umbral da moderna idade
Onde o Reino da Necessidade cederia lugar
a inusitadas fantasias de leite e mel
no leito do desejo.
Reinava nele o tempo do acontecimento
E a realidade nele se imprimia como expressão do pensamento.

Então o pensamento escapou,
Antecipou-se a tudo o que lhe podia ocorrer
E sublimou o que era sólido pelos ares
Consumindo a modernidade em si mesma
Como mais um de seus produtos,
Consumida por si mesmo,
A modernidade
Esfacelou-se deixando-nos órfãos da história,
Órfãos do acontecimento que ela foi um dia,
Quando produzia acontecimentos
Nutridos pelas idéias humanizadoras
Do amor, da fé e da esperança
Da justiça
Da democracia
Da tolerância.
Ideais universais fundados no intercâmbio de valores e semelhanças.

Hoje o Reino da modernidade sucumbiu à globalização
E substitui a razão e a liberdade
Pelo primado do mercado.
Não um mercado de coisas tangíveis
Que conformam o acontecimento
Na troca de equivalentes intercambiáveis.
Mas o mercado como abstração hipostasiada da técnica,
Do dinheiro invisível,
Da lógica incompreensível,
Da sede insaciável,
Da sede inencontrável,
Aprisionando o mundo todo nas redes da interconectibilidade,

Deixando-nos nostálgicos
Como se tivéssemos perdido o objeto de amor para sempre.
Como se jamais pudéssemos agarrá-lo em nossas mãos.
Tudo flui, mas com uma velocidade insuportável à percepção humana.
Como se o presente andasse na frente do futuro
 E o futuro ficasse preso ao passado por uma maldição,
Deslocando a atualidade para um déjà vu acorrentado
Sem correntes visíveis
Apenas capturado
Como todos nós em nossas singularidades devassadas.
 Devastadas em mil pedaços do que um dia fomos.

Modernidade ultrapassada pelo simulacro e pela imagem.
Acorrentada,
 germinando ódios ancestrais.
Todos contra todos,
de novo, apesar de Hobbes, Locke, Rousseau .
Uns contra os outros apesar de Marx
Ódio por si mesmo apesar ou por causa de Freud,
na overdose de individualismo.
Uma imensa negatividade degradando o contra-dom impossível,
Suspendendo-se no ar como um guerra sem fim,
Nem princípios]
Nem conseqüências.
Tudo ficará com estava .
Até mesmo sem inimigos reais.
Uma guerra por mera assepsia contra possíveis agentes do Mal
Do Mal de inteirar-se do acontecido como escape do real
Que se des-acontece na sua antecipação virtual
E mesmo assim o paradoxo:
As coisas só se tornam possíveis depois de terem acontecido.
Mas não acontecerão jamais porque proibidas de acontecer.
Ablação do por-vir,
Pela grande aliança de todos os poderes do mundo
Consagrados sobre o cadáver das divindades soterradas
Contra um alien presumido ,
Presumido como real
Presumido como Mal
Presumido como asserção e sobrevivência da eterna Malignidade
Fabricado pelas metástases de uma cultura morta,
De um deus morto,
De um novo soberano que não deixa espaço sequer para o agradecimento
Nem para a prece,
Nem para o sacrifício
Que outrora garantia o equilíbrio entre os seres , as coisas, o universo, as convenções.

A modernidade, sim , assim, sacrificada.
Jaz na tumba da razão e da liberdade.
Em seu lugar, o vazio das não correspondências,
O vórtice do nada,

Buraco negro da racionalidade liquidada
Tudo sem equivalentes,
Todos indiferentes,
Tentando desesperadamente
 dar um sentido ao que não o tem mais nenhum sentido,
 A dar razão à desrazão cativa que a prende
Em obediência a uma estética do mero habitar o hábito.
Ou des-habitá-lo por rejeição cega
Em consonância com a idolatria à estética da violência como meio.
E um abandonar-se a si mesmo sem destino,
Sob o interdito da alteridade
Sob a proibição do acontecer.
A finitude conquistada , sem escapatória,
 na contagem regressiva de seu desaparecimento humano..

..

PAULO TIMM,63- Professor da Unb-Olhos d'`Água, março-2007
paulotimm@hotmail.com

A TRAGÉDIA DO CÂNONE REPUBLICANO

À Flavio Kothe, verdadeiro autor destas idéias.

A obra literária ,

Em qualquer tempo,

É um livro aberto à elevação espiritual

no que o espírito já tem de mais elevado:

A sua capacidade de distinguir

entre o bem e o mal

no decurso da tragédia humana,

quando luzes e sombras se entrelaçam e sucedem.

Por isto , é preciso reconhecer ,entre textos, a diferença de:

nível conceitual,

coerência imagética

precisão verbal

para verificar

quem conseguiu ir mais longe

em termos de consciência

e (quem) sabe escrever melhor...

O artista,

como o filósofo,

não tem pátria:

Ele está a sós com sua criação,

longe de tudo

e de todos.

A morte circunda sua criação.

O escritor escreve,

O cânone literário de seu tempo o consagra ou não,

O público se serve,

E a crítica o coloca sob o crivo implacável da sua amargura.

A grande obra de arte é aquela que vê (est)a crítica fracassar diante dela.

Para instaurar-se como um monumento à eternidade.

No Brasil, há sangue em toda a palavra portuguesa usada
Desde Vieira até o os grandes nomes do cânone da I Republica:

Cruz e Souza, Euclides da Cunha, Graça Aranha

Todos consagrados pelos interesses institucionais de uma ordem senhorial

(Cuja) face cordial só perdura enquanto a (sua) prepotência não é contestada.

O cânone brasileiro é uma consagração de genocídios
Os verdadeiros heróis dos nossos famosos escritores são massacrados

pela cumplicidade da pena destes autores

com a espada que os sangra.

(Impera em toda a grande obra brasileira) a supressão do trágico

para converter-se em epopéia (imprecisa) de vencedores (duvidosos).

Esquecem-se até que,

Para bem mentir ,é preciso saber a verdade.

E que para escrever não basta selecionar palavras doces dentro de regras formais.

Há que se revelar a essência trágica da condição humana.

O verdadeiro herói trágico sofre derrotas e é destruído:

Elas são ,

no entanto,

vitórias interiores do vencido,

derrotas morais do vitorioso.

Para o pensamento trágico não há espaço no cânone brasileiro...

O cânone republicano não discute a integridade moral de Cruz , Euclides e Graça Aranha

(O cânone consagra) um senso sem consenso,

E acaba tendo o público que o merece.

Simplesmente os classifica pela suposta forma,

Identificando-os com os paradigmas literários universais.

O cânone não analisa os conteúdos conceituais,

a riqueza das imagens ou

a adequação sintática que os condicionam

O que “puro” parece, impuro é

Em cada um deles,

o signo (passa) como coisa significada,

numa hipertrofia de significantes

destinada a produzir um longo silêncio :

O do herói assassinado.

O cidadão do mundo moderno, no pseudo simbolismo de Cruz e Souza,

O mundo jagunço de “Os Sertões”,

O imigrante alemão em “ Canaã” onde, sem graça, sucumbe arranhado.

A concepção corrente, tão grata ao cânone, de que a inclusão é positiva

enquanto a exclusão é negativa

Só repete o mito da exclusão do Paraíso.

Esquecendo-se de que o homem de fé é um homem cego.

O silêncio que não é indicado por algum tipo de sinal não é um silêncio:

É morte anônima,

olvido sem saudade,

ausência ignorada.

Nossos heróis assassinados

Depois de mortos pela sociedade patriarcal

O Brasil (se consagra nestes autores como) um país de formação totalitária.

Deixando-nos sem esperança em seu povo .

Por (alguém) não ser bem brasileiro, também não pode ser bom brasileiro.

A raça brasileira (acaba sendo) uma ideologia que serve ao nazismo brasileiro.

À mesma sociedade que o engendra e que se conserva intacta ao longo dos séculos ...

Não é a idéia absoluta que cria a coisa, mas o ente que gera seu conceito

Nada é sem o seu outro

(...) Querer tudo é não querer nada.

(Goethe faz disso o drama de Fausto).

Os Sertões” não tem força por suas contradições;

elas são apenas falhas,

erros de argumentação,

inconsistências

e lacunas.

O elogio da loucura , alhures,só tem sentido

(...) quando questiona a racionalização que pretende ser razão absoluta.

O discurso de Antonio Conselheiro tem mais densidade do que a pena de Euclides.

E tirar conclusões de ordem moral, como faz,

a partir de observações da natureza

é (sempre) problemático.

É puro mito canônico que o nordestino é um forte, em “Os Sertões”.

Apenas uma frase fora do contexto valorizada para confundir os não-leitores.

“Canaã” (também) faz parte do genocídio espiritual

que estava sendo programado na virada do século, quando veio à tona.

Aos descendentes de imigrantes , aí ,foi imposta a identificação com o que eles não eram

e nem poderiam ser:

A assimilação de uma identidade alheia,

a nacionalidade como alienação.

A ideologia da miscigenação não é uma forma de democracia racial,

mas de imposição de um modelo destinado a aniquilar as diferenças

a pretexto de supera-las.

Sob a aparência de “romance de idéias” (Canaã) esconde a falha do romance histórico.

Em nenhum momento se tem a fala do migrante.

A brasilidade define-se pelo aniquilamento da diferença...

A mediocridade , como a loucura, é cômoda.

Díficeis são a arte e a filosofia,

Ambas arquitetas da idéia.

E já que não é a idéia absoluta que cria a coisa,
mas o ente que gera seu conceito,
é este, enquanto artista, que tece os fios da trama na qual
o subjetivo precisa ser objetivo,
por estar além do sujeito,
e o objeto precisa ser captado em suas múltiplas determinações.

O que não ocorre com Souza, Euclides e Aranha.

Se um escritor não elabora o ridículo potencial de suas imagens ,
para mostrar melhor o patético,
como pode ele alcançar o sublime?

O uso filosófico do tragicômico só pode instaurar-se mediante o mergulho no trágico.

O cânone não sabe disto.

Como nada sabe -ou finge - sobre em que consiste a obra de arte

Onde pontifica a literatura pelo seu alcance

O cânone procura ensinar à vítima que foi bom para ela ser vitimada,
ela deve ser grata ao seu opressor.

Falta-lhe a projeção simbólica da grandeza ética dos heróis vencidos

– em escala monumental –

como critério do sublime.

Confunde, como os autores que canoniza, conceito com preconceitos,
juízo com prejuízo.

E acaba gerando um público sem densidade seletiva.(...)

Mistificado pelo patriotismo., no qual o não-valor é formado.

(Mas) sob o patriotismo palpita o autoritarismo.

(Assim)

É preferível não ser brasileiro a ter que (assumir) uma alma totalitária.

.

Olhos d'Água, 30 de junho de 2003

VIII - MEU GOIÁS

1. Meu Goiás
2. Et pour cause
3. Desatento
4. Dia e noite
5. Olhos d Água
6. Mistérios de Olhos d Agua

PRIMEIRAS CHUVAS

Para Godoy Garcia, poeta goiano, em memória e com admiração

Chegou a chuva,
Nacos de ânsia reprimida despençam sobre o chão,
Fardos de algodão encardido amontoados no céu
Cópula desenfreada dos elementos...
São as primeiras águas de outubro sobre o cerrado.
As estradas ficam lamacentas,
As almas pegajosas,
A pele e as bocas mais húmidas .
O corpo das mulheres encharcado...
Na terra molhada vai crescer o milho e feijão,
E o pasto mais farto trazer de volta o queijo.
Até as crianças crescem mais rápido nesta época,
Nas frestas de sol que se insinuam pelos ramos das mangueiras copadas,
E o cheiro de fritura nas casas mistura-se com o suor carregado dos homens.
Os loucos se acalmam,
Os doentes pioram,
As pedras choram pedindo perdão pela sua dureza,
O solo frágil amolece suplicando clemência.
Tudo é lamento, solidão.
Menos as longas fileiras de flores silvestres ,
Tufos de vida colorida por toda a parte,
Parecem não se importar
E celebram com os pássaros o compasso da eternidade mansa em Goiás.

Paulo Timm, Olhos d 'Agua, 10 de novembro de 2002

ET POUR CAUSE...

Quando me perguntam por que vim
parar no meio do mundo,
neste olho do cerrado,
em si mesmo encerrado,
isolado sub-mundo,

Penso nas minhas roseiras,
Nas vozes coloridas aos fins da tarde,
No frescor das madrugadas estreladas,
as espigas crescendo,
o córrego gelado ao fundo,
as artesãs tecendo,

Penso nas minhas prosaicas preocupações roceiras:
Na casa de abelhas na caixa d'água,
Nos gambás intrusos no forro da casa,
o poço , o fosso; a fossa, a poça...
tudo muito simples,
silencioso.

Como a eterna alma do tempo:
Minha velha avó paterna...
E me re-verso neste invertido planeta.
Triste por natureza,
Me faço menino
por um instante.
E nada respondo...

Paulo Timm – Olhos d'Água, 24 de agosto de 2002 , inspirado nas poesias de Li Po e Tu Fu

DESATENTO

E como eu andasse desatento,
Mergulhado no quintal da minha essência,
Não te vi passar:
Moleca brejeira,
Alma ligeira,
Olhos de se ver.

Desci distraído a estrada de terra,
Sempre tomado pela imanência,
E não te ouvi palpitar:
Metafísica incarnada,
Um vaporoso ar de fada,
Tudo sem querer.

Voltei ,então , contrafeito, à minha morada
Rouco de tanta vã e inútil transcendência
E não me apercebi do teu jeito:
Aromas silvestres,
Enigmas ciprestes,
Maravilha de não se crer.

E, assim, sem que eu quisesse,
Nem muito menos evitar pudesse,
De repente apareceste:
Incrustada na rocha,
Incandescente como uma viva tocha.
Parte inseparável do meu próprio ser...

Paulo Timm, Olhos d Agua, 13 de agosto 2002

DIA E NOITE

Na manhã fresca,
Sabendo às carambolas despencadas no quintal,
Eu quis ser o pássaro cantador
Do amanhecer.
Cantei!

Na tarde morna,
Entrevendo as carátulas espichadas no portal
Eu preferia ser o vago trovador
Do entardecer.
Sonhei!

Na noite gelada,
Apercebendo-me da cara-metade do meu ser banal,
Eu conheci tudo sobre a dor
Do anoitecer.
Chorei!

E lá se foi o dia ...

Paulo Timm – Olhos d'Água, 12 de agosto 2002

OLHOS D 'A GUA

Ao amigo Paulo Tovar I

O cerrado não tem mar
Nem o mar o seu calor
Olhos d 'Água em teu andar
Mais confunde o cantador

O cerrado não tem mar
Nem o mar o seu sabor
Olhos d 'Água em teu falar
Cala fundo no sonhador

O cerrado não tem mar
Nem o mar o seu fervor
Olhos d 'Água em teu orar
Traz o universo à sua flor

O cerrado não tem mar
Nem o mar o seu ardor
Olhos d 'Água no cerrado
E eu encerrado neste amor

II

O cerrado invertido mar
Tem na seca maior esplendor
Olhos d 'Água, cheios d 'água,
Afogados em tanta dor...

Paulo Timm – Olhos d 'Água, revisão feita em março de 2007

MISTÉRIOS DE OLHOS D'ÁGUA

Pour Elisa

Paulo Timm- Olhos D'água-2001, novembro

Há vincos de saudade nos baços e fundos Olhos D'Água,
Onde um tempo de folias divinais já não ludibria o tédio.
Tristeza na paisagem humana,
Ou um indecifrável sentimento de perda,
Contrastando com a oferta exuberante da natureza.
A exceção fica por conta da tagarelice dos que vêm de fora.
Sempre mais visíveis, cosmopolitas, explícitos.
Independente da origem, da situação social ou outra diferenciação;
E hoje são muitos. Quase tantos quantos os da terra..
E até vão se misturando, como na boa tradição brasileira.
Cordial, sem rodeios, direto ao assunto.
Quando se trata de boas intenções...
Maior parte chega e parte. Outros ficam por muitos anos .Outros só passam.
Mas deixam seus vestígios .
Pelas casas, pelas almas, pelo ar..
São professores, cantadores, autores, atores e outros mais rumores
Todos com seus diversos humores.
Vêm quase sempre de Brasília, sendo , talvez por isto olhados com certo viés,
Isto porque foi a construção da capital que roubou da cidade morta
A chama de sua vitalidade.
Isto lá pelos anos sessenta, logo depois que Olhos D 'Água virava município,
Desmembrado de Corumbá de Goiás,
Sede de tantas tradições goianas;
Onde emerge o vulto de Bernardo Ellis com sua pujante literatura regional:
"O Tronco" se destacando como marco da idade de barro desta região,
Quando os carros de boi arrastavam-se na lama ou na poeira durante semanas,
Interligando pontos remotos do sertão,
Dominados pela rudeza dos homens que providenciavam a subsistência,
Pela coragem das mulheres, que era o que mais era preciso,
Pelo choro das crianças,
Por um estado que escondia sua fraqueza na violência de suas forças.
Pois foi por esta época que um Prefeito,
Alex Abdalla se chamava,
E seus vereadores, todos mancomunados, roubaram a esperança deste sítio.
No mapa um pequeno vestígio,
Carregado de dignidade,

Transferindo para a beira da nova estrada,
-Beira do inferno como todas as cidades novas em estradas novas-
Tão sonhada pelos mudancistas goianos:
A Brasília-Goiânia, dita BR 060,
O que viria a ser a cidade de Alexânia.
Maldita geografia dos homens,
Contrastando com a geografia de Deus.
Um lugar encantado pela bênção das águas puras

De Santo Antonio,
Pela religiosidade de sua gente,
Cedendo lugar à mera beira do caminho novo.
Lugar do nada, sem nada, no vazio
De coisas, de almas, de tradições,
Apenas automatizado pelo vai-e-vem incessante que tudo arrasta,
Levando ilusões, procissões, corações, todos pagãos.
Olhos D'Água por Alexânia:
A excelência pela excrescência

Olhos D'Água abandonada,
À beira do seu altar,
Junto do Córrego Galinhas,
Logo ali acima formado,
Na pureza do cerrado,
Sem conhecer no seu curso nenhum impedimento.
Apenas lavar os Olhos D'Água,
Levando para o Rio Corumbá, mais abaixo ,
Suas incertezas, sua correnteza, sua impureza,
Um voltar a ser vila,
O vestígio institucional apagado,
A dignidade maculada,
O progresso comprometido,
Um voltar a ser,
A ser nada,
Quando tudo podia ter sido.
Aqui , talvez, a ferida narcísica da cidade morta,
A raiz de sua saudade...
Os grandes arcos na memória de sua gente,
A origem do ressentimento das casas,
A desconfiança com o que vem de fora,
Portador não se sabe de que mal, mesmo que bem pareça.

Foi neste clima que aportaram na cidade morta,
Lá pelos idos de setenta,
Quando o regime militar no país já esmorecia.
Duas mulheres:
Laís Aderne, primeiro
Sinclei Fazzolino , depois.
Dois propágulos diria melhor.
De luminosidade nova na trevalume enterrada pela traição.
Aqui chegaram.,,
Laís com seu marido, lusitano de origem, de exuberância vasta.
Os dois emparelhados na vida e ideais,
Juntando forças no amor à nova morada,
Fabricando a Feira do Troca, inaugurada em 1974,
Sinclei com sua inquietação, da qual nem o coração traía,
Acabaria fazendo ímpar parilha com o fruto da terra, Tomazão,
Transbordaria sua bagagem cultural na America cevada ,
Na então denominada Escola Experimental

Mudando métodos, juntando talentos, valorizando a estima local.
Ambas, tinham que ser mulheres,
- o que elas não conseguem! –
vacionadas à redenção da cidade morta,,
Nesta atitude redimindo a própria Brasília pelo pecado perante ela
Pois de Brasília as duas vieram,
E em Olhos D'Água fincaram suas garras,
Marcando-lhe como presa das suas inteligências.

Mudanças:

Do estado de espírito,
Do estado de coisas marcado pela perda:
Perda das prendas, das artes , do orgulho de ser cidade viva e, com futuro,
Ambas empenhadas na recuperação da alma nativa,
Onde homens talhados e
Mulheres endurecidas, pelo tempo, pelo sofrimento, pela devoção,
Jovens sedentos de modernidade e afirmação
Recolocariam Olhos D'Água no pavilhão das paixões humana

Outros longos anos se passaram..
Olhos D´Água tornou-se popular na região,
Tirando das suas feições vilarejas,
O encanto para todos que iam e vinham.
E foram muitos.:
Uns com suas sementes,
Outros entrementes,
Tudo entre-dentes
Onde só os próprios autores e poucos chegados
Interpretavam sutis entrelinhas
Entre
“Pensando Bem”
E
“Passando Bem”.
Dois pousos que se fizeram referência.
Pela acolhida dos anfitriões, bebida de alguns bebões...
E por isso cedo se foi um deles.
Carlão se chamava e fez fama em Brasília como jornalista,
Desistindo de tudo para só existir ,
Nos ares da cidade morta,
Cujos olhos eram tão fundos como os seus próprios.
Dois outros bem vindos neste tempo,
Tiveram também trágico fim,
Pagando com suas vidas,.
-quem sabe-
o pecado da cidade de onde vinham..
Aluizio e Ivan,
Além de outros pecados que todos nós temos.
Ambos brutalmente assassinados,
Vítimas de uma violência reprimida assanhada pelos humores contrafeitos,
Sacudindo a cidade morta,
Deixando rastros de sangue misturados às lágrimas da eterna saudade,
Da paisagem bucólica, melancólica,
De Olhos D´Água.,

Mas salvo o tumulto daqueles tempos ,
E destes contratempos.
Tudo permanece igual na cidade morta.
A mesma calma de sua alma.
As mesmas gentes .
Emoticons gravados.
Na comunicação.
Salvo - sempre os há...= pois nada há que algo não mude...
Salvo, a coqueteria de fazer gosto da donzela que atravessa a Praça.
No passo com graça,
Sem afetação,
Como a da mocinha que vai à Opera,
Distribuindo charme e promessa vã.
Salvo os desdobramentos da geração amadurecida ,
no gosto da “experimental modernidade” aprendida ,
transformando uns em prósperos mortais,
outros influentes mortalidades,
outros tantos , entretantos...
Salvo , ainda, a tragédia da Feira do Troca,
unindo agora o ideal apolíneo que lhe deu nascimento,
ao êxtase dionísíaco no que se converteu..
O pandemônio instaurado.
A falta de autoridade pública,
A insuficiência da liderança local para impor um novo portal do tempo..
No mais tudo igual.:
A mesma praça abandonada à intempérie,
Sem bancos que acomodem nem que fossem gentes,
A mesma igreja , povoada por um bissexto padre ,
Que nas suas vindas celebra os rituais da vida sem pecado,
da morte sem medo.
As mesmas casas ao seu círculo, contemplando-a,
Com o só protesto – até nas cores – da casa amarela, diferenciada.
E uma , ao seu lado, deformada na sua fachada, por algum
Desavisado forâneo que não chegou a compreender
o espírito da cidade morta.
Que de morta , na verdade , tem só a aparência,
para enganar como o poeta seus leitores.
Até os animais parecem os mesmos, pastando desanimados,
Ou animados correndo , às dezenas , atrás de uma cadela no cio,
Em frenético e germinal celebração...

Muda o século. Muda o milênio.
Olhos D'Água parece não se importar muito.
Sequer se preocupa com o nascimento de um novo Deus.
É tímido o Natal em Olhos D'Água comparado com os Pousos ,
Quando as noites secas , frias e estreladas se alongam até a manhã radiante.
A própria natureza se intimida na estação das águas,
Parece afogar-se em tanta água.
Ganha em vitalidade mas perde em preciosismo.
O cerrado se impõe na seca.
Mas as águas trazem as espigas, trazem fertilidade e expectativas,
Quando ocorre fazer uma tarde de sol.
Cruzando seus raios o cume das casas para se depositar em arco,
Sobre a colina à margem esquerda do corgo.
A cidade morta renasce, resplandece em puro ouro.
Mesmo na estação seca esta é a hora por excelência de Olhos d'Água,
Que a distingue de tantas outras pequenas vilas pelo resto do mundo,
A cidade se excita,
Esquece-se de que é morta.
Crianças correm pelas ruas saídas da escola. A bola rola nos gramados.,
Chega o ônibus do Chico com gentes e estudantes de Alexânia.
Aqui a falta de pressa da cidade ajuda a prolongar o momento mágico,
Temperando-se o clima com a exaltação de bêbados e ventres oferecidos,
De todos conhecidos,
Pois não há segredos na cidade.
Nada escapa a seu olhar, o olhar dos espichados olhos d'água,
Olhar olhado, vivido, pressentido..
Olhar das comadres,
Da maledicência sempre disposta a contrabalançar as vaidades humanas,
Que nunca chegam a ser mesmo vaidades porque inconscientes
Simples evanescências do espírito,
Todos as têm....

O resto é a vida de cada um, na casa de cada um, na alma de cada um.
Todos no silêncio das suas casas sem forro, meia parede,
Tudo muito simples como as fisionomias, o linguajar, os horizontes,
Das pessoas lugar,
Onde se pobreza existe, não há miséria.
Nem falta de dignidade humana..
Todos são orgulhosos , mesmo quando melindrosos,
Nunca falta o fogão a lenha,
Cheirando a galinhada no fim de semana,
Com toda a família à volta,
O feijãozinho com linguiça, ou mesmo sem,
Ainda que sempre todo mundo tem,
Feita nos matadouros da vila, carregadas e vendidas por muitos.
Mas o sempre indispensável feijão de cor.
Da cor do Goiás, do cerrado, das mulheres bonitas,
Da cor do cair da tarde sobre Olhos D'Água,
E muita carne, porque sem carne esta gente não come, não se alimenta.
Sente-se desnutrida..
E carnes por aqui não falta. Sempre tem..
E há fartura de milho nas águas, muita abóbora .
E café cozido com açúcar.
Muito açúcar!
O que faz o desespero dos visitantes,
Pouco acostumados à tal verdadeiro vício do interior de Goiás,
De onde Olhos D'Água é pura amostra,
Resistindo ao tempo,
Resistindo às mudanças,
Resistindo ...
E há também a roca. As fiandeiras . A tecelagem.
Os fios de ouro de Olhos D'Água da cor da paisagem,
Tradição viva que também resiste,
Curtida na época da colônia,
Entrada pelo Império, pela Republica Velha, pela história do Brasil...
Única maneira de vestir uma terra sem fronteira,
Sem produto nobre de exportação a lhe animar o comércio,
Ficando a subsistência por conta de cada um.

Então faz-se noite na cidade morta.
Noites claras, secas, escuras, molhadas.
Na noite de Olhos D'Água a noite também não se cansa,
Como não se cansa o tempo em Olhos D'Água. (Nasce cansado).
No desencontrar ninguém que não o engane,
E assim se arrasta,
Pelas ruas, pelas casas ,pela praça...
Pelas noites.
Talvez este tecido costurado pelo nada,
Me espreite desconfiado.
Eu , que também nada sou, nem quero ser,
Eu, que não faço nada,
Que não quero fazer nada.
Apenas espreito o tempo pela fresta das três portas azuis da minha casa velha,
Voltadas para a praça,
Eu, que fui da Pousada
Mas não moro na Pousada
Como explicar tudo isso. Eu que não faço nada. .Nem fiado converso.
Eu que só faço versos.
Me finjo poeta para dizer a que vim,
Neste fim de mundo que me inspira,
Definindo-me por fim um fim em mim mesmo.
Arrasto-me com o tempo e movo meu pescoço indiferente para ver a praça.
Aí está ela: Imperturbável , eterna..
Duas Marias-Pretas me encham os olhos, preenchem o angulo ,
Onde me encontro.
É como se fossem elas próprias a Praça viva, carregada de histórias.
E há a Igreja, E há a cruz da Igreja apontando para o céu. Este véu pontilhado.
Olho devagar e me lembro que me disseram ,quando era criança,
Que as estrelas eram lanternas de pessoas perdidas no espaço.
Acreditei.
Sinto-me envolto em mistério. Mistério desta cidade morta.
E mergulho fundo nele encharcando-me da minha infância,
Infância que não se esgota nunca, não fica para trás,
Infância que se repete como a língua dos bêbados, dos loucos , dos sonhos...
Infância que se eterniza nesta repetição mítica.
Invade-me a saudade .Misturo-me com Olhos d'Água..
Somos iguais. Não mudamos jamais.
E assim embriagado da nossa solidão escorrego até o coreto em frangalhos da Praça.
Dali vejo tudo. Tudo é tão claro nesta noite de prata e cristais...

IX – CARTAS COM E SEM ENDEREÇO

Tributo aos meus inspiradores

Penúltima Palavra

Eu mesmo

A vida acaba

Carta a um velho amigo

E então?

Bomboniere

Que fazes?

Se às vezes eu erro...

Errei

Melhores apenas

Grandes Anúncios

Dedicatória

Tributo a meus inspiradores

Sou um poetinha normal, até cordial
Comecei há pouco neste ofício
E como um hoplita vou me virando nestas águas
Inspirado na minha solidão
Que é a solidão da cidade morta onde vicejo.
Lá me vejo
Defronte a velha praça, como num antigo retrato
E assim me descrevo, pois, com tal apresentação

E vou conhecendo gentes neste bom ofício
Que de preparo nenhum ostento
Para não falar da falta de talento.
E até mesmo sofrimento, pois que também não tenho.
Então cujas gentes me carregam
Ensinando-me as artimanhas e manhas de tão nobre tento
Que muito tem de tudo mas mais tem de fé
Como se sabe indispensável ,sem que para quê se saiba até.

O primeiro que topei Newton Rossi se chama
Meu irmão mais velho se tornou ,
Não pela idade, que mais moço é, mas pela magia
Graça do espírito de Minas que em si traz e distribui.
Converteu-me, à poesia, fazendo-me amante de versos e trovas
Pela doçura do seu traço, imenso regaço.
Onde se aprende, no rangido do carro de boi
E da prece de paz aos que não sabem rezar,
A perplexidade do assaltante diante de bolsa e vida vazias.

Então tropecei com outro propágulo:Anderson Braga Horta
verdadeiro gigante mineral, no sentido das Minas literal,
De incriada cantaria.
Que se autodepõe como oniferário desindivíduo
De quadrúpedes olhos blaus
Na pedramar que reflange da profarma trevalume.
Senti tamanho medo de seu porte, direi pórtico, que não ousou chegar.
Deixo-lhe meu tributo chão partindo do zero apenas

Ainda tomado de pavor me encontro
Quando por outro invadido por encanto
Ainda que do desencanto angelical e calculado - Mestre
a falar de coisas tão várias
que me fazem mais ainda atrabiliário
mas nunca a ponto tal de desaprender
uma de sua maiores e belas lições poéticas:
“Que o perdão do amor foi feito” . Ah! Velho Taveira...

Imaginando-me pronto - sempre fui meio tolo- , para começar
Nesta louca aventura de rabiscar
Os sentimentos das palavras no passeio azul de sobrealmas em flor
Outro - já de muito amigo - deparei a me inspirar.
Em impacto solar este nada pacato saltimbanco
- baiano tinha que ser – Heitor Humberto
Me irradia e anima para meus primeiros versos riscar
Responsabilizando-se sem saber, nem sê-lo, pelo que de mim vier a ocorrer.

Finalmente, mas não por último , uma mulher.
Divindade para quem e devido a quem
Como dizia Baudelaire
Fazem e se desfazem fortunas, glórias e preciosidades
E em cujos olhares pende suspenso o destino da eternidade
Deu-me nisto tudo inspiração,
Recolhendo-me embora desinteressada
De uma desinteressância da que eu já não tinha senão.

Assim trazendo,
De mim ,a saudade do que nunca fui,
Do Newton , a fraternidade que sempre precisei,
Do Anderson , o desafio que reneguei,
Do Taveira, a elegância que sempre invejei,
Do Heitor, o wanderley que se foi,
Da Mina, o meu momento ,
Eu, que já era prosa, fiz-me em versos.

Carta à Amiga Wilma.

Oi Amigona!

Como vai?

O que espera da semana???

Trabalho:ciclo encerrado.

Tombos na motocicleta? Cuidado!

Outras aprontações dos meninos!

Ah!Não faltava mais nada...

Então continue , como eu, no estado que a poesia emana

Aprendendo a curtir no tecido invisível do tempo

Dores que vêm à flor,

Flores que viram dores,

Amores que vêm e vão,

Ou mesmo o próprio nada que se desfaz na sua meada. Como dizia o velho “Machado”.

PENÚLTIMA PALAVRA

Paulo Timm -Brasília, abril de 2002

Ao velho colega Paulo Renato

Não, não digas nada, meu velho amigo!
Pois tudo o que dirias
Nada mais seria
Do que a verdade pura
que, de dizer-se, em fiapos far-se-ia
desmanchando-se em farrapos
Verdade que pouco dura
Além da exclamação vatorial.
Ohhhh!!!...
Para que serve a glória?
Senão para rememorar os bons momentos que tivemos
E foram tantos
E tão bons
Que me sustentam com doçura os piores tons
Que cada vez e com maior frequência
do que se imaginaria outrora
Á flor do cotidiano afloram:
Aaahhhh!!!
Nossa velha Faculdade de Economia,
Dominada pelo pedantismo
De um Diretor ultra-tomista
Mas deixando pelo mesmo caminho
Espectros do engenho precoce
De vinícias figuras,
Cândalas auguras,
turma de dotados,
Todos fadados
Ao “brilhante porvenir”, como diriam os cunhados...
E ali estávamos. nós, jovens dourados,
Constuindo nossas andanças,
De renovadas esperanças:
O Nelson, o Ruizinho onde andará?
Éramos tão poucos ou é apenas minha fraca memória?
O Coimbra, meu compadre, que nunca vejo,
Sabendo, apenas, que meu afilhado está no mundo..
Abençoado seja!
Maria, futura consorte,
Que belo filho me daria!
A aguentar-me no meio de toda aquela fancaria.
O Curso da CEPAL, o rastro do Chile, a ESCOLATINA...
Como esquecer-me da tua fineza
Aquela infável gentileza,
Escancarando as portas da Assembléia Legislativa para um debate
Por onde se inisnuariam na vida pública valores tantos

Que muito te devem neste entreato um bom tanto.
A tua nobreza oferecendo-se como virtude,
Estrangeira propriedade que faz com que as criaturas
Aproximem-se das humanas figuras..
Devo-te , num destes lances , meu primeiro ano no Chile.
Ou esqueceste o gesto que me fez “ayudante” na FLACSO?
Mas que também se traduziria em firmeza
Quando as circunstâncias (do golpe) o exigiram.
Lá estavas! Disse-me-o o Velho Celso,
Antes que o desatino o levasse com frieza.
Como estavas também à espera da minha companheira
No inóspito Aeroporto de Santiago
Numa difícil hora
Da nossa conturbada existência
Que me fez mais frágil ainda do que era.
Por tudo isto desfaço da inveja que , sem querer , me quer
E sufoco o ressentimento da desfeita
Não ter-me , à porta, que fosse, recebido. ,de uma feita,
Quando queria , apenas, dizer-te
dos áulicos de todas as circunstâncias
Sobre suas históricas genuflexões ao poder,
Mais que tudo reprimo qualquer sentimento
De injustiça porventura instigada.
Não , não digas nada, pois!
Iiihhh!...Pecados?
Os teus , os meus, de toda uma geração já lavados.
Daqui a pouco estaremos arrastando os pés
Longe dos rapapés,
A caminho da memória,
Refestelados em histórias,
À espera da penúltima palavra,
Antes do derradeiro adeus..

FALTA DE ENDEREÇO

Falta alguma coisa no meu jardim.
Mas lá estão as flores, as cores,
Do meu coração mil humores...!
Mas falta alguma coisa no meu jardim.
Olho, olho, olho...
E não consigo saber o quê...?
Alguma coisa falta,
Alguma coisa,
Alguma,
Falta...
De repente deparo-me com as roseiras em flor.
Inúmeras delas viçosas e belas.
Mil rosas generosas,
Expostas,
Dispostas,
Ao ar,
Ao meu olhar,
Ao meu quedar.
Belezas fadadas a despatalar-se
À falta de um endereço que lhes justifique a quem entregar-se...

Paulo Timm – Olhos d Agua, agosto 2002

EU MESMO

I

Neruda falou: “Confieso que vivi!”

Jaguar, notável humorista, o parodiou, sem pretensões:

“Confesso que bebi!”

E eu ?

Confesso o que?

Eu que não chego num confessionário desde tenra idade,

Eu que prezo minha privacidade,

Eu que rezo sem crer em oração,

Eu que vi todos os meus ideais iluministas esvaneceram-se no século XX,

Invoco-me da quase sexagenária entrada

E me deponho publicamente:

“- **Confesso que fracassei...!**”

P´rá....!! Quê...!?!

Acodem-me todos,

Amigos, filhos, a namorada

E proclamam:

“*Isto é uma infâmia, NUNCA diga isto*”!

Ouso perguntar:

Por que?

-“*Por que não, ora...! Um fracassado é um inútil, um verme..*”.

Argumento:

Não sei se sou um verme, mas inútil, absolutamente inútil, sei que sou.

E acrescento:

De resto, meu fracasso nada tem a ver com minha inutilidade.

Sou inútil. Ponto. E ainda por cima, fracassei...

Há milhões de inúteis que não se consideram fracassados.

Estão por aí. Em todo lugar,

Tentando acrescentar algum valor à falta de sentido de suas vidas,

De suas ações, de suas intenções.

Vão à festas, fazem churrascos nos fins de semana

São prósperos. Vitoriosos. Levados a sério.

Viajam regularmente à Europa, Estados Unidos

Com Cartão de Crédito: Moeda Eletrônica.

Sem falar uma palavra de inglês ou francês

Arrastando um horrível idioma

A que dão o nome de “espanhol”...

(Por que todo o brasileiro inútil acha que nasceu sabendo este idioma?)

Pois são todos inúteis. Absolutamente inúteis.

À luz da felicidade humana,

Que não se mede pelas realizações mesquinhas de cada um,

Como se o bem comum fosse o resultado melhor,

Do melhor de cada um.

Triste e maligno princípio da Economia Clássica

Denunciado por um jovem esquizofrênico de Princeton que o contestou

-(John Nash, Premio Nobel de 1998)-,

Mas que ainda teima em se impor nas rodas da inutilidade como um dogma.
Pois são todos donos da situação.
Senhores de si .
Orgulhosos uns dos outros.
Inúteis...

II

Mas eu não sou dono de nada,
Aliás, moro em casa alugada.
(Nem por isto desprezo a propriedade)
Não sou senhor de coisa nenhuma,
Nem crédito tenho porque descuido de pagar minhas excentricidades
E , cretino, boto a culpa em amigos que me deixaram mesmo na mão.
(Nem por isto desprezo a amizade, louvo-a com todas as minhas forças
Nem sinto qualquer orgulho próprio,
Porque não tenho coragem de cobrar o que me devem)
Mas não desprezo o desprezo que me votam.
Até me devoto com mais dedicação ao amor.
Mas também sou inútil.
Minha única utilidade são os versos sem rima que me acometem,
Que de serem lidos,
Ou terem qualquer valor,
Não me certifico.
Ainda assim., mesmo lidos,
Serão compreendidos?
Ou se perderão?
Como se perderão todos livros, todas as bibliotecas, todo a luminosidade
um dia?
Quando o Planeta voltar às trevas.

III

Portanto, se ser inútil é o ponto de partida do fracasso
Eu fracassei
E se fracassei, fracassei, ora...
Para quê mistificar?
Uma pessoa, qualquer pessoa,
cuja experiência é um patrimônio da humanidade,
tem um Projeto na vida.
Na verdade tem vários projetos
Mas sempre tem um em especial
Que lhe marcará a existência.
É isto que ensinam à gente:
- “Vai, Paulo, dar um sentido à tua vida! Sê! “
Este sentido é “o Projeto”.
E lá se vai a gente tratando de realizá-lo.
O meu foi o de transformar a humanidade
Ou , pelo menos, contribuir para tanto.
Que loucura! Como pude fazer isto?
Mas fiz, acreditando-me melhor do que os outros,
Embragado de forte overdose de mim mesmo.
Sem talento, ou mesmo fê suficiente, para fundar uma religião,
Extra-sensorial ou Universal,
Do Reino do Sobrenatural.
Finquei os pés no meu próprio Reino, do possível,
Onde a justiça ,
Não a compaixão,
seria o fundamento de todas as coisas.
E a ética ,
não o moralismo, que é sua pior perversão,
fosse a base da ação entre os homens
E não fui muito longe.
Fracassei! E vi escoar pelo ralo da vida parte de mim mesmo.
Lego um mundo um pouco pior do que o que me brindaram,
E eu mesmo um pouco pior do fui e era.

IV

Portanto, meus amigos,
Registrem.
Levem-me , pelo menos uma vez , a sério:
-“CONFESSO QUE FRACASSEI!”
E ao confessá-lo me sinto absolvido de minha missão inútil
De salvar a humanidade, de salvar a mim mesmo.
Do meu fracasso.
Sinto-me aliviado
Pronto para apenas viver as dimensões mais humildes do meu eu,
Onde se esconde uma felicidade que nunca experimentei,
Como as manhãs ensolaradas, sombras de árvores, cantos de pássaros,
Praias que ainda hei de ver.
Versos que ainda hei de escrever,
Controversos que hei de evitar,
Mulheres que talvez ainda amarei.
Tudo o que de cotidiano e simples farei.
Quero ver meus filhos,
Abraçá-los simplesmente,
Quem sabe dizer –lhes:
-“ Vão, meus filhos, vida afora! Sem Projetos na cabeça !
Entre duas razões em disputa,
escolham a cor preferida ou a canção mais terna,
Afinal, já se disse:
“A verdade nem sempre é simples nem pura”
Sintam apenas,
Intensamente!
Que esta é , na verdade, a única razão de viver.
-A virtude (platônica) da condição humana-
Nesta vasta dê-s-razão da própria vida
Que fica a inventar razões
Que nem a razão suspeita
Delas mais suspeitando os que são dela privados:
Loucos, poetas , amantes da lua, os velhos feiticeiros,
Eu mesmo,
Fracassado ...”

Paulo Timm - Brasília, fevereiro de

2002

A vida acaba

Para que nascemos?
Biológicamente, para morrer.
Ao nascer já sabemos
Que um dia vamos morrer.

A natureza é cruel, sem contemplações.
Para ludibriá-la lhe acrescentamos,
Inúmeras e vãs justificações.
Tudo para escapar-lhe dos poderosos grilhões.

-“Nascemos para servir ao Senhor!”
-“Nascemos para viver!”
E há até os que dizem:
-“Nascemos porque voltamos a nascer!”

E assim entre sublimações e perversidades,
Outros propõe uma estética da existência,
Muitas vezes convertida,
Em ética de prepotência

A vida acaba de qualquer jeito , quando menos se espera.
O carro bate, cai o avião, um tranco e já era.
Lá vamos nós de roldão.
Arrastados da vida , na contramão...

A vida acaba para milhões de famintos,
Um ano antes de nascer.
Leva o acaso a inocência,
As vezes na fatalidade se perder.

Uma bala perdida, uma ferida,
Tudo pode ser razão,
Para dar cabo da vida,
Do segundo numa fração.

Ontem risco natural,
Hoje um tecnológico senão,
Assim amontoam-se ao final,
Todos os que se vão.

A vida acaba ao entardecer,
Acaba num susto, de repente acaba.
Um aqui, outro acolá. Às vezes aos montes.
Com sorte , a vida custa a acabar.

A vida acaba sem traumas,

Para os que aprendem a morrer.
Os infelizes nunca se conformam,
De um dia ter que ceder.

E assim se vai a vida,
Dia-a-dia adiando o dia,
Que deixa-se levar da vida,
Sem qualquer explicação.

Não só a vida se acaba.
Nela se acaba tudo também.
Só não acaba a saudade.
que eu trago daquele então....

PauloTimm 25 fevereiro, 2002

CARTA

Ao amigo Flavio Koutzii

Caro e Velho Amigo:

Vi-o , ontem. Na TV.

Exercitando seu sagrado direito,
pelo qual quase perde o feito,
perdendo , por certo , no percurso
o curso do seu muito encanto e jeito..

Vejo-o ,ainda, como sempre, enigmático,

Gioconda expressão de seu imaginário carismático.

Estás um pouco gordo, canas visíveis
sobre as entradas acentuadas pelo contratempo.

Lembro-me de relance “daquele” tempo,

No bar da Filosofia, itinerária magia:

um dia em Porto Alegre, outro em Santiago, até Paris aparecia.

E revejo os dias chuvosos, tormentosos, já até saudosos,

levando da “ morte no coração” nacos preciosos,

“los que se fueram ”inspirando “los que hán de llegar”...

Sou feliz por ter vivido,

Na desrazão do século já ido ...

Tê-lo tão bem conhecido,

E, de certo modo, por termos vencido.

Vai um abraço, uma saudade,

Um leve sopro de felicidade,

por tê-lo visto - ainda que tão de repente -,

Mas assim é a vida, patente,

um registro fugaz da fugidia mente.

Vê-lo-ei quando? E à Flávia?

Se é que não te levaram do coração,

Também, a exuperiana lembrança

De que “és responsável pelo que cativas”...

Paulo Timm - Brasília, 18 de março de 2002

E ENTÃO ...

E então, Maurício,
Chegaste aos trinta e cinco.
Uma boa metade ,sem vícios,
- até aqui com sorte ! -,
Da vida.
Os grandes projetos
Devidamente encaminhados.
Exatamente como aviados
Alguns poucos anos faz:
A profissão, depois o correr atrás,
O lado material.
O coração... pois?
Uma morena irresistível,
Romântica e sentimental.
(Quase ideal)
E assim por diante:
A morada,
A estrada,
Meninos, apenas dois.
Mas tudo nesta vida é nada.
O presente num instante:
A foto da família na carteira,
No ar um estampido cortante,
A fatalidade certa,
Sangrando o futuro depois,
Trespessando o acontecimento.
Sepultado em trágico momento.
E então...?
Maurício já não és...

DISTRAÍDA

Uma manhã ensolarada,
o estio ,
O fim de uma estação copiosa e prolongada,
verão gentio,
trazendo no seu intuito,
O fim, também, do descuido de quem vela:
O risco do apagão, o racionamento,
Vasto momento,
De um novo dia,
Do outono radiante que se anuncia.
Abençô-me
Na dádiva eletrônica da luz da tela.
Já não folheio os matutinos
Nem ansiosamente os atino,
nem aguardo.
Simplesmente ligo e me ligo sem resguardo
-Além dos que como “ídolos” do que vejo sempre guardo-
E se não me alcança a imprevidência
Saboreio as verdades pagãs da mortal convivência
Flanando como um cidadão do mundo
numa fração de segundo:
Oriente Médio e Irlanda eterna pira
Crepitando crenças que o próprio Deus inspira.
No Brasil:
Um Partido -será que presta? - apoia o Governo,
Outro se apresta a ele chegar,
Enquanto o mesmo Governo - para ficar-
Ajusta suas contas internas.
Todos querem ao Governo arribar,
Os anos de eleição só os fazem excitar,
Enquanto milhões se perdem na desesperança
Excitando-se no exercício de irracional matança.
Na fugaz passagem da eternidade,
Às vezes uma cara lembrança,
Trazendo à tona da esperança,
Um fantasma, silhueta efêmera, como uma dança,
meros feitos:
Um amigo de infância, feito homem,
Um radical colega da Faculdade ,conservador feito,
Um companheiro de ideais feito esvanecido,
Até um velho amor, feito e desfeito.
Vão-se os feitos!
Todos no acaso da imagem
Colhidos de passagem.
Hoje foi um deles,
Velho guerreiro
Agora voto certo,

Democrático,
Colhido no justo instante
De se fazer mandante
no ritual das pedras contadas,
Que entortam as linhas datadas
do destino autocrático
-Outrora senhor absoluto do desejo-,
Pela afirmação do humano ensejo.
Ali meu velho amigo ,
Ligeiramente constrangido
Grave e compungido
Quase convertido
À mortal condição de estar consigo...

Paulo Timm - Brasília, 25 de março de 2002

BOMBONIERE

À amiga Marlene Libardoni

Ali está a bomboniere.

Feminina na exposição,
Sempre à vista do espelho mais próximo,
Invitavelmente curva, roliça,
Delicada e transparente.
Podendo variar no tamanho
nunca na produzida graça.

Ali está a bomboniere.

Cristal puro no melhor dos casos,
Às vezes vidro trabalhado,
Incansado,
Mas em todas as casas,
Em qualquer dos cômodos,
ou fingindo-se porta-jóias sobre a própria cômoda.

Ali está a bomboniere.

Prestativa dos mais íntimos segredos,
Cúmplice de proibidos desejos,
Guardiã de memoráveis fragrâncias,
Elegância sutil,
No resguardo de uma ressequida flor,
Lembrança de fugidia dor,

Ali está a bomboniere.

Enclausurada em silêncio frágil.
Preferindo como vaidosa mulher,
despedaçar-se,
A cair na desgraça a mais vil:
Desfigurar-se...

Paulo Timm - Brasília, fevereiro de 2002

QUE FAZES?

À menina dos olhos doces e tristes...

Que fazes?
Fala-me de teus gostos,
desgostos.
Por onde andam teus passos,
Compassos,
ávidos,
travessos?
De que planeta vieste,
Por acaso me viste?
Ou só de ouvir falar me soubeste?
Eu,
poeta vagabundo e triste,
de te conhecer me fiz inda mais triste,
nesta solidão mansa do
Santo Antonio de meus aguados Olhos
sabendo-me tão longe
de teus -doces olhos -,
igualmente tristes.

PAULO TIMM, Olhos d'Água 2002

SE `AS VEZES EU ERRO...

Se às vezes eu erro,
Quem me assegura , afinal de contas,
Que eu não sempre erro,
Sem que disso me dê conta.

Errei, com certeza, aos vinte e cinco,
Quando era um alvo fácil,
Sem portas, trancas , nem trinco,
Oferecendo-me em holocausto táctil.

Errei , depois, sem clareza, aos quarenta,
Quando já do homem se espera,
Maior cuidado ao que a vida inventa,
Para que dela não perca numa quimera.

E errei , ainda – que beleza! -, perto dos sessenta
Recalcitrante no sonho legendário,
Navegante quase sexagenário ,
De uma infância mítica que se sustenta.

Com firmeza, registro , pois, meus erros,
Sem culpas, nem reclamações,
Muito menos desculpas e sermões,
Senão para não recair nos mesmos erros.

Erros que na correnteza ainda assim cometerei,
Aos setenta, aos oitenta,
Com boa vontade numa idade de rei,
Erros que ao findar ostentarei.

Como espelho da minha voz humana,
Da minha pele que escama,
Da derrama que de mim emana,
Deixando-me a sós para uma nova errama...

Paulo Timm - Olhos D Agua 16 de julho de 2002

ERREI!

Olhos d Agua, julho de 2002

Errei!
Que há de mal em errar?
Quem dentre os humanos não erra?
E não volta sempre a errar?
Errei.
Eu erro,
Tu erras,
Até eles, - quem diria! – erram!
Sorte nossa!
Errei!
Deus não erra, diz-se,
No que fica menor do que nós.
Com o paradoxo de ,
ao ter criado um ser que erra,
À sua imagem e semelhança,
Tenha cometido grande errança
Não sendo , pois, tão infalível como diz.
Errei, pois!
E sei que voltarei errar.
Nada podendo fazer para impedi-lo.
Que até a poesia é um fazer de erros,
Produto de solitários errantes,
Cultivado no desterro dos que erram
E que tanto sofrem por este errar...

Melhores Apenas

Aos meus netos, se um dia tiver...

Houve um tempo em que a grande questão
Tratava da mera indagação
responder
Entre o ser e o não ser.
Esqueceu-se o grande poeta, desta sina conhecido inventor
De tratar além do mais
Ser como?
Para quê?
Sem o quê tudo o mais
Pode ser posto a perder.

Ser justo, como queriam os antigos,
No compasso da natureza?
Ser bom, sob o nome da rosa,
Nos passos da compaixão?
Ser consciente, como pretende,
A última revolução?

Mas justo, bom e consciente para quê?

Até o sol, fonte da vida
Por todos defendida
Como o maior valor enfim
Traz nas suas mensagens
O cansaço das viagens
O embaraço do prenúncio do fim.

Daí outro grande poeta, desta vez o da mansarda
Prenunciando a confusão
Ter sempre preferido complicar a shakespeariana simplificação.
Nunca quis ser, nem ser nada.
Nem propôs-se a ser.
Sequer procurar ser.
Ao contrário:
Vencido.
Doentamente lúcido.
Febrilmente humano
Invocando-se sem nada encontrar
Preferiu redefinir a indagação
Localizando a conclusão
No prazer da confeitaria
No aleatório da tabacaria
Às vezes na poesia.

Isto faz um século.
Desde lá pouco se avançou
Sabe-se apenas que tolos são os que na versão de verdade acreditam
E respondem sem hesitação
Ao que os sábios sempre contestam em branco
Fazendo o mundo andar aos trancos
Entre a ilusão insana que lhe move
E o movimento da alma humana
Na invernada da solidão.

Bem diz o dito que a eternidade
É a medida do tempo sem compasso
Enquanto é o mortal humano
A eternidade nos seus trôpegos passos.
Se a vida é um manancial inesgotável de ilusões
Que a uns emula, a outros anula
Sem que verdades se coagulem
Que fazer
Para responder
aos imperativos da confissão?
Novos deuses nascerão.
Estados salvacionistas se erguerão.
Ciências se renovarão.
Todas faces novas do bem
O que não aprontarão?

E nós?
Tanta miséria no mundo
Tanta guerra, tanta moral podridão.
Ficaremos calados,
Encerrados na dúvida
Ou arruinados na convicção?

Sem ser eu da poderosa ilha ou da mansarda
Apenas um noviço desenraizado
Perdido na cidade morta
Que adotei como morada
Sem ser esta minha missão
Ouso clamar por uma nova voz:
-Bons e maus de todo o tipo uni-vos!
Vamos melhorar o mundo
Sem os caprichos da paixão
Sem do natural a crueldade
Nem os vícios da suposta razão.
Pede-se apenas aos bons que na bondade não se esforcem tanto
E aos maus maldade não tanto as façam

Então esta entre-nós maior desigualdade
Abrir-se-á para a definitiva dissolução.

Quem sabe ,
assim,
sem resolver da metafísica os dilemas
Nem do mundo globalizado os maiores problemas
Pudéssemos,
enfim,
sem ter qualquer definido fim
Fazer os homens um pouco , só um pouquinho,
-E isto já seria muito-
Um pouco melhores
Do que foram seus vovôzinhos....

Grandes Anúncios

Procura-se uma mulher para ser amada
Que tenha compreendido do amor a sensação
De entregar-se sem outra razão
À que diz aos dois apenas uma meia verdade velada

Procura-se uma mulher
Que recolha da natureza, como os girassóis
O encanto inefável que a floração requer
Deitando-o em carícias sob noturnos lençóis

Uma mulher
que em romantismo se iluda como certeza
E nesta ilusão me arraste com presteza
Pelos desvãos da sincera correnteza

De um incerto qualquer
E para o que der e vier:

Procura-se uma mulher!

Dedicatória

À mana Lourdinha nos seus setenta aninhos...

Entre o tempo e o tempo,
Uma saudade imensa
E a distância mínima de nossa cumplicidade fraterna.

Porto Alegre, 4 de fevereiro de 2007.

X-POEMINHAS PROVERBIAIS,
OUTROS PEDAGÓGICOS E OUTROS,
AINDA , PRETENCIOSOS

Deixa estar
Meu Deus!
Meu paradoxo
Dimensões
Interrogações
Meu quedar
E nós?
Meu infinito
Não me pergunte
Um dia qualquer
Fado e Fato
Quê sei eu?
Dois segredos
Bom senso
Eu, estranho
Balada de um Rei Nu
Carioteca...?

Deixa estar

Admitamos:

Se fôssemos dar

A cada um o que se merece

A cada qual o seu igual

A César o que é de César

A outrem aquilo que esperamos receber em troca

Estaríamos fritos.

Cada um se merece sempre muito mais do que vale

Sendo válida a máxima para os nada valem mas preciosidades se atribuem

A tal ponto que se diz ser o mais lucrativo negócio com eles traficar

Comprando-os pelo que valem

E vendendo-os pelo que pensam que valem.

Haveria neste caso ainda outro grande problema

O de abastecimento

Pois não haveria mercado suficiente

Para atender o insaciável mercado das vaidades humanas...

E se déssemos a cada qual o seu igual?

Aí sim, estalaria a crise.

Pois no igual está o negativo que todos tentam na face enganar

Tanto que não foi difícil inventar

No principio ativo do *similia similibus curantur*

O pior inimigo do próprio igual.

Também nestes casos um grande problema surgiria

Não deste vez como abastecimento

Ainda que fosse muito difícil igualar o humano tormento

Mas como casar igual com igual sem prejudicar o resultado final?

Vamos , então, dar apenas a César o que é de César.

Tudo bem!

Neste caso basta que se reconheça o que a outrem lhe pertença.
Mas como seria isto possível
Quando jamais alguém se engana nas contas contra si mesmo?
Sendo de se reconhecer ser isto atávico à natureza dos homens
Parecendo haver um árbitro interno que a razão desconhece
Roubando eternamente neste jogo de interesses distributivos.

Também aqui residiria inarredável dificuldade
Nem de mercado , nem de entropia
Mas de simples satisfação aos tortos
Que crendo-se Napoleão ou César queriam tudo levar.

Vamos, pois, dar à franciscana
E fim de papo.
É dando que se recebe. Então vamos dar. Dar à mão solta. Dar tudo...
Pois receberemos muito mais em troca.
E a centelha que transforma a massa em energia terá aqui se revelado própria
O produto final deste subreptício intercâmbio será maior do que o inicial.
Certo? Não! Errado.
Nada disso será verificado,
Pois no mundo a ingratidão é tida não apenas como o maior pecado
Mas como o que mais se manifesta por todo o lado
Tanto que diz o velho ditado
Não pratiques o mal que é pecado
Nem o bem que será sempre desperdiçado.

Mas ainda nesta remota proposição persistiria a inviabilidade
Nem de mercado, nem de entropia, nem de mera insanidade
Mas de simples realidade
Quem dá nada tem .Quem tem só entrega no toma-lá-dá-cá.

Assim sendo ,
Melhor
Convenhamos:
Deixar as coisas como estão. Um dia melhorarão...

Meu Deus!

Deus na mente dos homens
Veio ao mundo sob formas múltiplas,
Arte animada de misteriosa luz.

Neste tempo o homem era espírito
E corpo conferia aos deuses no seu andar
Na esperança deles um dia se aproximar

Para eles a natureza
Era um tabernáculo do habitar
Impondo- se como guia de todo o comportar

Justo era todo aquele que aprendia
Em tudo a nela se orientar
Nascendo aí o direito em sua forma elementar

Vieram , então , os sermões com seu prolixo linguajar
E inventaram um Todo-Poderoso Senhor
Sempre em primeiro e único lugar

Separou-se o céu da terra a natureza em pedaços
O homem privilegiado traço feito
da mesma matéria mística que o novo Senhor

Se Deus era absoluto no céu
O homem o era debaixo deste véu
Retirando da natureza o antigo respaldar

Tudo porque da época os olhares
Resolveram do verbo o pé-da-letra fincar
Em revelações de duvidoso ditar

Aí nasceu o pecado
Roubando do natural seu preclaro fado
E da inocência a pristina flor

Flor que sob o manto da culpa
Transformou-se em fonte de dor
E inevitável fatalidade para todo o seguidor

Pecados rigorosamente classificados
Pecados para todos os lados
Não havia saída possível para deles um homem escapar

Pecados de todo tipo
Ao nascer original, capital ao mero viver,
mortal quando praticado condenando à eternidade arder

Acaso ou coincidência
Junto com tal e nova razão faleceu
A virtude do inefável contemplar

Perdeu-se a noção do justo
Substituindo-se pela do homem bom
Sutil diferença muito ao gosto de Procusto

O justo era do universo o espírito natural
Fazendo do próprio corpo um imenso capital
E da sua própria vida fonte de prazeres como num manancial

Já o bom a paixão do corpo afastou fazendo-se o sofre-dor
Cujo maior predicado em compaixão sublimou
Purificando-se neste ato como um fiel pecador

Veio então a Filosofia, esta visão consagrar
Enaltecendo no homem a condição racional
Modelando sua consciência como dela o habitat convencional

Dois mil anos se passaram
Além dos que não se podem contar
Mas de repente tudo reverte ao seu primordial ancestral

O Grande Deus está morto. Deposta a razão. Em crise a consciencia
Bem feito cristal.

Imortal é o espírito que renasce criador
Misturando-se celestial no que é feitura eternal.

Bem o disse o baiano ilustre: Deus o Diabo na Terra do Sol...

Meu paradoxo

Muitos, ortoxos,
Agarram-se às suas verdades eternas

Como fim último em suas vidas
Outros, heterodoxos,
Meias verdades preferem
Como meio de vencer na vida
Eu, paradoxo, me subentendo
Sob verdade nenhuma

A vida acaba

Para que nascemos?
Biologicamente para morrer.
Ao nascer já sabemos
Que um dia vamos morrer.

A vida acaba para milhões de famintos
Um ano antes de nascer
Leva o acaso a inocência
As vezes na fatalidade se perder

A vida acaba quando menos se espera
O carro bate, cai o avião, um tranco e já era...
Lá vamos nós de roldão
Arrastados da vida na contramão

Uma bala perdida, uma ferida
Tudo pode ser razão
Para dar cabo da vida
Do segundo numa fração

Ontem risco natural,
Hoje um tecnológico senão
Assim amontoam-se ao final
Todos os que se vão

A vida acaba ao entardecer
Acaba num susto, de repente acaba,
Um aqui, outro acolá. Às vezes aos montes
Com sorte a vida custa a acabar

A vida acaba sem traumas
Para os que aprendem a morrer
Os infelizes nunca se conformam
De um dia ter que ceder

E assim se vai a vida
Dia-a-dia adiando o dia
Que deixa-se levar da vida
Sem qualquer explicação

Não só a vida se acaba
Nela se acaba tudo também
Só não acaba a saudade
que eu trago daquele então....

25 fevereiro, 2002

Dimensões...

Há tempo para cada coisa sob o infinito
Tempo para nascer, tempo para amar, tempo para morrer
Ha tanto tempo tento compreender este infinito
Mas só encontro a expressão
da eternidade sem medida
E a explicação da vida
pela sua condenação inevitável à morte.

Onde , pois ,o lugar do amor
e do seu momento próprio?

Seria no Verbo, o seu primeiro,
que com o acontecimento da criação
marcou a singularidade do feito
e lhe impôs a Lei?
Ou no segundo, seu Irmão,
que a carne que cria e dilacera a carne
lhe brindou por sorte
deixando a todos como herdeiros de Caim?
Ou no Terceiro?
Aquele , quem sabe,
que se desvaneceu em espírito
dissolvendo-se poeticamente
em estranhas luminosidades
que os homens insistem em chamar de estrelas.

Ah! Enfim, o compreendi.
Já não me intimidas
Oh universo ! Que te fazes finito
E compreensível
À luz do amor...!

INTERROGAÇÕES

Crê que existe por pensar?
E que só no muito falar encontrar-se-á a loucura?
Que nada! Ela está em todo lugar,
 mas se aloja na inquietação.
Esta incapacidade para viver plenamente
 momentos como acontecimentos ,
 acontecimentos como celebrações.

Encarnação tipicamente freudiana:
***O sujeito livre, dotado de razão,
mas cuja razão vacila no interior de si mesmo..***

Carente de diálogo para elucidá-la
E de muito amor próprio para superar-se neste enigma.

Mas assim é a vida de todo mundo:
 a gente acha que a controla
 sem desconfiar de que
 neste achar reside a perdição
 sendo , no procurar , a graça e o espetáculo .

É ela – a vida - sorrateira , quem comanda:
 Irracional e irremediável.
 Avassaladora. Sem contemplações.

Daí ter o homem inventado os deuses e a arte
à vida, Tornando-se assim seu rival
 Diante do inevitável...

Como um artifício para igualar-se

Meu quedar

O que quero
Não consigo
Nem ser,
Nem ter,
Nem estar
Quisera ser ninguém
Não ter nada
E estar em todo lugar.
Ocorre que sempre o que consigo
Só me faz negar meu andar
Sou sem nunca ter sido
Tenho sem nunca ter tido
O meu verdadeiro quedar...

Meu infinito

Meus olhos deviam ver
A tua singela graça deslizando andar
Meus ouvidos deviam ouvir
Os timbres da tua virtude inebriando o ar
Minha boca devia saber
Tudo que me tivesses a dar
Mas fez-se tarde.
Outro dia amanheceu ,
Sem canção, sem pretensão , nem calor
Já não há mais tempo para outra dor
Meu infinito do dia veio à flor

NÃO ME PERGUNTES

Dedicada ao meu amigo Benício Schmidt

Não me pergunte onde estou
-Simplesmente não estou.
Prefiro ser a estar.
De resto correria o risco de dizer
Como bom mineiro que nunca fui
Mas cujo espírito, por prudência, aprendi a carregar
Que estou onde sempre estive
No ponto onde o relógio bate três vezes na madrugada
Segregando fantasmas que se espalham
Como espantalhos do meu sono

Não me pergunte como sou
Nem eu me conheço
Prefiro sentir a pensar
De resto correria o risco de dizer
Como bom menino que nunca fui
Mas cuja imagem me perseguiu miticamente
Que sou o que de mim fizeram
Minha herança genética, fôrma e desconfortos
Impondo-me doses diárias de desonra
Que me reduziram a frangalhos da minha unidade

Não me pergunte como me sinto
Há muito já não sinto
Prefiro respirar a sentir
De resto correria o risco de dizer
Como a grande maioria a que foi reduzida a diversidade
Neste paradoxo de tantos ismos seculares
Tudo bem! Obrigado!
Pior para a turma de NO LIMITE
Engulindo com um macarrão recheado de vermes
A pílula eletrônica do Prêmio Ignóbil do nosso tempo

Não me pergunte se respiro
Aliás já não respiro, só suspiro,
E expiro em mecânico gesto.
De resto correria o risco de respirar
Junto com outros seis bilhões e tanto de coetâneos
Os miasmas emanados pelo enterro de tantos ideais
Que vivi na descendência do iluminismo
Junto com os personagens do curto século que passou
Explodindo costumes bárbaros, hábitos encastelados

Na vã tentativa de apalpar inatingível verdade

Paulo Timm

Brasília ,23 de novembro de 2001

UM DIA QUALQUER

E como fosse um dia qualquer,
Destes, que em nada se distinguem da multidão,
Sem alma, nem referência sequer
Ao que quer que fosse
Pus-me pensamento
Evocando-me em devaneios
Sobre meus miseráveis esteios.

Afinal que fiz de mim
Se é que se espera de alguém que alguma coisa faça
Para que tal façanha de existir se mereça
Neste mundo tão sem rima quanto sem rumo e fim?
Cri em verdades que se dissolveram,
Tive amores que se perderam,
Fases que se sucederam...

Assim tornei-me um homem da minha idade
Sem nada almejar a ser nem ter como paradigma
Além da dúvida sobre esta impropriedade
Que carrego como estigma.
Já não tenho sobre as idéias certezas,
Já não tenho sobre a vida firmezas,
Nem sobre o tempo sutilezas.

Fiz-me sobre a rocha um petrificado vestígio
Inscrição anônima de outra era
A quem arrancaram a genealogia e o prestígio
Deixando apenas como imprestável hera.
Por acaso à intempérie me deixaram,
Por descaso caso não me fizeram,
Pouco caso à minha utilidade atribuíram .

Resta-me do que não me pertence o nada
Como nada pertencerá a ninguém um dia
Quando o sol cansar-se da rotina do dia-a-dia
À voragem devolvendo tudo em escura vertigem.

Aí me justifico a solidão
Única companhia sólida que se me dão
Neste dia qualquer de véspera do verão.

15 de novembro de 2001

Fado e Fato

Cada qual do seu destino corre atrás
Quando de bom presságio o intui
Mas dele com apuro reflui
Quanto o presente como mal atroz

E , assim, andando todos vamos
Lado a lado com o fado e fato
Debitando ao destino o errado
O certo a tudo que é dos humanos

Triste sina essa nossa
De inefável ciranda
Síderes e de-síderes disputando
Fazendo da história da gente uma troça

Um dia os agarro pelo pescoço
E exijo satisfação
Me explicam esta ambulante e eterna indagação
Ou vão os dois – fado e fato - para o fosso.

Quê sei eu?

Um não ser,
Não ser nada,
Angústia de nada ser.
Um nunca acabar,
Nadar, nadar...
Num mar sem fim, nem nada,
Sem nada saber.

Assim me vou,
Sou ido .
Feito nada.
Condoído de mim,
A caminho do meu zero.
Meu mero
Quê sei eu...?

Paulo Timm - Brasília, 13 de março de 2002

DOIS SEGREDOS

Há na vida dois grandes segredos:
Saber chegar e melhor sair.
Para chegar basta falar,
O bem sair impõe o calar.

Muitos impressionam na chegada
Aparentando prata fina,
Com muita graça e fala mansa.
Mas ao se despedir na primeira esquina,
Não deixam boa lembrança.

Daí os sábios preferirem
O silêncio que é puro ouro em pó.
Despedindo-se da falança
Calam a boca e é só
O que deixam como melhor herança.

Paulo Timm –BSB – abril/2002

BOM SENSO

Bom senso, todo mineiro sabe
É apenas isto:

 Senso

 Bom...

Nem mau, nem ótimo, muito pelo contrário,
Nem insano, nem por demais acertado,
Que até mesmo o certo
Levado a sério demais
Acaba dando no verdadeiro otário

Sabia-o já o grande filósofo grego... Eu estranho.

No princípio sentia-me um estranho
Quando me faziam do futuro uma promessa
Promessa de um estranho chegar
A tudo em primeiro lugar

Depois vi-me realizado
Fazendo da promessa um pecado
De a todo estranho por bem entregar
O meu privilegiado lugar

Hoje já não estranho
Tudo que ocorre ao redor
Aprendi que na estrada da vida
Quem vai ao ar perde mesmo o lugar

Confirmo assim velho ditado
Por muito tempo por mim rechaçado
O mal pode ser um pecado
Mas o bem quase sempre é desperdiçado

EU , ESTRANHO

No princípio sentia-me um estranho
Quando me faziam do futuro uma promessa
Promessa de um estranho chegar
A tudo em primeiro lugar

Depois vi-me realizado
Fazendo da promessa um pecado
De a todo estranho por bem entregar
O meu privilegiado lugar

Hoje já não estranho
Tudo que ocorre ao redor
Aprendi que na estrada da vida
Quem vai ao ar perde mesmo o lugar

Confirmo assim velho ditado
Por muito tempo por mim rechaçado
O mal pode ser um pecado
Mas o bem quase sempre é desperdiçado

BALADA DE UM REI NU

Louvado em primitivas lendas,
Cantado em verso,
Adorado em altares nos quais se lhe imolavam vidas inocentes

O sol ,
Nosso ur-ancestral cósmico de referência,
Fonte maior da energia
Que nos anima
No bojo de temporais transplanetários,
Aí aglomerados prótons, elétrons ,neutrinos
outras mais ínfimas partículas que nos golpeiam
à ferocidade da luz,
É um filho ilustre,
alimentado em sua gestação pela placenta
Do big-bang sideral da “super-nova”
Que lhe deu origem.

Mas é uma estrela menor,
de segunda , quem sabe (?) terceira grandeza.

O sol,
Mesmo deificado, já na meia-idade
Não passa de uma engenhoca nuclear balzaquiana,
Ávida de hélio
-como nós do oxigênio-
para sobreviver em permanente estado de ebulição ,
sob o qual pontificará majestoso outros quatro bilhões e pico de anos.

Aí o sol,
Como um pai primevo,
Já terá iniciado a comilança de seus filhos
-mesmo o mais dileto , como nós -
Levando consigo não só as sete primeiras ,
mas todas maravilhas da humanidade neste planeta:
Os vestígios das grandes obras depositadas nos maiores museus do mundo,
Os versos de Virgílio, Petrarca, e do Poetinha Vinicius
Os posters de la Monroe, a “Madonna”,
As cópias de “Casablanca”, dos filmes do Fellini e do Bergman,
O mais triste será perder-se, neste holocausto,
A memória dos Beatles com suas baladas românticas,
E alguns *inolvidables* boleros.

Tudo perdido. Tudo em vão...
Ir-se-ão as mais belas histórias de amor junto com a das mais vis traições.
As memórias de Sócrates, Cristo, Marx, Bush e da família Hussein.
As vitrines de Paris, o horror do Trade Center, a neve dos Alpes,
as garotas de Ipanema, o exército de terracota da China,
as alturas de Machu Pichu...

Não sobrar nada.
Sequer a ilusão de darmos origem a um sistema equivalente
Nos bilhões de anos subseqüentes.

Pois nosso amado Astro Rei,
Já por ser uma decadente estrela menor,
Como um país subdesenvolvido ,
Não tem potência explosiva suficiente para
Na sua extinção
concelebrar-se pirotécnicamente
No nascimento de um novo sistema de energia cósmica polarizada.

Acabando-se-lhe o combustível nuclear
Arrastar-se-á ,
Simplesmente,
Melancolicamente,

Como um calhambeque ladeira abaixo,
`A mercê ,

apenas,
da força gravitacional da sua imensa massa morta.

Esta o reduzirá

-e todo o seu sistema-
à humilhante condição de lixo nuclear.

Uma nebulosa opaca

e sem graça
atravessada por alucinados cometas que lhe arrancarão os pedaços
como se fossem nuvens vaporosas.

Como um vendaval arrasta as folhas caídas no outono ..

Natureza e história pulverizados numa só impressão
num sopro do tempo,
lapso de eternidade...

Rosa do Mar 22 de julho de 2003

CARIOTECA...?

O milagre da vida na lama ancestral,
Animáculos aninhados *en lo más genital de la geologia*,
Envolto nas fumarolas da sua transpiração,
Fazendo-se em epidemias que dizimam outras espécies sem piedade
À medida que elas avançam sobre seus naturais *habitats*
Hoje o ambiente globalizado mais tenso neste confronto sem fronteiras
A natureza vingada na peste
A civilização ameaçada
Criaturas de outro mundo visíveis aos nossos olhos milhões de anos depois.
Pura curiosidade de um holandês
Em tempos idos e vividos
Na Holanda?
Ah! O Brasil quase foi holandês...
Também os médicos , à época , não lhe foram receptivos:
-“A origem do mal está na podridão dos ares , nos miasmas que daí exalam”.
Pobres ares!... E lá se iam os doentes em busca de melhores ares....
Panos imundos de sangue pendurados nas portas contra-cenando com a saúde.
Nada se entendia sobre assepsia
Claro! Os sujos são os mais doentes.
Os locais imundos das cidades,
Cidades medievais, cidades industriais , submundos do terceiro mundo.
A medicina resgatada por Pasteur, o contágio revelado.
O mundo nunca mais foi o mesmo.
Os pobres tornam-se caros
Os caros se salvam.
A explosão demográfica do Século XX
Seis bilhões de homens e mulheres sobre ao planeta.
Graças à penicilina, à água tratada, às vacinas em massa.

O microscópico vírus
Sem qualquer célula ainda formada
Nem qualquer invólucro que lhe proteja
Ou organeas múltiplas que lhe animem as funções
Apenas uma espiral genética
Pela própria fragilidade predisposta à constante mutação,
Como um playmobil vivo
Multiplicando-se aos bilhões
Maior parte ainda desconhecida da ciência
Outra ainda por vir-a-ser
Encostando-se preguiçosamente em células adjacentes
Dos organismos mais complexos
Até drenar-lhes toda a energia,
Condenando-as à morte
Enganando suas defesas

Alguém sabe a Idade da Terra?
Alguém sabe a Idade da vida?
Alguém sabe a Idade do Homem?

Depois os organismos propriamente celulares.
Dos minúsculos , ditos protozoários , com apenas uma, às bactérias,
Até os gigantes mamíferos reunidos em 14 espécies
O homem pontificando na cadeia evolutiva.
A qual incorpora no seu convívio diário

Com o carinho da domesticação
Abrindo espaços para a contaminação no andar dos seus espaços.
Neles as células se aglomeram aos milhões,
Todas elas carregadas de colônias de micro-seres ardentes
As células são gregárias e viajadeiras
Com organelas que se desenvolvem no exercício de funções próprias.
A vida de uma única célula,
A economia do seu corpo, tudo no devido lugar:
-Alimentação, respiração, circulação, sensibilidade ao meio externo -
Até o limite da representação humana: o nascimento da “ alma”.
Agora , à função do órgão,
se impõe categoricamente o poder de representação,
dando origem à História , sentenciando à morte o destino .

A diferença entre os primitivos seres a-celulares e os que lhe sucedem?

Muito pequena:

Apenas uma carioteca.

O que é isto?

Nada a ver com caricatura,

Muito menos com biblioteca,

Não! Nada disso!

Descubra!

E terá aprendido sua primeira lição de biologia...

